

JOSENILDO BARBOSA FREIRE

O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA

*de leitura
e escrita:*

**relato de uma experiência de
ensino-aprendizagem**

**O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA
DE LEITURA E DE ESCRITA:
relato de uma experiência de
ensino-aprendizagem**



Pedro & João
editores

JOSENILDO BARBOSA FREIRE

**O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA
DE LEITURA E DE ESCRITA:
relato de uma experiência de
ensino-aprendizagem**



Pedro & João
editores

Copyright © Josenildo Barbosa Freire

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Josenildo Barbosa Freire

O jornal escolar como prática de leitura e de escrita: relato de uma experiência de ensino-aprendizagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 181p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0904-3 [Impresso]

978-65-265-0905-0 [Digital]

1. Jornal escolar. 2. Leitura e escrita. 3. Relato de experiência. 4. Ensino-aprendizagem. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Agradecimentos

Aos meus ex-alunos da Educação Básica;

Aos meus pares, que além de amigos, tornaram-se parceiros do processo de ensino e de aprendizagem;

A todos que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Sumário

	Prefácio	9
	Andréa Regina Bezerril Barros	
	Apresentação	13
	Capítulo 1	17
Concepções de língua(gem) e seus impactos sobre as práticas de leitura e de escrita		
	Capítulo 2	31
Concepções de leitura e de escrita		
	Capítulo 3	37
Texto, gênero e discurso		
	Capítulo 4	49
Língua escrita: algumas reflexões		
	Capítulo 5	57
Jornal escolar: como se faz? alguns caminhos possíveis		
	Capítulo 6	67
Registros de jornais escolares		
	Considerações finais	173
	Referências	175
	Sobre o autor	181

Prefácio

Josenildo Barbosa Freire, filho de Manoel Claudiano Freire e Severina Barbosa Freire, e casado com Solange Bernardo da Silva Freire, nasceu em Nova Cruz – RN, em 25 de maio de 1979. Ao longo de sua trajetória educacional, o professor Josenildo optou por instituições públicas de ensino, pois acredita no valor e no potencial do ensino público, sendo um grande defensor dessa modalidade de ensino.

Prosseguindo sua formação no Ensino Superior, é graduado em Letras pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba e possui mestrado em Linguística pela UFPB - Universidade Federal da Paraíba; e também é Doutor em Linguística pela mesma instituição, UFPB, Campus I de João Pessoa.

Desde o ano de 1999, é professor de Língua Portuguesa na rede municipal e estadual de ensino do Rio Grande do Norte, acumulando mais de 24 anos de serviço dedicados ao ensino em escolas públicas. Recentemente, obteve a aprovação para atuar como Professor de Produção de Textos, na UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Sua pesquisa acadêmica está focada na perspectiva do uso da língua em contextos sociais, baseada nos pressupostos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1968, 1966, 1972).

O livro *“O JORNAL ESCOLAR COMO PRÁTICA DE LEITURA E DE ESCRITA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM”* escrito pelo professor Josenildo Barbosa Freire é composto por seis capítulos e tem como principal objetivo auxiliar no desenvolvimento das práticas sociais de leitura e de escrita no contexto escolar. Além disso, também permite trabalhar com os eixos de leitura, de produção e de análise linguística/semiótica de forma pedagógica.

É sabido que é responsabilidade da escola oferecer um ensino de qualidade aos alunos, que beneficie a todos. Também é importante destacar que, diante do atual contexto social, a escola enfrenta sérios problemas sociais, culturais e estruturais como instituição responsável por fornecer essa educação.

No entanto, é fundamental considerar a importância da escola na formação dos alunos como leitores, desenvolvendo habilidades de letramento. Enquanto, professor, levando em consideração todo esse cenário, o autor propôs essa obra com o intuito de capacitar o aluno a utilizar a linguagem de forma social, dentro da perspectiva sociointeracionista.

Este livro traz uma proposta de produção, de circulação e de publicação de uma experiência de ensino-aprendizagem denominada de Jornal Escolar como uma estratégia facilitadora das práticas sociais de leitura e de escrita no ambiente escolar.

Cada dia mais a escola tem a função de inserir práticas e estratégias de leitura, de escrita e de interpretação de textos, que venham contribuir na formação de um leitor, e escritor e interprete de textos proficientes.

A produção e a divulgação dos textos presentes nos exemplares dos Jornais Escolares que compõem o corpus deste trabalho foram realizadas em duas escolas públicas no interior do Rio Grande do Norte. Todos os textos do corpus foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa, anos finais do Ensino Fundamental II.

Os alunos-autores, sob orientação do professor, elaboraram a produção escrita, a reescrita e até mesmo a retextualização dos gêneros produzidos utilizando diferentes protocolos de leituras e de escritas. A seleção dos gêneros textuais/discursivos para compor cada Jornal Escolar foi resultado de diferentes aspectos sociocomunicativos, especialmente aqueles relacionados à dinâmica interna de cada escola.

Isso inclui eventos importantes no contexto escolar e também a percepção do professor ao trabalhar tanto os aspectos internos quanto os sociodiscursivos de um determinado gênero discursivo.

O último capítulo desta obra, por assim dizer, apresenta os textos produzidos pelos alunos, sob a orientação do professor, nos quais encontramos uma diversidade de temas e gêneros textuais explorados pelos estudantes.

Neste ponto, é possível constatar a importância desse trabalho de estímulo à leitura, à produção e à interpretação textual, resultado de um esforço estruturado pelo professor em prol do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem da leitura na perspectiva do letramento. Tudo isso tem como objetivo fazer com que o aluno se torne um cidadão atuante na sociedade no futuro.

Andréa Regina Bezerril Barros
Mestranda do Profletras - UFPB

Apresentação

A organização, a produção e a publicação de eventos de letramentos como a de um Jornal Escolar (também denominado de jornal mural) constitui uma das maneiras de desenvolver as práticas sociais de leitura e de escrita no ambiente escolar e, ainda, permite o trabalho pedagógico sobre os eixos de leitura, de produção e de análise linguística/semiótica.

As práticas de leitura e de escrita são essenciais ao desenvolvimento do estudante como sujeito da sua própria aprendizagem, além de permitir sua participação nos mais diversos eventos sociocomunicativos da interação verbal. Assim, a escola precisa oportunizar situações – eventos de letramento, por exemplo –, em que o aluno se torne protagonista do seu fazer por meio do uso da leitura e da escrita como práticas sociointeracionistas da língua(gem).

Descrevemos, neste livro, como ocorre a produção, a circulação e a publicação de uma experiência de ensino-aprendizagem denominada de Jornal Escolar como uma estratégia facilitadora das práticas sociais de leitura e de escrita no ambiente escolar. Para tanto, nos apoiamos nos trabalhos que versam sobre o letramento (Soares, 2006; Rojo; Moura, 2019; dentre outros) que evidenciam o letramento como uma perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e de escrita.

Entendemos que o letramento escolar pode ser um passo importante no processo de aquisição da leitura e da escrita – assim justificamos também este presente trabalho –, mas não pode ser o ponto de chegada. Os usos da leitura e da escrita ultrapassam os limites de um estabelecimento de ensino: elas demandam outras práticas sociais, como também ocorre na vida cotidiana dos

estudantes quando não estão circunscritos no ambiente escolar, mas em outros espaços de (multi)letramento(s).

Não há dúvidas de que o papel social da escrita nos diversos segmentos sociais é central. Segundo Dolz (2018; em apresentação oral), ela constitui “[...] fator de desenvolvimento social e cultural de um país”, isto é, permite o progresso de toda a nação. Se escrever e ler já eram atividades requeridas em períodos anteriores ao contexto atual, ainda mais são na nova configuração social das sociedades atuais.

Um dos desafios impostos às sociedades contemporâneas é favorecer o acesso pleno às habilidades e competências (Brasil, 2018) das práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, a universalização do letramento (Soares, 2006). Entendemos que esse processo de universalização se constitui como um desafio por uma série de razões políticas, sociais, econômicas, estruturais e até pessoais.

As sociedades estão em permanente processo de mudança, o qual provoca efeitos sobre os usos das língua(gens). Isso nos leva a afirmar, então, que língua, língua(gem) e sociedade se condicionam, de modo que as teorias linguísticas precisam se atualizar. Assim como em períodos anteriores permitiu-se o surgimento do termo “letramento”, atualmente, segundo Rojo e Moura (2019), há outros termos que procuram abarcar as novas exigências que a escrita e a leitura desencadeiam: letramentos, multiletramentos, novos letramentos, dentre outros.

Na atualidade, a produção, a circulação e a recepção de textos vão além do escopo do escrito e/ou do oral. Há novas tecnologias e multiletramentos que permitem a ocorrência simultânea de várias semioses (imagéticas, sonoras, performáticas, verbais...) para produzir unidades de sentidos nos gêneros textuais/discursivos. Isto é, novos gestos e interpretações de leitura (autor-suporte-leitor) são definidos e requeridos.

Novos gêneros discursivos como memes, gifs, remix, mix, AMV, dentre outros, foram amplamente implementados nas práticas sociais de falantes e escreventes e resultaram das

atividades de letramentos centradas não só na base grafocêntrica, mas incorporaram elementos dos contextos multimodais (multissemióticos).

Essa nova realidade social demanda novas formas de produção, de circulação e de recepção de gêneros do discurso orais, escritos e multissemióticos. Em vista disso, pode-se perguntar: o que é ler e escrever nesses novos contextos? Qual o papel da escola? O processo de ensino-aprendizagem de língua materna precisa dar respostas satisfatórias a essas novas exigências sociais e cognitivas.

Essa discussão nos leva a outro questionamento: como exercer a cidadania plenamente sem dominar (participar) ativamente desses novos contextos/condições de produção, de circulação e de recepção de leitura e de escrita, visto que, caso contrário, ocorre a exclusão social? Ler e escrever são práticas de cidadania!

Neste sentido, a escola cumpre um importante papel social: pode ser uma das agências sociais que viabiliza o desenvolvimento das habilidades e das competências de leitura e de escrita. Dessa forma, entendemos que, mesmo timidamente, a produção de um jornal escolar pode constituir um evento iniciático de outros eventos de letramentos.

A leitura e a escrita devem ser práticas sociais centrais na Educação Básica. Devido a isso, entendemos e defendemos que esses processos devem ocupar um nicho no interior das práticas pedagógicas, voltados essencialmente para ler, (re)escrever, interpretar e fazer uso dos diversos elementos da oralidade.

Essa postura passa necessariamente pelas concepções de língua(gem) e suas implicações para o ensino de texto em Língua Portuguesa, pela reflexão em torno da díade gêneros textuais/discursivos e ensino, por permanentes processos de escrita, reescrita e retextualização e pela consideração do texto como objetivo/objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa.

Considerando essas palavras iniciais, este livro está organizado em seis capítulos. Nos dois primeiros capítulos trato,

respectivamente, de “Concepções de língua(gem) e seus impactos sobre as práticas de leitura e de escrita”, e de “Concepções de leitura e de escrita”. No terceiro capítulo intitulado de “Texto, gênero e discurso”, volto a atenção para aspectos teóricos dessa relação trinitária. Esses três capítulos são ampliações das discussões realizadas em Freire (2019). No capítulo quatro, faço uma reflexão sobre pontos em torno da língua escrita e sua influência para a produção escolar. No capítulo cinco apresento o desenho metodológico percorrido para a produção, a organização e a publicação de um jornal mural, indicando alguns caminhos possíveis. Por fim, no sexto capítulo trago à baila alguns exemplos dos registros de jornais escolares já organizados e publicados em duas escolas da Educação Básica.

Josenildo Barbosa Freire
Verão de 2023.

Capítulo 1

Concepções de língua(gem) e seus impactos sobre as práticas de leitura e de escrita

Se a fala humana fosse apenas um sistema de comunicação, não haveria como (nem por que) distingui-la da linguagem de outros animais. Mas ela é muito mais do que um sistema de comunicação, porque nós podemos fazer outras coisas com a linguagem além de simplesmente comunicar alguma informação para outros seres [...] (Grolla e Silva, 2014, p. 14).

A realização das práticas de leitura e de produção de textos em diferentes âmbitos do ensino passa necessariamente por uma concepção de língua(gem) adotada pelo professor, a qual conduzirá sua postura pedagógica no contexto escolar. Sendo assim, de forma consciente ou não, o professor realiza seu fazer docente pautado por uma definição de língua(gem) que influencia seu modo de agir. Seja considerando análise de aspectos gramaticais e/ou de elementos textuais, a prática pedagógica do professor é orientada por uma concepção de língua(gem).

A postura do professor ao fazer a escolha por uma abordagem linguística deve ser consciente pois, assim, os resultados colhidos serão mais produtivos. Neste sentido, nos associamos aos princípios que norteiam o processo pedagógico formulados por Xavier e Zen (1998, p. 7) ao estabelecerem:

- 1) A ação pedagógica não se acomoda ao contrário incomoda-se;
- 2) A revisão das ações deve ser permanente, com base em estudos recentes;

3) A prática deve ser suficiente, para que não se adote o paradigma substituidor de tudo nas salas de aula;

4) O bom senso e a disposição para as novidades do conhecimento geram atitudes pedagógicas competentes.

Tradicionalmente, há três concepções de língua(gem) que estão cristalizadas no interior dos estudos linguísticos: língua(gem) como representação do pensamento, língua(gem) como instrumento de comunicação e língua(gem) como interação (prática social e histórica).

Koch (2003) aborda alguns pontos dessas perspectivas. Para tanto, explicita que as diferenças entre essas três concepções de língua(gem) estão centradas e referidas, respectivamente, como “espelho do mundo e do pensamento”, “ferramenta de comunicação” e “lugar de ação ou interação”. Essas perspectivas estão alinhadas com abordagens linguísticas. Assim, a concepção de língua(gem) voltada para expressão do pensamento está vinculada com os estudos gregos, que tomam como parâmetro a gramática tradicional; já o modelo de língua(gem) como instrumento de comunicação está alinhada com os estudos de bases estruturalistas e funcionalistas de cunho jakobiniano; e o quadro de língua(gem) como prática situada sociohistoricamente está voltado para as perspectivas linguísticas centradas no uso.

No contexto atual das práticas de ensino de língua materna, as quais emanam dos novos conjuntos sociais, culturais, históricos e cognitivos, entendemos que somente a terceira concepção de língua(gem) contribui para realização do ensino que contemple práticas inovadoras e significativas – em oposição às práticas mecânicas/tradicionais oriundas do fazer pedagógico quando apoiado na concepção de língua(gem) como forma de representar o pensamento e/ou como instrumento de comunicação.

Nos termos de Koch (2003, p. 7-8, grifos da autora), a linguagem como inter-ação é assim definida:

[...] Como *atividade*, como *forma de ação*, interindividual finalisticamente orientada; como *lugar de interação* que possibilita

aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando aos estabelecimentos de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

Uma das vantagens de conceber a língua(gem) como interação reside no fato de que conseqüentemente a língua passa a ser entendida como uma atividade social, plástica e maleável, isto é, como um reflexo direto do que é o dinâmico comportamento social dos sujeitos, que alternam usos linguísticos diversos conforme suas necessidades comunicativas e expressivas. Assim, esse modelo requer a ação do sujeito/aluno e não a passividade, pois ele age e tem conhecimentos.

O texto, então, é lugar de atribuição e de construção de sentidos, de discursos, especialmente ao evidenciar que todo o fazer linguístico é predominantemente discursivo. Há uma ação entre sujeitos que agem e interagem social, cultural e cognitivamente para alcançar determinados fins por meio de língua(gem) e o texto é fundamental para que isso aconteça.

Essa visão de língua(gem) como uma prática social está prevista no documento normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018) quando propõe como uma das competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (Brasil, 2018, p. 65).

Neste contexto, é pela e “na inter-relação dos níveis gramaticais que o texto se materializa e seus efeitos de sentidos são produzidos” (Casseb-Galvão; Duarte, 2018, p. 13). Ainda para as referidas autoras, o “reconhecimento da linguagem como atividade social e histórica, enunciativamente condicionada às noções de fluidez, motivações cognitivas e de contexto de uso, com isso codificando relações representacionais e relações

interpessoais” é uma necessidade no interior das escolas brasileiras (Casseb-Galvão; Duarte, 2018, p. 13).

Em relação às práticas de leitura e de produção de textos, estas passam a ser concebidas centralmente como processo de interlocução, envolvendo a tríade autor-texto-leitor. Não há soberanias entre essas partes, mas relação mútua e cooperativa permanente entre esses elementos. Essas práticas não são estanques, muito pelo contrário: elas se constituem como processos que demandam ação de seus praticantes.

Há, então, um alcance maior a ser atingido, tanto pelo professor quanto pelo aluno, e, conseqüentemente, por toda a rede de ensino, ao considerar leitura e escrita como práticas sociais. Desde a antiguidade buscamos maneiras de compreender como os sujeitos realizam a leitura e a escrita em diferentes contextos e a visão interacionista de língua(gem) tem sido profícua nessa direção, sobretudo ao destacar o papel central que o aluno-sujeito ocupa nessas atividades languageiras do ler e do escrever.

Koch (2016) explica como a atividade de produção textual se realiza. Para tanto, inicialmente a autora apresenta aspectos da Teoria da Atividade Verbal, aquela baseada em Loent’ev (1971), definindo-a como “a adaptação ao fenômeno da ‘linguagem’ de teoria da atividade de caráter filosófico, articulada com uma teoria da atividade (social) humana [...]” (Koch, 2016, p. 13).

Neste sentido, a pesquisadora traz para o cenário a abordagem interacionista - de se fazer e/ou usar a língua(gem) - que articula a capacidade humana de interagir entre sujeitos a partir de uma dada finalidade em uma certa situação comunicativa da interação verbal. Desse modo, fica evidente que nosso fazer linguístico é sempre orientado por uma determinada finalidade.

Esse papel ativo e central dos sujeitos tem sido colocado em segundo plano pelas abordagens de língua(gem) centradas na “expressão do pensamento” e no “instrumento de comunicação”. Em relação ao ensino que se baseia nessas abordagens, coloca-se o

aluno como um mero “reprodutor” de discursos e “procurador de respostas” nos textos lidos. A visão interacionista (re)coloca o sujeito/aluno no seu devido lugar: um agente do fazer linguístico.

Koch (2016, p. 16) ainda descreve que “a linguagem é uma forma de atividade e, assim sendo, deve ser encarada como uma atividade em geral, e, mais especificamente, como atividade humana [...]”. Neste sentido, a autora destaca o lugar central que o agir do sujeito ocupa, por meio de um sistema simbólico que culturalmente representa as mais variadas formas do fazer humano. Ao fazer uso de um sistema de signos, o falante não apenas reproduz, mas dialogicamente ocupa um espaço social para dizer, para pôr em prática seu “projeto de dizer” e, assim, produzir e dar sentido às práticas mediadas pela língua(gem) humana.

Koch (2016) também apresenta algumas propostas no interior da Linguística Textual que assumem a Teoria da Atividade Verbal como postulado teórico-metodológico. Segundo a autora, essas perspectivas, salvo as suas dimensões específicas, todas consideram na atividade de produção textual o leitor/escritor como sujeito que, em interação com outros sujeitos, por meio do objeto-texto combina suas necessidades e seus objetivos ao uso de um sistema linguístico específico.

Segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018, p. 33), “a atividade verbal é necessariamente textual”. Assim, pensar desse modo é ampliar os horizontes do ensino de língua materna e lançar luzes sobre o fazer pedagógico do professor, o qual deve considerar o texto como objetivo/objeto de ensino das aulas de língua portuguesa.

Esse postulado não é recente no interior dos estudos linguísticos, mas ainda não alcançou todo o seu poder de abrangência, mesmo que mudanças significativas já tenham ocorrido no interior das escolas brasileiras. Desde a década de 1980, o ensino de língua materna vem passando por alterações significativas.

Ainda em 1984, Geraldi (1984) lança a obra “O texto em sala de aula”, um marco das novas práticas de ensino-aprendizagem,

que conclama aos professores a colocar o texto como unidade básica de ensino e aprendizagem. Já em 1997-1998, ocorre o lançamento dos PNC's (BRASIL, 1997a, 1998), incorporando parte das ideias de Geraldi (1984), da concepção interacionista de língua(gem) e de algumas contribuições oriundas de Bakhtin/O Círculo. Essas iniciativas constituem um divisor de águas no fazer do professor. Em 2018, em um contexto de turbulências políticas, ocorre o lançamento da BNCC (Brasil, 2018), inovando com a abordagem de ensino pautada pela divisão de competências e habilidades. Esses documentos auxiliam na reflexão da prática pedagógica quanto à adoção de perspectivas linguísticas no contexto escolar que favorecem o desenvolvimento leitor e escritor dos alunos.

Marcuschi (2008) realiza uma breve excursão sobre a história da Linguística no século XXI. Segundo o autor, “a linguística teve início há mais de 2.500 anos, na Índia, com Panini” (Marcuschi, 2008, p. 26). Também está nesse contexto de discussões que há as contribuições da “tradição greco-romana” com a criação das gramáticas normativas. Esses primeiros estudos linguísticos estão centrados na “ordem semântica e filosófica e não formal e morfológica”. Contudo, é somente com o franco-suíço Ferdinand de Saussure (1916) que se admite que nasceu a Linguística como ciência autônoma, embora podemos afirmar que desde o momento em que o homem passou a refletir sobre suas práticas languageiras e de outros sujeitos a Linguística já existia como um vasto campo de pesquisa social.

Para o mestre genebrino, a linguagem é repassada e reconhecida como uma instituição predominantemente social, ou um sistema convencional de signos que possibilita ao homem comunicar-se com outros indivíduos. Essa capacidade linguística é um fenômeno social, ou seja, é resultado de uma longa herança ou ainda de um contrato que histórica e culturalmente as gerações compartilham entre si.

Por sua vez, a visão gerativista de linguagem assume outra perspectiva teórica, lançando o olhar sobre a capacidade inativa

que o falante exibe de produzir e de identificar estruturas linguísticas. Nesse modelo de estudo linguístico, a competência linguística é resultado do conhecimento internalizado que todo falante tem de sua língua como um fato geneticamente determinado. Na visão racionalista de Chomsky (1965), a linguagem é uma faculdade mental/genética: está inscrita na composição genética da espécie humana. Porém, mesmo sendo inata não significa dizer que se desenvolva automaticamente.

Grolla e Silva (2014) apresentam as especificidades dos sistemas de comunicação humanos. Para os autores, constituem propriedades da língua(gem) humana: flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; dualidade (dupla articulação demonstrada por meio de fonemas e morfemas); descontinuidade (a percepção é categorial) e produtividade. Isso implica dizer que construímos e interpretamos novos sinais a todo instante, conforme as necessidades expressivas e comunicativas.

Ainda no século XX, enfoques e diversas perspectivas sociocomunicativas e sociocognitivas começam a dominar e a ganhar espaços na agenda linguística, pois “[...] analisam-se muito mais usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem dedicação à análise formal” (Marcuschi, 2008, p. 37) em detrimento da descrição e da análise da criatividade da linguagem humana que é regida por regras e estruturas gramaticais.

As contribuições pautadas pelas perspectivas estruturalistas e gerativistas são imensas ao ensino de línguas, todavia não conseguem captar as nuances específicas que as práticas de produção e de leitura de textos demandam. Assim, salientamos que a análise formal é também necessária no fazer da Linguística, visto que “há uma atividade criativa, mesmo quando a linguagem se sujeita às suas próprias regras” (FRANCHI, 2006, p. 51).

Segundo Melo (2018, p. 25), essa mudança de perspectiva de modelos teóricos no último quartel do século XX assume a “[...] análise sobre o funcionamento do processo de produção e consumo de textos orais e escritos sócio-historicamente.” No nosso entender, este é o foco que deve nortear o fazer o

pedagógico do professor de língua portuguesa ao tratar das questões de leitura, (re)escrita, retextualização, gêneros e tipos textuais, suportes, domínios discursivos, dentre outros aspectos dessa natureza que, mesmo considerando a língua como uma estrutura, não deixa de vinculá-la aos usos sociais que as situações de interação requerem.

Assim, os estudos linguísticos saem de uma abordagem de língua(gem) imanista (centrada na forma, na estrutura ou no instrumento como forma de comunicação); ou, ainda, de uma abordagem racionalista mentalista. Essa abordagem assume a tese de que a atividade cognitiva é exibida como parte do nosso conhecimento geneticamente determinado. Ambas estão representadas, respectivamente, pelas contribuições teóricas de Saussure e Chomsky. Por fim, os estudos linguísticos passam a uma abordagem de perspectiva interdisciplinar, com foco nas posições de como se realiza análise do discurso (atividade sociocognitiva) ou considerando as relações entre texto, gênero textual/discursivo e os discursos.

Nesse contexto, ainda segundo Koch (2003, p. 9):

Tanto a linguística estrutural quanto a gerativa, portanto, procuravam descrever a língua em abstrato, fora de qualquer contexto de uso. Muitos linguistas, especialmente em países europeus (tome-se como exemplo a França, a Alemanha, a Inglaterra), passaram a voltar sua atenção para a *linguagem enquanto atividade*, para as relações entre língua e usuários [...] (Destaque da autora).

Com essas mudanças de modelos ocorre um salto qualitativo e quantitativo no modo como as práticas de leitura e de escrita são realizadas no interior da escola. Marcuschi (2008, p. 51) sublinha “[...] que o ensino de língua deva dar-se através de textos é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados”. O texto passa a ser necessariamente a unidade básica e central do

ensino em detrimento de práticas pautadas em frases, palavras, trechos isolados ou até numa visão reducionista de texto.

Ao considerar o texto como unidade de ensino, outras questões são também tomadas, como por exemplo, a relação texto, gênero e discurso, a qual passa a ganhar espaço no fazer e na atividade reflexiva do professor. Essa visão de ensino-aprendizagem está prevista em documentos oficiais desde 1997-1998 e em 2018, respectivamente, representados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Bezerra (2017) destaca a noção de gênero como central para os estudos que pautem a relação gênero, texto e discurso. Assim, para ele, “[...] o gênero é a categoria que efetivamente nos permite passar do discurso ao texto sem que persista uma dicotomia entre ambos, por um lado, e sem que o gênero se reduza a um ou a outro” (Bezerra, 2017, p. 45-46). A tríade gênero-texto-discurso é uma categoria que funciona plenamente quando é tomada de forma imbricada. Categorizá-los sim, mas considerá-los dentro da perspectiva dialógica. Veremos mais aspectos da relação gênero-texto-discurso em capítulo posterior desta obra.

As atividades de leitura e de escrita realizadas de forma mecânica, reducionista e descontextualiza de seus contextos de usos reais (como as de identificação de categorias gramaticais ou de memorização de conceitos) devem ficar em segundo lugar. O processo de interação humana exige muito mais do que o reconhecimento de divisões gramaticais.

Mesmo assim, o pesquisador pernambucano Marcuschi (2008, p. 57) adverte: “[...] a primazia do aspecto cognitivo, comunicativo e social ou então textual e discursivo que o ensino assumiu não deveria obscurecer o aspecto sistêmico da língua”. Assim, é preciso articular ou conjugar essas duas formas de ensino no contexto escolar, visto que

[...] uma concepção estática, simplificada, reduzida e descontextualizada da língua e é um dos principais desafios

daqueles que se propõem contribuir para uma ressignificação da percepção de língua, linguagem e ensino (Casseb-Galvão; Duarte, p. 13, 2018).

A perspectiva textual-interativa que surge como consequência da visão da língua(gem) como uma prática interacionista admite que a língua constitui uma atividade sociointerativa, ou seja, conjuga, ao mesmo tempo, sistema e aspectos sociais, cognitivos, culturais, discursivos, históricos, dentre outros, dentro de um contínuo do fazer linguístico. Essa perspectiva de ensino pode favorecer o desenvolvimento de habilidades e de competências relacionadas com a leitura e com a escrita.

Entendo que as práticas pedagógicas vinculadas à leitura e à escrita incorporem no seu fazer as condições de produção, de circulação e de recepção da língua como princípio norteador para o ensino de língua. Ou, como destaca Martins (1982, p. 17):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam - aí então estamos procedendo leitura, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.

Marcuschi (2008, p. 64) propõe que o foco das práticas de leitura e de produção de textos esteja vinculado diretamente com o funcionamento da língua, por meio da análise de textos e discursos, ou seja, por meio do plano da enunciação. Desse modo, o texto deve ser considerado como uma “unidade de sentido”, haja vista que a atividade comunicativa humana ocorre sempre por meio de um dado texto. Assim, olhar para essa categoria é nuclear para o fazer docente.

Na defesa de uma prática de ensino de língua materna fundamentada em uma perspectiva sociointeracionista, Marcuschi

(2008, p. 63) admite que esse modelo de se fazer linguística reconhece a heterogeneidade na comunidade linguística; a heterogeneidade de estilos e registros numa língua e a heterogeneidade no sistema linguístico.

A escrita é assim como a fala: uma atividade heterogênea, que mobiliza a língua para ser concretizada nas situações de comunicação (Vieira; Faraco, 2019). Há convenções e composições que são específicas de um texto e não de outros. Para os referidos autores, “[...] cada gênero textual traz consigo uma série de convenções sociais, que podem ser entendidas como certos padrões estruturais recorrentes [...]” (Vieira; Faraco, 2019, p. 74).

Segundo Soares (2012, p. 261-262):

[...]a linguagem é um fenômeno social, o que leva ao entendimento de que o processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita não pode se configurar como um mundo à parte e não ter por finalidade a preparação do sujeito para a realidade na qual se insere.

Neste sentido, sendo a língua(gem) um fenômeno social, então ler e escrever não podem ficar à parte. Essa visão é resultante da compreensão de que agimos ao usar a língua e não simplesmente reproduzimos um conhecimento internalizado. Assim, a nossa comunicação vai muito além da produção de sons e grafemas: na verdade, agimos por meio da língua(gem).

Também Lira e Alves (2018, p. 105) vão nessa mesma direção ao afirmarem que “[...] a linguagem constitui a vida social” e “[...] possui importante relação com a vida”. Ler e escrever são práticas que estão diretamente ligadas com a vida, com o fazer de professores e de alunos no cotidiano das escolas.

Apesar de todo esse significativo avanço teórico-metodológico envolvendo as noções de leitura e de escrita, ainda verifico que há uma complexidade gigantesca envolvendo as práticas de leitura e de produção de textos no ambiente escolar. Tal prática requer tanto da escola (instituição social responsável

pelo ensino) quanto do professor (agente imediato dessas práticas) conhecer como ocorre o funcionamento das práticas languageiras dos educandos.

Segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018, p. 14), no ensino deve-se “[...] articular conhecimentos sobre língua, linguagem, gêneros, dimensões textuais e a relação discurso e gramática que emana do texto”. Vejamos quantas categorias de análise estão presentes nas práticas de leitura e de escrita que por vezes demandam do professor consistentes reflexões teóricas para realizar o seu fazer pedagógico.

Ao admitir que a língua(gem) é uma atividade interacionista, o professor deve conhecer e reconhecer parte do repertório cultural-linguístico – variantes linguísticas e variáveis – dos alunos e suas representações sociais de leitura e de escrita podem ser um bom começo para um planejamento escolar. Neste sentido, a língua é concebida como um sistema de identidade social, cultural e linguística e não apenas como um conjunto de regras. Essa visão de língua tem alcance extraordinário sobre as práticas de ler e de escrever.

Por exemplo, nas produções textuais dos alunos em que na sua variedade linguística o sistema pronominal esteja em claro e evidente processo de variação(sobretudo nas alternâncias entre a segunda pessoa do singular - tu -, pela variante “você”; ou também a segunda pessoa do plural - vós -, alternando com a variante “vocês”; ou ainda a expressão pronominal “a gente” concorrendo com o pronome “nós”), haverá repercussão sobre as produções textuais, sobretudo, ao se fazer a concordância verbal entre essas formas e suas respectivas formas verbais correspondentes. Os usos linguísticos desses alunos podem até não corresponder ao padrão linguístico esperado no ambiente escolar, mas tais usos são partes constitutivas do seu agir por meio da língua, tanto ao falar quanto ao escrever.

A variação linguística demonstra a amplitude dos usos efetivos da língua. As diversas e novas construções linguísticas que o sistema licencia é um exemplo dessa realidade variável das

línguas e revelam a capacidade criadora dos falantes de adequarem suas necessidades linguísticas às necessidades sociocomunicativas. Assim, para realizar práticas de leitura e de escrita satisfatórias e produtivas, deve-se considerar esse princípio funcionalista dos usos sociais da língua.

É fato que a língua recruta nomes e categorias que inicialmente não tinham a função x para exercer uma nova função, mesmo que seja utilizando-se da mesma forma linguística. Esses fenômenos e processos significativos ocorrem tanto nos usos da língua escrita quanto nos usos da língua falada, gerando uma nova configuração conceptual de itens lexicais, de morfemas, de sintagmas ou até mesmo de enunciados completos.

A noção de língua(gem) adotada pelo professor constitui o fio condutor da sua postura e da prática pedagógica realizada em sala de aula e não uma formalidade e/ou exigências de agências e/ou de documentos oficiais. Todo o fazer do professor é alicerçado em reflexões teóricas.

Para Gonçalves-Segundo (2018, p. 79),

A língua é um sistema, pois se organiza em uma rede de opções a partir da qual o falante, para construir sentido, seleciona determinada combinação de alternativas e a realiza nos diversos níveis: da fonética-fonologia ou grafologia (expressão dos sons e dos grafemas), passando pela léxico-gramática (organização da oração e seleção de palavras) e pela semântica discursiva (constituição do significado).

Assim, segundo Vieira e Macedo (2018, p. 54), foi “[...] com Bakhtin que a linguagem abandonou seu caráter monológico para assumir seu papel dialógico nas interações verbais.” Também, nesse sentido, nos associamos a Casseb-Galvão e Duarte (2018, p. 15), que propõem “um ensino de língua portuguesa voltado para o caráter dialógico e interativo da linguagem”.

A análise e a adoção das concepções de língua(gem) repercutem sobre as visões de leitura e de escrita, que passamos a discutir no próximo capítulo.

Capítulo 2

Concepções de leitura e de escrita

Quanto ao trabalho com a leitura, é crucial entender que ela tem função primordial na formação de nossos educandos. Assim, precisa ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do conhecimento de mundo, dos conhecimentos linguísticos, da intencionalidade do autor, entre outros. Texto, nessa perspectiva, não pode ser mais considerado como algo pronto e acabado, mas como um conjunto de pressupostos, intenções, implícitos que, somados aos fatores contextuais e intertextuais que evocam, criam um universo de leitura a ser desvendado pelo leitor (Bortone e Martins, 2008, p. 11).

As práticas de leitura e de escrita no contexto escolar estão diretamente relacionadas com as concepções de língua(gem) assumidas pelo professor. Assim, se a postura metodológica do professor estiver pautada pela abordagem interacionista, tanto leitura quanto escrita serão concebidas como processos, ou seja, como atividades.

Assumo, neste trabalho, como também foi em Freire (2019), que a leitura e a escrita são práticas essencialmente sociais e cognitivas, que vão muito além do componente puramente intelectual, que é também inerente ao ler e ao escrever. Escrever é um processo, assim, demanda um esforço contínuo e permanente do escritor. A escrita, portanto, não é um dom.

Leitura e escrita devem ser produzidas considerando os contextos de produção, de circulação e de recepção dos diversos gêneros textuais/discursivos de uma dada situação de

comunicação. Há a necessidade de se olhar para além da materialidade linguística e voltar a atenção para os mecanismos, os processos e os fenômenos de produção de sentidos que os textos veiculam, caso contrário, ficaremos ainda numa prática muito reducionista.

No interior dos estudos linguísticos e estudos aplicados ao ensino de leitura e de produção de textos há uma série de concepções que guiam ou podem guiar o desenvolvimento dessas duas práticas, conforme já assinalamos em Freire (2019). Martins (1982), por exemplo, já atestava que leitura e escrita constituem processos de atribuição de sentidos; Brasil (1998) propõe que essas atividades demandam um processo ou trabalho ativo dos seus participantes; Cafiero (2005) trata essas atividades como processos cognitivos de construção de sentidos; Kleiman (2008) parte da concepção de que os elementos cognitivos e social devem estar no arcabouço conceitual de leitura e de escrita; dentre outros.

Essas definições, mesmo ressaltando suas particularidades, compartilham aspectos e convergem para direções semelhantes, especialmente ao destacarem que essas duas práticas são construções ativas, não se restringindo à decodificação ou à codificação, mas assumindo perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem de leitura e de escrita.

Voltemos nossa atenção para dois documentos que norteiam o ensino de leitura e de produção de texto no contexto escolar, e que auxiliam com suas definições o que são esses dois processos.

Assim, os PNC's definem a leitura como "[...] o **processo** no qual o leitor realiza um **trabalho ativo** de compreensão e interpretação de textos [...] Trata-se de uma **atividade** que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação [...]" (Brasil, 1998, p. 69-70, grifos nossos).

Essa definição de leitura dos PCN's, que pode ser associada à de escrita, é muito produtiva e desemboca na noção sociointeracionista de leitura e de escrita. Quero ressaltar aqui as palavras que já se encontram em destaque na citação: processo, atividade e trabalho ativo. Elas, a meu ver, conseguem nos

aproximar da real definição em detrimento da visão mecânica e reducionista que envolve a prática pedagógica de alguns professores.

Conceber leitura e escrita voltadas para esse nicho em torno dos termos “processo, atividade e trabalho ativo” contribui para o desenvolvimento de práticas de interface, formalizadas em construções ativas e responsáveis pela formação de leitores e de escritores de textos variados de forma proficiente.

Para a BNCC (2018, p. 72):

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

Novamente, vemos mais um outro documento alargar as nuances de sentidos em torno do binômio leitura-escrita, principalmente ao evidenciar que a tendência moderna é formar o leitor/escritor competente, que é sujeito e age histórico e culturalmente localizado.

Essa visão demanda, por um lado, mudanças nas posturas dos agentes públicos de ensino-aprendizagem da escola – que é uma “agência de legitimação” do Estado (Coulmas, 2014) – e de professores; e, por outro, é necessário reconhecer que língua(gem) é uma atividade social.

Nesta concepção de leitura e de escrita, essas práticas envolvem necessariamente a realização de estratégias de ensino. Como já assinali, são processos e atividades que requerem um trabalho ativo dos seus entes envolvidos. Assim, por exemplo, Solé (1998) aponta como táticas envolvendo leitura e escrita práticas do “antes, durante e depois”; os PCN’s (Brasil, 1998) apresentam como estratégias as formas de “seleção, antecipação, inferência e verificação”; Cafiero (2005) fala de estratégias de decodificação e construção de coerência; e a BNCC (Brasil, 2018)

elencam uma série de competências e habilidades que são previstas para o ensino.

Essa discussão em torno do binômio leitura-escrita também nos leva a retomar o que Alves (2014) discute. A autora afirma que a preocupação com a temática da leitura e da compreensão de texto obteve maior crescimento nas últimas décadas do século XX. Entendo que não poderia ser diferente, principalmente porque com a implementação dos processos de urbanização e de industrialização que ocorreram nessas décadas desencadeou-se a valorização pelo que é escrito, corroborando assim com o pensamento de Certeau (1994): “a sociedade é predominantemente escriturística”.

Alves (2014) apresenta o percurso das principais teorias sobre a leitura. Assim, discute os aspectos relacionados aos modelos ascendente e descendente, bem como às perspectivas interacionista e discursiva. Retomemos brevemente algumas considerações da pesquisadora.

Em relação ao modelo ascendente, percebo que o foco da leitura recai sobre o processo de decodificação do texto escrito, ou seja, o interessante seria identificar elementos linguísticos (fonemas, morfemas, letras, vocábulos etc.). Assim, reconhecer esses elementos consistiria em saber ler. Além disso, vemos deslumbrar nessa concepção o método analítico (alfabetização no modelo tradicional) e o viés predominantemente estruturalista da abordagem de língua – concepções que atualmente não correspondem mais aos avanços dos estudos linguísticos/Educação, nem tampouco aos anseios das sociedades modernas. Esse modelo predominou entre as décadas de 60 e 70 do século XX.

Também, percebo que ao dar maior ênfase ao texto, de um lado, esse modelo deixa de considerar os implícitos: o dito nem sempre está no texto; e do outro, cria, no âmbito da escola, no aluno, uma atitude mecânica: a que busca insistentemente a resposta/opinião do autor no texto.

A partir das décadas de 80 e 90 do século XX, segundo Alves (2014), começou a emergir o modelo descendente de leitura. Há

um salto de qualidade em detrimento ao modelo anterior, uma vez que outras variáveis entram em cena como elementos explicativos do processo de leitura: o leitor passa a ser concebido como agente da leitura, e não mais como mero decodificador de texto. A leitura é compreendida como processo cognitivo, de modo que os conhecimentos de mundo/prévios passam a ser relevantes para se atribuir sentido ao que se está lendo.

Contudo, esse modelo também recebe críticas da professora. Para Alves (2014), o que aconteceu em relação ao modelo anterior foi a alteração da ordem que já estava estabelecida. Assim, esses dois modelos possibilitariam a realização de uma espécie de leituras mecânicas: no primeiro, do texto para o leitor; no segundo, do leitor para o texto. Em vista disso, é importante explicar que a leitura é uma atividade essencialmente dinâmica e que abarca outras nuances/dimensões que esses modelos não deram conta.

Dando continuidade à descrição do percurso das teorias da leitura, Alves (2014) chega à perspectiva interacionista, a qual se desenvolveu a partir dos anos 90 do século XX. Nessa perspectiva o texto passa a ser objeto de relação/contato/intermediação e a leitura envolve diretamente estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

A autora também revela que essa concepção de leitura está contemplada nos documentos oficiais do Ministério da Educação: nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil, 1998), e atualmente, na Base Nacional Comum Curricular. A nosso ver, essa medida constitui um avanço para a prática escolar de leitura, sobretudo porque passa-se a contemplar uma série de procedimentos eficientes que não foram realizados pelos modelos ascendentes e descendentes de leitura.

Por fim, em relação ao último percurso, a autora faz apontamentos acerca da perspectiva discursiva da leitura que também se implementou a partir dos anos 90 do século XX. Essa abordagem está diretamente ligada à Análise do Discurso da linha francesa, representada, aqui no Brasil, pela professora Orlandi

(1988). Assim, ler e produzir texto constituem atividades que exigem a reflexão sobre os elementos históricos, sociais, políticos, culturais, etc. que reverberam sobre a materialidade discursiva em estudo/leitura.

Entendo que a atribuição de sentido ao que se lê é fruto também da reflexão sobre as ideias e, ao mesmo tempo, à remissão dos discursos que sociohistoricamente estão cristalizados em nossas mais diversas interações. Também vislumbro avanços e ganhos com essa forma de se compreender o ato de ler, principalmente porque as capacidades do leitor são ampliadas nessas abordagens. Para se interpretar não basta ler apenas o que está escrito, mas, sim, mobilizar conhecimentos vários para se atribuir sentido ao que lê.

Ler, assim, passa a ser uma atividade de intervenção social sem a qual o texto escrito não consegue “dizer” o que foi feito para se dizer. Além disso, elementos outros poderiam ficar de fora do processo, tais como: questões relacionadas à intenção comunicativa (objetivo); aos interlocutores; às condições de produção, ao estilo de língua(gem) (formal, informal, etc.), aos meios de circulação, à produção/recepção; aos implícitos, à intertextualidade/interdiscursividade, dentre outras, que contribuem para a atribuição de sentido ao que se lê.

Esses dois últimos modelos de leitura nos fazem pensar e nos remetem discursivamente ao que aponta Martins (1982, p. 79) ao estabelecer que há três níveis básicos de leitura, os quais “[...] se interpenetram e se complementam”: sensorial, emocional e racional. Isso porque tais níveis evidenciam o aspecto da “agentividade” que envolve o processo de leitura e, nos termos de Alves (2014), remetem às dimensões interacionista e discursiva de leitura.

As noções discutidas tanto neste capítulo quanto no anterior dialogarão com o que abordarei no próximo capítulo ao tratar das questões de texto, gênero e discurso como elementos interligados.

Capítulo 3

Texto, gênero e discurso

O gênero não é ou discursivo ou textual, mas é simultaneamente indissociável tanto do discurso quanto do texto e seria um equívoco reduzi-lo a qualquer um desses polos [...] O ideal seria sempre pesquisar ou ensinar os gêneros a partir de sua configuração nas respectivas redes, cadeias, ecologias, conjuntos ou sistemas em que se constituem e circulam [...]. (Bezerra, 2017, p. 13-14).

A noção de gênero textual/discursivo ganha impulso nos estudos linguísticos com os trabalhos de Bakhtin/O Círculo. A categoria de gênero sempre foi objeto de estudo da Literatura e contemplava principalmente, na verdade, os tipos textuais: narração, descrição e argumentação. Em vista disso, podemos afirmar que a noção de gênero do discurso, em Bakhtin, é resultado de uma série de contribuições de outras áreas de estudo (da Literatura, por exemplo) e de teóricos (como Medvedev). A primeira contribuição a Bakhtin vem de gênero como obra literária, tomando como parâmetro os trabalhos de Medvedev, ou seja, um “sistema (histórico) total” (Renfrew, 2017, p. 186), o qual propõe que o gênero segue duas direções: está orientado para um leitor e para as condições definidas de realização e de percepção e também para a vida a partir de dentro.

Nesta perspectiva, gênero/obra é compreendido “[...] como um fato ou, mais exatamente, como algo historicamente realizado no contexto de sua realidade circundante” (Renfrew, 2017, p. 183). Assim, verifico que as condições de realização e de recepção vão

sendo destacadas como relevantes para se definir gênero como gênero discursivo.

De acordo com Renfrew (2017), o segundo modelo que contribui com a proposição de Bakhtin vem da noção de romance como um gênero predominantemente polifônico, constituindo uma forma híbrida e mista de dialogicidade entre os falantes. Dentre as definições bakhtinianas do que é romance, Renfrew (2017) destaca que este é o único “gênero num estado de vir-a-ser” (Renfrew, 2017, p. 185).

A terceira contribuição vem das formulações do próprio Bakhtin acerca de cronotopo, carnaval e gênero. Assim, Bakhtin passa a incorporar nos estudos de gêneros as relações de tempo e de espaço como condições de realização e de recepção de gêneros. Renfrew (2017, p. 187) afirma que “pode-se até mesmo dizer que é exatamente o cronotopo que define o gênero e as distinções genéricas”.

Ainda segundo Renfrew (2017, p. 189), “[...] a teoria bakhtiniana de gênero ‘dialógico’ ou ‘romancizado’ foi pensada para juntar uma teoria literária de gênero com uma concepção translinguística da língua viva”. Neste sentido, percebo que os elementos pragmáticos/contextuais são centrais para definir e operacionalizar a noção de gênero do discurso. Isso será muito importante como parâmetro operacionalizador desse conceito no contexto escolar, como veremos nos capítulos seguintes.

Por fim, as duas últimas contribuições vêm das noções de gêneros de discurso e de gêneros literários, a partir das quais Bakhtin divide os gêneros do discurso em primários (simples) e secundários (complexos), distanciando-se das formulações literárias. Assim, no primeiro grupo podem ser inseridos os gêneros de discurso doméstico (um bilhete, uma conversa informal) ou uma instrução militar; no segundo, o romance, a peça teatral, textos publicitários, entre outros.

Nessa discussão, Renfrew (2017, p. 190) retoma Voloshinov (Marxismo e Filosofia da Linguagem), que, afirmou “nas mais variadas formas do ‘enunciado’, na forma dos pequenos gêneros

de discurso, que até agora não foram minimamente estudados”, traz para o centro da discussão novos gêneros do discurso. De modo geral, podemos reconhecer que em Bakhtin, conforme atesta Renfrew (2017, p. 194), “[...] os gêneros discursivos refletem mais direta, clara e flexivelmente todas as mudanças que ocorrem na vida de uma sociedade. Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos são as correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da língua”.

Outrossim, “[...] o gênero é a categoria na qual as camadas (trans)linguística, literária e social da obra de Bakhtin convergem para aquilo que é quase uma teoria ‘unificada’ do que ele produziu em todos os estágios de sua vida” (Renfrew, 2017, p. 195).

Há diferentes abordagens teórico-metodológicas acerca das concepções de gêneros e tipos textuais/discursivos no interior dos estudos linguísticos que revelam, por si sós, a complexidade conceitual que existe nesse campo de investigação ao serem considerados como objeto de trabalho.

Assim, por exemplo, podemos citar a Escola de Sidney (Halliday, Martin, Christie), os Estudos Retóricos ou a Nova Sociorretórica (Miller, Swales, Bazerman), a Escola de Genebra (Schneuwly, Dolz, Bronckart), a Teoria Geral da Linguagem/dialogismo (Bakhtin/O Círculo), a Análise Crítica do Discurso (Fairclough), a Análise Textual dos Discursos (Adam), a Análise do Discurso de linha francesa (Foucault, Pêcheux), dentre outras.

A noção de gênero é central na agenda dos estudos tanto de natureza teórica quanto de natureza aplicada. Contudo, a tendência atual envolvendo a agenda dos estudos de gêneros é voltar a atenção para uma abordagem interdisciplinar desses objetos de pesquisa (Bezerra, 2017).

As definições acerca de gêneros textual/discursivo são amplas e exaustivamente diversificadas, constituindo uma tarefa quase que impossível de, num espaço deste trabalho, apresentar e discutir suas diversas nuances, visto que essa amplitude também está relacionada à adoção de critérios e/ou parâmetros que

justificam o uso dos termos *gênero textual* ou *gênero do discurso*, ou ainda, apenas *gênero*. Esses critérios podem ser de ordem interna (linguísticos e formas) ou de ordem externa (sócio-comunicativos discursivos).

Neste sentido, retomamos algumas das conceituações envolvendo a definição de gêneros textuais/discursivos. Bakhtin (2003 [1979]) assume que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pelas especificidades de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 2003 [1979], p. 261).

Para Bakhtin (2003 [1979]), a noção de gênero do discurso está ligada a enunciados relativamente estáveis produzidos a partir de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística. Essa noção ainda reflete a própria instabilidade humana que cria novos *tipos relativamente estáveis* conforme as necessidades expressivas e comunicativas dos sujeitos. Essa relativa estabilidade permite que o professor leve para a sala de aula uma significativa quantidade de textos para estudo.

Marcuschi (2008) considera que os gêneros constituem práticas sócio-históricas, sociocomunicativas ou eventos maleáveis resultantes das mais diversas interações verbais dos usuários da língua. Pensar assim é considerar os gêneros como elementos não

estanques, mas que são escritos, falados, digitais, multimodais e que ao mesmo tempo estão sujeitos à ação do homem.

Por sua vez, Bronckart (1999) afirma que os gêneros de textos consistem em mecanismos de socialização do agir linguístico dos interactantes, ou seja, instrumento de desenvolvimento humano. Ao assumir essa perspectiva, o autor ultrapassa os aspectos linguístico-textuais e adentra na análise de aspectos sociais e psicológicos da produção de gênero de texto.

Miller (1984) defende que os gêneros são ação social, ou seja, realizações de propósitos socialmente compartilhados pelos usuários da língua(gem). Assim, esses elementos comunicativos nascem das demandas das apreensões reais do cotidiano dos usuários da língua(gem) para atender a fins específicos.

Schneuwly *et al.* (2004) sugerem que os gêneros textuais sejam tomados, principalmente no âmbito escolar, como instrumentos de mediação do ensino de língua materna, sobretudo porque as atividades interacionistas do indivíduo se dão por meio de instrumentos (artefato material ou simbólico). Neste sentido, o texto como um instrumento do agir linguístico passa a consistir em um meio de conhecimento, e sendo o gênero de texto um instrumento, torna-se inevitavelmente em um meio semiótico complexo de forma semelhante como ocorrem em outros contextos de produção das ações humanas.

Para esses autores, a estratégia didática que concretiza essa prática é a sequência didática. A definição de sequência didática de Schneuwly *et al.* (2004) pode assim ser descrita: “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Schneuwly *et al.*, 2004, p. 82). A finalidade de uma sequência didática, por sua vez, é “[...] ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Schneuwly *et al.*, 2004, p. 83).

Já a estrutura de base de uma sequência didática, nos termos dos referidos autores, é a seguinte:

- Apresentação da situação: exposição do projeto de comunicação (apresentação de um gênero oral ou escrito, dos conteúdos);
- Produção inicial: primeira produção textual;
- Módulos: trabalhar os problemas identificados e solucioná-los (Oficinas);
- Produção final: versão final do texto produzido.

A atual conjuntura de estudos e pesquisas sobre gêneros textuais admite que essas unidades não sejam tomadas mais numa perspectiva sob o rótulo de entidades estanques de análise, mas de maneira que forma e função sejam tomadas articuladamente, resultando em ações de língua(gem) em diferentes situações de comunicação.

Assim, segundo Alves Filho (2011, p. 21):

[...] os gêneros deixaram de ser vistos como uma estrutura formal geralmente determinada *a priori* e passaram a ser vistos como estruturas semióticas, dinâmicas e flexíveis. [...] eles se incorporaram às situações vividas pelos seres humanos [...] gêneros como ferramentas semióticas (dotados de significados).

A discussão em torno de gêneros também envolve a polarização imbricada nos adjetivos *textual* x *discursivo*. Assim, nessa concepção, os gêneros textuais tratariam “[...] de aspectos constitutivos de natureza empírica, sejam intrínsecos ou extrínsecos à língua”, enquanto os gêneros discursivos tratariam “[...] de algo realizado numa situação discursiva” (Marcuschi, 2000 *apud* Bezerra, 2017, p. 22).

Desse modo, segundo Rojo (2005 *apud* Bezerra, 2017, p. 20), a flutuação terminológica entre gêneros textuais e gêneros de discursos, respectivamente, referem-se à “descrição da materialidade textual” e a “situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos”. Ainda segundo Bezerra (2017), essa questão terminológica também aponta não só para um modo de abordagem de gêneros, mas, sobretudo, para

uma filiação específica tomando como referência a proposta de estudos de gêneros de discurso de Bakhtin.

Contudo, a partir dos postulados da Nova Retórica, Bezerra (2017, p. 28) assinala que “[...] não existem dois objetos distintos, gêneros discursivos e gêneros textuais, como objetos do mundo exterior à linguagem e penso que não deveria haver tais objetos distintos em mesmo como objetos de discurso”. Neste sentido, gêneros são entidades semióticas que abarcam tanto a dimensão discursiva quanto a textual. Assim, deve-se olhar para a relação íntima/permanente entre texto, discurso e gênero e que a noção de gênero constitui forma, elemento ou até mesmo norte para apropriação da escrita e do ensino de língua, assim como fizemos com a realização do *Jornal Escolar*.

Alves Filho (2011, p. 27) também afirma que

[...] estudar os gêneros não é coerente com fazer polarização entre forma e conteúdo pelo simples fato de que estes dois componentes são inseparáveis e também pela razão de que os gêneros são holísticos [...]. O caráter holístico dos gêneros inclui, além de forma e dos conteúdos, valores, situações, ideologias e papéis sociais representados por sujeitos interagindo através de gêneros.

Assim, uma pedagogia de gêneros sensível aos reais usos da língua, ou seja, ao funcionamento da língua por meio de textos, deve pautar-se pelo caminho pedagógico que além de preocupar-se em descrever os elementos textuais dos gêneros, deve preocupar-se também com os aspectos discursivos, os sociais, os críticos, os históricos, os culturais, os ideológicos etc. da atividade de produção textual.

Essa prática permite que o professor desenvolva leitura e escrita como atividades integradas, visando a formação leitora e escritora dos alunos de forma que permita ao aluno-leitor/escritor inserir-se nas diversas formas de ação que ocorrem por meio da língua(gem) na sociedade.

Desse modo, além de analisar os aspectos linguísticos/estruturais inerentes da produção dos gêneros, também admitimos que o contexto de produção, de circulação e de recepção dessas produções linguísticas, bem como as práticas profissionais, as práticas discursivas, as práticas ideológicas, dentre outras, também podem ser objetos de ensino-aprendizagem.

Assumo que o nosso propósito comunicativo está voltado para a visão de gêneros como objeto de ensino. Assim, reconhecemos que as atividades de leitura e de escrita, a partir de objetivos claros e coerentes, devem funcionar nos gêneros como objeto de ensino-aprendizagem.

A relevância da noção de gênero para o ensino-aprendizagem de língua materna já é um consenso nas pesquisas teóricas e aplicadas, sobretudo porque permite

Reintegrar texto e contexto, forma e conteúdo, processo e produto, leitura e escrita, individual e social. Em última instância, a capacidade que o gênero tem de envolver tanto a forma como o conteúdo, tanto as restrições como as possibilidades, pode permitir captar a própria essência da escrita (Devitt, 1993, p. 584).

Todavia, devido à existência de diferentes abordagens teóricas sobre gêneros, conforme já assinalamos, cabe ao professor realizar uma escolha teórico-metodológica que lhe possibilite trabalhar adequadamente com os gêneros na sua prática pedagógica e, ao mesmo tempo, o auxilie no desenvolvimento das habilidades e das competências de leitura e de escrita.

Entendo que o trabalho com os gêneros na sala de aula permite o desenvolvimento de leitura compreensiva, de reflexão consciente e de produção de textos; por outro lado, ilumina metodologicamente o ensino de língua materna, sobretudo quando são incorporadas à prática pedagógica as contribuições das novas concepções de gêneros que surgiram nos últimos 30 anos.

Nos associamos a Brait (2006) quando afirma que há a necessidade de

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa 'materialidade linguística', reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (Brait, 2006, p. 13-14).

O ensino de língua portuguesa precisa romper com o ensino de tipologia clássica de gêneros de textos e mergulhar no vasto universo dos gêneros textuais/discursivos, permitindo ao aluno o amplo desenvolvimento de práticas de escrita e de leitura. Desde os PCN's (Brasil, 1997a, 1998) essa abordagem foi proposta e, atualmente, com a BNCC (Brasil, 2018), ela está sendo ratificada.

As modalidades retóricas (narração, descrição e argumentação) e o estudo de aspectos gramaticais não garantem a eficiência comunicativa dos sujeitos nas interações de comunicação. Há, como assinalou Brait (2006), a urgência de ir além da materialidade textual.

Pensar nas atividades de leitura e de escrita é refletir necessariamente sobre aspectos que envolvem as noções de texto, discurso, textualidade, reescritura textual, retextualização, tipos e sequências textuais, suporte, gramática, dentre outros aspectos que auxiliam no desenvolvimento dessas práticas alinhadas com formação cidadã. Caso contrário, elas não cumprem sua função social.

Dell'Isola (2007, p. 28) também propõe uma abordagem que contemple o ensino de gêneros como objeto de ensino. Para a pesquisadora, os caminhos podem ser, em um primeiro momento, para “[...] resgatar a noção de que os textos apresentam características próprias que são socialmente organizadas tanto na fala como na escrita. Por isso, as atenções devem voltar-se para a língua em uso, frisando-se a relevância de que o texto se manifesta por meio de gêneros” e, em seguida, para focalizar “[...] em primeiro lugar, os propósitos comunicativos e [...]” deixar, “[...] em segundo plano, os aspectos linguísticos” (Dell'Isola, 2007, p. 29).

Ainda para Dell'Isola (2007, p. 21), “a tendência atual é ver um contínuo entre texto e discurso, ambos com uma espécie de condicionamento mútuo”, visão que também é adotada por Bezerra (2017). Para este autor, texto, gênero e discurso são elementos ou categorias em inter-relação, e assim, “[...] o gênero não é ou discursivo ou textual, mas é simultaneamente indissociável tanto do discurso quanto do texto e seria um equívoco reduzi-lo a qualquer um desses polos” (Bezerra, 2017, p. 13).

Bortone e Martins (2008), ao discutir a construção da leitura e da escrita como práticas que são ensinadas e que são condições *sine qua non* para a integração do sujeito nas práticas sociais, elencam alguns novos paradigmas educacionais que devem estar voltados para o ensino de leitura e de escrita: comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos (aprender a refletir sobre sua competência discursiva); assumir a diversidade existente entre os alunos e saber lidar com ela (por exemplo, há falas mais monitoradas e menos monitoradas); incentivar atividades de enriquecimento cultural (perspectiva interdisciplinar e compreendendo os gêneros textuais como ferramenta de acesso ao multiculturalismo); desenvolver práticas investigativas; desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe; e utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio.

Essa discussão nos leva a entender que o trabalho escolar com gêneros não visa o desenvolvimento de textos ideais, mas que suas produções são processos. Sendo leitura e escrita

atividades sociais, exigem um esforço dos sujeitos envolvidos nelas, seja o professor (com o que é específico da sua natureza de trabalho), seja o aluno. Todavia, reconhecemos que a formação de leitores e produtores de textos comunicativamente bons é um desafio proposto, embora que formá-los eficientemente é outra função do professor de língua materna.

A reflexão que realizamos neste capítulo também nos remete a pensar sobre alguns aspectos envolvendo a língua escrita.

Capítulo 4

Língua Escrita: algumas reflexões

Quando a língua é estudada do ponto de vista de sua natureza social, incluindo os usos que a sociedade faz de seus recursos linguísticos, todas as razões justificam que se leve em consideração tanto a forma falada quanto a escrita (Coulmas, 2014, p. 24).

A escrita constitui um dos artefatos mais criativos da invenção humana. Desde o surgimento do homem, há registros de formas de comunicação entre seus pares. Esse processo se deu pela produção de figuras rupestres e, posteriormente, pela escrita cuneiforme, passando pela escrita hieroglífica, pictórica, até chegar à escrita no formato alfabético. A escrita possibilitou o aparecimento de novas formas e condições para a interação humana.

As primeiras manifestações escritas do homem datam do período de 3.400 a.C. Elas surgiram quando as necessidades e as relações comunicativas dos sujeitos não foram mais satisfatoriamente realizadas tão somente pela modalidade oral da língua. Segundo Coulmas (2014), a ágora, os mercados, as praças de mercado, dentre outros, constituem esferas públicas que registraram a existência da escrita como um processo longo da história linguística da humanidade. Desde o uso de óstraco, o homem vem testemunhando o uso da escrita como fonte instrumental e simbólica do seu agir, especialmente nas sociedades urbanizadas e industrializadas.

Além disso, consoante Bortone e Martins (2008, p. 10), o ser humano, “nas sociedades pós-industrializadas, [...] apropriou-se da leitura e da escrita incorporando as práticas sociais que as

demandam”. Desse modo, tanto a escrita quanto a leitura se tornaram práticas essenciais das mais diversas situações de comunicação.

De acordo com Coulmas (2014, p. 16), “a escrita existe há pelo menos cinco mil anos” e faz parte dos comportamentos cotidianos dos usuários da língua. No nosso atual contexto social poderíamos dizer “onde está o homem, está a escrita”. Assim, para ilustrar a importância da escrita pública e evidenciar que há profundidade histórica, Coulmas (2014) cita e descreve a existência de monumentos que testemunham esse fato, como por exemplo O Código de Hamurábi (paisagem linguística da Babilônia), A Pedra Roseta (paisagem linguística do Egito), A Inscrição de Behistun (paisagem linguística da Pérsia), Menetekel (paisagem linguística bíblica) e O Taj Mahal (paisagem linguística do Islã). Essas paisagens linguísticas marcam a presença humana por meio não da sua existência em si, mas principalmente pelo uso da escrita.

A escrita, então, não é apenas registro, mas marca da ação dos sujeitos ao interagirem por meio de uma das modalidades da língua. No contexto escolar, seu uso se tornou central, sobretudo ao possibilitar que o aluno-sujeito ocupe um lugar social: produtor de textos que, integrado ao discurso e ao gênero, permite que aja linguisticamente.

Podemos perceber que essas escritas anteriormente apontadas por Coulmas (2014) – que variam desde um conjunto de leis, decreto sacerdotal, registros de vitórias e lutas, orientações/advertências a reis até o registro da sagrada escritura em monumentos públicos – constituem formas embrionárias da função social da escrita.

Entendo que a escola e outros agente públicos do ensino precisam compreender qual é a função social da escrita. Nesse contexto, práticas assertivas de leitura e de escrita podem ser o caminho que favoreça essa descoberta. Duas perguntas precisam ficar evidentes na prática escolar: (i) para que se escreve e (ii) para

que se lê? Caso contrário, essas duas práticas sociais poderão não cumprir suas específicas tarefas no ambiente escolar.

Ainda de acordo com Coulmas (2014, p. 41-42),

A origem da escrita coincidiu com a urbanização, ou seja, com a emergência de formas complexas de organização social em cidades e com uma atividade econômica que produz um excedente para além da subsistência [...]. Não foi uma coincidência; ao contrário, uma estimulou a outra.

Para Geraldini (1996, p. 100), “[...] a conquista humana do domínio da técnica da escrita alarga incomensuravelmente, no tempo e no espaço, os horizontes de nossas possibilidades interativas, e por isso mesmo da constituição de nossas consciências.” Isso implica dizer que a escrita permitiu que o homem ocupasse outros espaços sociais.

Levando isso em conta, há um espaço do dizer por meio da língua escrita que a escola deve ocupar, até porque em outras situações sociais a interação humana também ocorre por meio da língua escrita. Seja no contexto das mídias digitais e/ou no da cultura da escrita, os alunos-sujeitos precisam agir comunicativa e eficientemente.

Entendo que pensar na escrita, principalmente em sociedades urbanizadas e industrializadas e situadas em contextos de mídias digitais, é também refletir sobre os modelos de códigos linguísticos ou de sistemas de significação social nelas existentes, visto que “[...] a escrita já não pode ser ignorada” (Coulmas (2014, p. 27). Por outro lado, tal realidade nos leva a pensar como tornar essa prática social acessível ao maior número possível de cidadãos.

Esse aspecto da centralidade da escrita nas sociedades não pode passar despercebido do público geral, e ainda mais das redes de ensino. A escrita se constitui como meio de permitir o acesso aos mais variados bens culturais, históricos, linguísticos, entre outros. O contexto atual de nossas sociedades – “escriturísticas”, nos termos de Certeau (1994); ou “das letras” –

em Coulmas (2014); ou ainda “sobre a influência da escrita – nos termos de Marcuschi (2005) nos impõe que as práticas de leitura e de escrita sejam desenvolvidas de modo a produzir significado social entre os interactantes envolvidos nessas ações. Desse modo, entendemos, também, que as práticas de leitura e de escrita envolvendo a atividade de Jornal Escolar, no contexto da Educação Básica, constitui uma ferramenta central que auxilia diretamente nessa direção. Assim, o uso da língua(gem) torna-se uma forma de significação.

Discutir sobre a escrita é também refletir sobre o papel social das atividades de leitura e de escrita no ambiente escolar. Para Coulmas (2014, p. 34), “[...] a capacidade de ler e de escrever é considerada em interação com a estrutura social e as práticas culturais, além de ser uma habilidade técnica.” Assim, a leitura e a escrita devem ser concebidas como atividades cognitivas e interacionais que devem ter prioridades em qualquer sociedade quanto ao seu desenvolvimento, conforme já assinali neste trabalho.

Segundo Coulmas (2014), a língua escrita é extremamente importante, o que não corresponde ao que foi proposto por Saussure e Bloomfield: a escrita é desimportante. Muito pelo contrário, a escrita desempenha papel central nas interações humanas. É tanto que, para Marfany (2010), sem escrita não há língua. Essa proposta de Marfany (2010) está assentada na noção de recursos e grupo de referência, conforme foi discutido pelo referido autor.

Coulmas (2014, p. 33-34) ainda destaca o lugar central que a escrita ocupa nas relações sociais: “[...] um número crescente de relações sociais e instituições dependem da língua escrita e são mediadas por ela.” Destaca, também, que “a língua escrita é veículo de educação para falantes de várias regiões e tende a ser concebida como o protótipo da língua a partir da qual os dialetos falados são desvios caóticos de nível inferior.”

Todavia, essa noção de erro ligada aos dialetos não se sustenta empiricamente. Os estudos linguísticos de base variacionista já atestaram que a variação linguística é um fato

intrínseco das línguas naturais e está condicionada por restrições linguísticas e sociais simultaneamente.

Não nos restam dúvidas de que a escola exerce um papel central na formação dos indivíduos, seja na dimensão pessoal, profissional, acadêmica, entre outras. Os estabelecimentos de ensino são responsáveis por garantir uma série de habilidades e competências que são bem mais efetivas quando propostas e executadas no âmbito escolar.

Coulmas (2014, p. 24) discute o papel da escola como “agência de legitimação” da língua oficial. Em vista disso, é importante retomar a variação linguística, a qual, mesmo sendo uma propriedade de toda e qualquer língua, a escola controla (ou tenta controlá-la) seu uso em diversos contextos de fala.

Desse modo, por um lado, podemos retomar o que pondera Geraldí (1996). Para ele, atividades políticas de leitura e de escrita podem também excluir e não incluir. Assim, entendo, também, que escrever é uma prática de poder. Nesse sentido, é possível pensar no contexto da escola pública: o que os nossos alunos escrevem? Como escrevem? Que estratégias de coesão/coerência usam para deixar seus textos comunicativos? Para quem escrevem? Há muitas questões para serem ainda respondidas.

Por outro lado, assim como assevera Coulmas (2014, p. 99), nesse contexto de ensino que prioriza apenas a língua escrita, quem será beneficiada diretamente é a criança da classe média, que na escola, geralmente, pertencente à rede privada de ensino, encontra proximidade entre seu falar e o que é adotado no ambiente escolar. Já a criança oriunda da classe trabalhadora *fica a ver navios!* Podemos encontrar situações em que a língua da escola pode constituir para o aluno um outro sistema linguístico e não apenas outra variedade linguística.

Ainda para Coulmas (2014), a escrita é uma forma de poder, instrumento de empoderamento e marcador de distinção social. Neste sentido, há setores da sociedade brasileira que não permitem que a classe trabalhadora tenha acesso à instrução

formal e desenvolva as várias habilidades de (multi)letramentos requeridas para o pleno exercício da cidadania.

Sabemos que há muitas dificuldades a serem solucionadas na escola pública, sobretudo quando pensamos nas questões relacionadas às práticas de leitura e de escrita. Há questões que histórica e culturalmente estão pairando sobre a história da educação brasileira, principalmente, questões voltadas para os métodos de ensino aplicados aos processos de ensino e de aprendizagem.

Penso que é impossível refletir sobre a real socialização e democratização do ensino brasileiro sem considerar questões sociais. Leitura e escrita não têm o mesmo valor nos mais diversos segmentos sociais da nossa sociedade atual. Neste sentido, nos associamos a Geraldi (1996) quando assinala “[...] não estaria apontando que as letras se distribuem diferentemente entre letrados porque o acesso a informações e a outros bens anda de mãos juntas com o acesso à escrita?” (Geraldi, 1996, p. 106).

Entendo que a escola, especialmente a pertencente à rede pública de ensino, precisa e deve ser um lugar que permita a inserção do aluno no mundo da escrita e, ao mesmo tempo, garanta a formação do cidadão e sua posterior inserção em outras práticas de (multi)letramento(s).

A noção de letramento segundo Marcuschi (2008) está relacionada à prática social de uso da escrita. Nossas relações sociais e institucionais são também mediadas pela modalidade escrita da língua. Nossa Lei Maior (Constituição Federal do Brasil, 1988) é escrita, e mesmo que parte da população brasileira seja analfabeta, todos nós estamos sob sua tutela.

Os estudos e as pesquisas voltados para o campo do letramento são datados da década de 1990, os quais também abarcaram questões voltadas para a área da enunciação e da variação linguística (Kleiman, 2005), por exemplo. O termo letramento surgiu porque também apareceram novas demandas sociais requerendo uma nova forma de ação voltada para escrita e leitura.

Neste sentido, o não domínio dessas duas habilidades pode levar o cidadão a não se incluir plenamente nas práticas sociais de uso da linguagem nos diferentes segmentos da sociedade. Por exemplo, quando qualquer cidadão faz uma consulta médica, mesmo que uma parte dela seja de base oral, sai de lá com outros gêneros textuais escritos: receituário, encaminhamento, solicitação de exames, atestado, dentre outros. De fato, como observou Marcuschi (2005), todos, alfabetizados ou não, estamos sob os efeitos da escrita.

Coulmas (2014, p. 134) assinala que “[...] a escrita é uma forma de comunicação indispensável na sociedade contemporânea, encaixada em várias instituições e repleta de significado social”. Dominar essa prática é essencial não só para o desenvolvimento humano, mas, também, para interagir em sociedade. Assim, a escrita tornar-se um bem.

Coulmas (2014, p. 135) também defende a tese de que a escrita é um bem público: “[...] num meio de comunicação que passou a ser reconhecido como um pré-requisito para o sucesso nos empreendimentos coletivos, sobretudo os empreendimentos no Estado-Nação.” Sendo assim, é um dever da escola como representante do Estado garantir o acesso à escrita por meio de estratégias de ensino-aprendizagem, assim como é um direito do aluno-sujeito dominá-la.

Para Marcuschi (2005), letramento, oralidade, escrita e fala não são atividades estanques e dicotômicas. Pelo contrário: tais atividades devem ser concebidas dentro do quadro de inter-relações, envolvendo práticas comunicativas, gêneros textuais e operadores sociodiscursivos.

Ainda segundo Marcuschi (2005), há uma supremacia social e cognitiva da escrita sobre a oralidade, mesmo que esta cronologicamente antecipe aquela. Essa realidade é verificável ao se constatar que nossa sociedade é escriturística, conforme postula Certeau (1994). Contudo, também reconhece o autor que há espaços para estudo e análise de fenômenos da oralidade. Como há!

Nos termos adotados por Marcuschi (2005), oralidade corresponde à manifestação formal da fala, enquanto a escrita corresponde ao letramento. Assim, oralidade e letramento constituem práticas sociais; fala e escrita, modos de uso da língua, ou seja, formas e atividades comunicativas não dicotômicas e que expressam relações fundamentais entre si.

Para Marcuschi (2005), todos nós estamos sob a influência da escrita, até mesmo os sujeitos analfabetos, sobretudo porque nossas relações sociais são mediadas pela escrita, a qual constitui fato histórico e não natural. Desse modo, “[...] fala e escrita são atividades comunicativas e práticas sociais situadas [...] em ambos os casos [...] temos um uso real da língua” (Marcuschi, 2005, p. 21).

Isso implica dizer que não praticar as diversas atividades de letramento (ou de multiletramentos) é estar à margem da sociedade. Ler e escrever são práticas sociais, principalmente mediadas pelo uso da escrita, e o domínio desta é um dos meios que permite o pleno exercício da cidadania.

No capítulo seguinte apresento o caminho metodológico da realização da experiência de ensino do Jornal Escolar como uma estratégia facilitadora do desenvolvimento de competências e de habilidades de leitura e de escrita no ambiente escolar.

Capítulo 5

Jornal Escolar: como se faz? Alguns caminhos possíveis

Suporte: lugar onde se instanciam textos em diversos gêneros.
Lugar físico onde se albergam gêneros textuais
(Bezerra, 2017, p. 40).

A produção e a publicação dos textos que compõem os exemplares do Jornais Escolares que formam o *corpus* deste trabalho foram realizadas em duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Norte. A Escola 1, de número identificador pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) nº 24062200, e a Escola 2, código INEP 24062405, estão situadas na zona urbana, respectivamente, da cidade de Montanhas e de Pedro Velho. Ambas ficam a 9km de distância uma da outra. Todos os textos do *corpus* foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa, os quais estão comigo desde o ano de 2006. Os alunos-autores sob a minha regência elaboraram os textos que serão apresentados no capítulo seguinte. A produção escrita, a reescrita e até mesmo a retextualização dos gêneros produzidos foram feitas a partir de diferentes protocolos de acordo com as sequências didáticas elaboradas para cada situação de comunicação envolvendo o Jornal Escolar em tela. A escolha dos gêneros textuais/discursivos para compor cada Jornal Escolar deve-se a diferentes fatos sociocomunicativos, especialmente àqueles vinculados à dinâmica interna de cada escola, ou segundo a indicação da unidade temática de cada bimestre, ou relacionada com algum evento importante do contexto escolar, ou ainda resultado da percepção do professor em trabalhar tanto os aspectos internos quanto sociodiscursivos de um dado gênero de

texto, dentre outros. A coleta dos dados seguiu as seguintes etapas de produção:

Quadro 1: Exemplo de sequência didática para produção, organização e publicação de Jornal Escolar

Etapas:	Descrição da atividade realizada:
Apresentação dos objetivos das atividades a serem realizadas.	Exposição oral.
Formação dos grupos de trabalhos e/ou identificação de autores individuais.	Exposição oral.
Leitura reflexiva e crítica de textos exemplares do gênero textual/discurso a ser produzido.	Realização de rodas de leituras e de conversas.
Orientações quanto ao gênero discursivo a ser produzido.	Exposição oral e exemplificação no <i>data show</i> (contato com os modelos exemplares do gênero em estudo).
Escolha dos entrevistáveis, das fontes de pesquisas, dos temas/assuntos.	Exposição oral e atividade em grupo feita pelos alunos.
Escrita da primeira versão/produção textual.	Atividade feita pelos alunos.
Leitura crítica da primeira versão/produção textual.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.
Acompanhamento/verificação na primeira versão/produção textual se o texto atende aos propósitos comunicativos, aos aspectos composicionais, aos estilísticos, aos discursivos, dentre outros.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.
Reescrita da primeira versão/produção textual.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.
Leitura crítica da segunda versão/produção textual.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.
Adequação ortográfica e adaptação à norma padrão da língua.	Atividade feita pelos alunos.

Digitação.	Atividade feita pelos alunos.
Entrega da versão para publicação.	Atividade feita pelos alunos.
Realização de apresentação aos alunos da escola por turma/ano de escolarização.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.
Publicação no mural da escola.	Atividade feita com os grupos pelo professor regente e os alunos.

Fonte: Própria do autor.

O quadro 1 exhibe de maneira panorâmica os passos que segui para que ocorresse a produção, a organização e a publicação de um Jornal Escolar no formato que realizei nas duas instituições já referidas.

Essa proposta didática que aqui descrevo está alinhada com o que propõem Schneuwly *et al.* (2004). Em relação ao ensino de gêneros escritos no contexto escolar, os referidos autores indicam que esse processo ocorra por meio do procedimento didático denominado de sequência didática. Esse procedimento didático consiste em “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Schneuwly *et al.*, 2004, p. 82)

Para os referidos autores, a finalidade de uma sequência didática é “[...] ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Schneuwly *et al.*, 2004, p. 83). Ainda segundo Schneuwly *et al.* (2004, p. 83), a estrutura de base de uma sequência didática segue as seguintes etapas:

- Apresentação da situação: exposição do projeto de comunicação (apresentação de um gênero oral ou escrito, os conteúdos);
- Produção inicial: primeira produção textual, módulos;
- Trabalhar os problemas identificados e solucioná-los (Oficinas); e

- Produção final: versão final do texto produzido.

Ao se adotar a sequência didática como estratégia de ensino, segundo Schneuwly *et al.* (2004, p. 91-93), deve-se considerar como pontos centrais dessa estratégia os aspectos elencados abaixo:

- Princípios teóricos: teoria subjacente ao procedimento;
- Escolhas pedagógicas: regulação do processo de ensino e de aprendizagem;
- Escolhas linguísticas: produzir textos e discursos;
- Escolhas psicológicas: representação da situação de comunicação; e
- Finalidades gerais: dominar a língua.

Ainda em relação ao quadro 1, pode-se verificar que de fato a escrita e a leitura constituem processos, pois a produção de um determinado gênero de texto não parte do vácuo, mas há todo um contexto comunicativo guiando a sua produção, a sua reescrita e até mesmo a sua retextualização.

Assim, de forma gradual e ao mesmo tempo contínua, a produção escrita passa por diferentes etapas que se interpenetram e se complementam mutuamente. Inicialmente, os alunos tomam consciência dos objetivos da realização da produção escrita, ou seja, entendem porque vão realizar a tarefa solicitada. Esse passo é essencial, visto que toda a comunicação humana, além de ocorrer por meio de um dado texto, é também vinculada a um dado fim comunicativo.

Diante disso, compreender o objetivo central da atividade textual a ser executada é uma etapa muito importante. Ela fornece elementos para o aluno-autor responder à seguinte indagação: por que vou realizar essa atividade? Por outro lado, ainda propicia o afastamento de práticas escolares que podem ser impostas sem clareza dos seus fins.

Em seguida, uma vez que os alunos-sujeitos estão conscientes das finalidades comunicativas das atividades que irão realizar, o passo seguinte é a formação dos grupos de trabalhos e/ou identificação de autores individuais. Essa abordagem de trabalho

contempla tanto os alunos que preferem trabalhar em coletividade quanto os que optam por um trabalho individual.

O terceiro passo de desenvolvimento da experiência de ensino-aprendizagem consiste na realização de leitura reflexiva e crítica de textos exemplares do gênero textual/discurso a ser produzido. Essa fase é muito importante na produção de qualquer gênero de texto. Não significa que os alunos-autores irão “copiar”, mas que eles terão contato com os elementos da estrutura desse texto e visualizarão como outros autores produziram seus textos. Na verdade, é o momento em que o aluno “toca” um exemplar do texto que irá produzir e todo esse processo é sempre acompanhado didaticamente pelo professor regente da turma.

Uma vez realizado esse estágio, os alunos-autores recebem orientações quanto ao gênero discursivo que será produzido para o Jornal Escolar indicado. Esse momento está diretamente relacionado com o anterior. Nessa parte de produção do Jornal Escolar, os alunos-autores precisam entender as nuances sociodiscursivas que pairam sobre um dado texto que será produzido, visto que escrever não é amontoar frases, parágrafos ou superparágrafos em uma sequência dada. Neste sentido, volto a atenção para o que assinala Bakhtin (2003 [1979]) ao mostrar como os gêneros do discurso estão caracterizados em seus elementos integrantes e indissociáveis: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Entendo que nessa fase esses elementos precisam ficar evidentes para os alunos-autores da produção do Jornal Escolar, caso contrário, corre-se o risco de termos uma produção de texto centrada apenas no produto e não no processo. Além de compreender esses elementos tripartites da produção dos gêneros de textos, nesta fase, oportuna-se aos alunos o entendimento dos propósitos comunicativos, o suporte de sua veiculação; os registros de linguagens adequados ao contexto de produção; o perfil dos locutários; os aspectos relacionados ao uso de imagens, símbolos, ilustrações; a reflexão sobre autoria e sobre como citar o

discurso do outro; a reflexão sobre questões de textualidade e discursividade, dentre outras questões que tornam de fato a escrita um processo. Nessa etapa, ainda é possível verificar os aspectos de textualidade de cada texto lido.

Essa proposta de trabalho está em sintonia com o que também propõe Dell'Isola (2007, p. 28) quando assinala que

[...] podemos resgatar a noção de que os textos apresentam características próprias que são socialmente organizadas tanto na fala como na escrita. Por isso, as atenções devem voltar-se para a língua em uso, frisando a relevância de que o texto se manifesta por meio dos gêneros [...] focalizando, em primeiro plano, os aspectos comunicativos e, deixando em segundo plano, os aspectos linguísticos.

Vencido esse passo na organização do Jornal Escolar, os alunos-autores deverão escolher as fontes de pesquisas e os possíveis entrevistáveis, determinar os temas/assuntos, projetar o tamanho do texto. Enfim, é o momento em que os sujeitos da produção textual, além de “mentalizar a futura materialidade linguística”, vão organizar as fontes que darão suporte à concretização dos textos a serem produzidos. Em outras palavras, é a hora do primeiro planejamento.

Logo em seguida, os alunos-sujeitos iniciam a escrita da primeira versão/produção textual. Essa etapa é fase da escrita-mãe, pois a partir dela outras serão geradas e (re)criadas no processo do ato de escrever. Para tanto, os sujeitos vão mobilizar um conjunto de conhecimentos pesquisados; informações de mundo e de suas vivências; informações linguísticas e discursivas, por exemplo, para concretizar em um dado texto. De modo geral, a partir das vivências das outras etapas os alunos-sujeitos vão verticalizar seus conhecimentos para o dado formato textual-discursivo que veicula tanto informações linguísticas quanto informações discursivas por meio de um dado gênero de texto,

concretizando, desse modo, a língua em uso na situação de interação em que estão inseridos.

Posteriormente, os alunos-autores realizam (i) a leitura crítica da primeira versão/produção textual e (ii) o acompanhamento/verificação da primeira versão/produção textual a fim de compreender se o texto produzido atende aos propósitos comunicativos, aos aspectos composicionais, aos aspectos estilísticos, aos aspectos discursivos, dentre outros. Essas duas etapas são acompanhadas diretamente pelo professor. Nessa fase, é o momento de diálogo entre o professor – modelo de escritor e de leitor proficiente – com os alunos-autores. Reitero que escrever textos não é um acúmulo de frases, de parágrafos ou de sentenças superpostas mutuamente. Há mecanismos textuais e discursivos que tornam uma sequência (ou sequências de sentenças) um texto. O aluno-sujeito precisa entender isso e é o professor quem deve orientá-lo nesse percurso de produção textual.

Cumpridas essas etapas do processo de escrita, os alunos devem se engajar em mais dois momentos: (i) a reescrita da primeira versão/produção textual, seguindo as sugestões acordadas nas fases anteriores; e (ii) a leitura crítica da segunda versão/produção textual, com vista a atender às exigências das peculiaridades dos textos em discussão para a organização do Jornal Escolar. Entendo que reescrita textual não é sinônimo de “passar a limpo”. Muito pelo contrário: é uma fase dinâmica da produção de qualquer texto, pois nela os alunos-autores vão imprimir em seus textos alterações linguísticas e discursivas para atender ao gênero solicitado e à situação comunicativa em que estão envolvidos. Essas mudanças podem passar desde adequações de título ou subtítulo, resolução de truncamentos, retiradas de repetições desnecessárias, revisão de mecanismos de coesão e coerências textuais, dentre outras questões que, uma vez solucionadas, tornarão o texto comutativamente eficiente para dizer o que se propôs o autor, segundo as demandas linguísticas e discursivas de cada texto.

Logo depois, os passos consistem em (i) realização da adequação ortográfica e adaptação à norma padrão da língua e (ii) fase da digitação. Essas fases permitem que os alunos-autores compreendam que seus textos serão publicados em uma esfera pública, mesmo que restrita a um contexto escolar, pois muitos serão os outros sujeitos que terão acesso às informações que serão expostas nos textos e publicados no Jornal Escolar, e que, portanto, pais de alunos, alunos, professores, funcionários diversos, visitantes, dentre outros, poderão ler o que veiculam os textos do Jornal Escolar exposto no mural. Assim, ter consciência da escrita pública escolar é um passo muito importante no processo de construção de leitores e de escritores.

Neste sentido, os alunos-autores começam a entender que a escrita também muda conforme os contextos de interação. Uma situação comunicativa é eles escreverem para amigos usando, por exemplo, os recursos do *WhatsApp*; outra, é a publicação de seus textos no mural da escolar em Jornal Escolar que seguiu a sequência didática que aqui estamos propondo e que deve seguir princípios da escrita escolar.

Por fim, as três últimas situações vivenciadas pelos alunos-autores consistem em: (i) entrega da versão para publicação; (ii) realização de apresentação do seu texto aos alunos da escola por turma/ano de escolarização; e (iii) publicação no mural da escola. Essas etapas, na verdade, demonstram um produto textual/discursivo, mas que foi fruto de processo: práticas de ler e de escrever. Os alunos-autores vivenciaram todo um percurso que culminou com gênero de texto que constitui agora objeto de interação.

Desse modo, os alunos-autores têm um instrumento linguístico por meio do qual podem agir linguística e discursivamente para atender determinados fins. Esse texto será veiculado em um determinado suporte textual, com leitores presumidos estabelecidos e atendendo a uma situação real de interação comunicativa, por exemplo.

Quero destacar ainda a fase de realização de apresentação do Jornal Escolar aos alunos da escola por turma/ano de escolarização. Tenho feito, antes de publicar o Jornal Escolar no mural das escolas, a realização da fase que oportunizo os alunos-autores desenvolverem, também, aspectos da sua oralidade, ocupando o espaço da fala para os outros interlocutores. Essa etapa é significativa para os alunos-autores, pois eles podem, a partir de seus próprios textos, dialogar, convencer, persuadir, por exemplo. Essa prática reflete o que eles vão precisar realizar na vida deles: por um lado, usar a língua escrita e, por outro, a língua falada para ocupar espaços sociais, caso contrário, poderão ficar à margem da sociedade.

Assim, de modo bem resumido, nossa sequência didática para a produção, a organização e a publicação do Jornal Escolar pode ser englobada em três grandes etapas: (i) a leitura, (ii) a escrita e reescrita e (iii) a publicação/divulgação, que, respectivamente, correspondem aos passos que assinalei no quadro I.

Outras práticas que também foram implementadas durante a realização dos jornais escolares produzidos: (i) nomear cada jornal com um nome particular; (ii) assinar os textos de acordo com a autoria; e (iii) apresentar o editorial. Essas questões permitem reflexões diversas, como por exemplo, a marcação do aluno-autor como responsável enunciativamente por seu texto produzido.

Em relação ao primeiro aspecto, os dois jornais escolares foram nomeados, respectivamente, de “O Guarani” e “O Targino”, sendo o primeiro nome referente à Escola 1, e o segundo à Escola 2. Os nomes “O Guarani” e “O Targino” estão relacionados com os nomes dos patronos das escolas.

Os textos produzidos apresentam assinatura dos autores, marcando a responsabilidade enunciativa de quem está envolvido na situação de interação em tela. Quando expostos nos murais das escolas envolvidas, essa prática foi possível de fazer. Aqui, por questões éticas, os textos serão exibidos com codinomes no lugar dos seus verdadeiros autores. Assim, optei por quando a autoria

for feminina assinalar a autoria dos textos com a alcunha “Maria de Marias”; quando masculina, com a expressão “José de Josés”, preservando a identidade dos autores dos textos.

Por fim, os jornais escolares também expõem um editorial feito pelo professor regente. Além de possibilitar o contato dos alunos-autores com esse gênero de texto, o editorial funcionava também como um texto de apresentação dos conteúdos veiculados, expressando o ponto de vista de quem estava responsável pela organização, pela produção e pela publicação do Jornal Escolar.

Esse desenho metodológico que aqui expus constitui mais uma das várias estratégias didáticas que podem ser utilizadas para a realização da experiência de ensino-aprendizagem em discussão. Entendo que outras técnicas podem e devem ser associadas ao que consta no quadro 1. Tanto a formação do professor quanto suas habilidades didático-pedagógicas irão guiá-lo nessa empreitada na formação de leitores e escritores competentes comunicativamente.

No capítulo seguinte, trago alguns exemplos de Jornal Escolar já publicados.

Capítulo 6

Registros de Jornais Escolares

[...] a produção textual, o estímulo à reescrita, o trabalho coletivo com o texto e a preocupação de salientar a importância de trabalhar a escrita, sempre que possível, com uma função social real [...] (Bortone e Martins, 2008, p. 13).

Jornal Mural 1: O Targino

Gênero textual/discursivo: Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA).

Contexto de produção: os alunos-autores relatam sua experiência escolar vivenciada durante todo o Ensino Fundamental II.

Texto 1

Editorial

O que dizer de uma experiência escolar? Muitas coisas: lembranças marcantes, fatos emocionantes, memórias, dentre outras.

Há uma mistura de sentimentos: o término de um ciclo escolar, mas ao mesmo tempo, o começo de uma nova caminhada estudantil.

A escrita pode constituir um meio eficaz do ato de rememorar. E o que seria de nós sem o ato de rememorar? É uma forma de dizer ao outro o que pensamos usando diferentes estratégias de comunicação e interação social.

Nesta edição, os alunos-autores de um 9º ano do Ensino Fundamental ocupam o espaço via a linguagem escrita para relatar suas vivências de aprendizagem durante todo o percurso vivido no Ensino Fundamental II. Assim, passam a ser não apenas escritores de um RPPA, mas exercem a função-autor para interagir com outros tantos.

Vamos acompanhar vivências escolares de nossos alunos-autores.

Texto 2

Recordações de um tempo escolar

Querem saber de mim? Então lá vai! Eu me chamo XXXXX, vim para o XXXXX com o intuito, lógico, de estudar o meu Ensino Fundamental. Entrei no ano de 2016 para cursar o 6º ano e a escola ainda estava sob direção de XXXXX que, para ser sincera, não era muito presente na escola - já que é o meu último ano bora ser sincera, né?

Lembro-me como se fosse hoje, eu estava muito animada só que eu não sabia de uma coisa: que eu ia ficar praticamente só. Até porque eu não conhecia quase ninguém e eu era muito tímida, e esse quase é porque tinha sim uma pessoa, só que eu não era muito chegada, então eu passei quase o ano todo sozinha. Aí conheci três pessoas, só que essa amizade não durou muito e acabou antes do final do ano por motivos que... acreditem se quiser, nem eu sei. Então chegou novembro e o 6º ano termina.

7º ano... 2017 e lá vamos nós de novo. Conheci novos professores, novas pessoas, mas não era bem uma amizade, era só “oi, tchau”. Então retomei uma amizade daquelas três que eu mencionei anteriormente. Essa durou bem mais. Ah, e eu quase me esqueço, e a direção agora era de XXXXX. Nosso atual diretor, que diferente da anterior, é bem mais presente, mas por outro lado era um “pouco” mais rígido. E a única amizade que eu tinha

acabou de novo, por incrível que pareça. Então chegam as provas finais e sou aprovada novamente.

Então lá vou eu para o 8º ano, 2018... Esse ano começou diferente porque eu já tinha sim uma colega que eu já conhecia há algum tempo e eu quase esqueço que as aulas só começaram após um longo período de greve nos municípios brasileiros. Após esse acontecimento, retomamos aos períodos de aula normal, então passou-se quase metade do ano, que foi quando conheci mais duas pessoas, que diferente das demais amizades, essa durou muito. Então chega o final do ano e tanto eles quanto eu somos aprovados agora para o 9º ano: o último ano do Ensino Fundamental. E mal sabia eu que tinha encontrado as melhores pessoas do mundo.

Então chegamos aqui, 2019! 9º ano... Último ano do Ensino Fundamental e eu confesso que estou um pouco triste em saber que isso está acabando, até porque as minhas melhores risadas foram aqui, dentro de uma sala de aula. Sei que não somos uma turma concluinte perfeita, mas compartilhamos entre nós ótimos momentos, sejam eles dentro de uma sala de aula ou até mesmo em viagens escolares. Foram quatro anos juntos e com certeza lembrarei de todos vocês.

E eu não poderia deixar de mencionar todos os professores que me acompanharam até aqui e me ensinaram tudo o que eu sei. Alguns foram embora, outros chegaram, mas saibam que vocês ficarão marcados na minha trajetória, e eu só tenho a agradecer a eles por ser quem eu sou. Agora tenho a plena certeza que daqui do XXXXX está saindo outra XXXXX, bem diferente da que chegou.

Autora: Maria de Marias

Texto 3

Meus Anos Escolares

Meu 6º ano foi até normal, mas estranho. Tinha acabado de entrar numa escola nova. No primeiro dia nem entrei na escola porque cheguei atrasado, mas depois disso nunca mais. Não vou dizer que eu era um bom aluno, mas tirava notas boas, tinha muitos amigos, era extrovertido.

Os professores eram legais. Bom, alguns eram, mas em especial sentia pena da professora de artes. Quando era aula dela quase todos os alunos iam embora porque era no último horário. Tiveram que mudar o horário de aula para a professora conseguir dar aula.

Tive alguns estresses, mas o melhor trabalho que já fiz na vida foi um vulcão de argila, que deu um pouco errado porque ele não explodiu como previsto. O ano passou e eu ficaria na escola, porém deu tudo errado no primeiro dia de novo, então tive que ir estudar em outra escola, a escola XXXXX.

No meu 7º ano foi totalmente diferente do 6º ano, porque estava numa escola nova, um lugar novo, dois amigos antigos estavam lá, mas não durou muito tempo para eles irem embora. Daí fiquei sozinho, tinha vergonha de falar, por isso não fazia amigos. Mas um certo dia uma pessoa, que não irei citar o nome, se tornou minha “amiga”, mas dois dias depois ela chegou na escola e não olhou mais na minha cara. Isso me destruiu por dentro. Daí percebi as falsidades que habitavam ali.

Sobre os professores ou uma professora em especial, ela se chamava XXXXX (e sua “echarpe” que deveria se chamar cachecol). Além de ser extremamente abusada, ela se vestia mal. Não fazia nenhuma atividade dela, por isso tirava notas ruins. Eu só passei de ano porque ela foi expulsa da escola. O motivo ainda eu não sei.

No meu 8º ano ainda continuei isolado, mas por pouco tempo. No 1º bimestre, em Português, tinha mais trabalhos orais.

Isso era um desafio pra mim que ainda sentia vergonha de falar, por isso tirei uma nota baixa que me fez ficar de recuperação.

No meio do ano conheci minhas melhores amigas, amores da minha vida, XXXXX, XXXXX e XXXXX. Somos um *squad* perfeito! Com isso me “libertei” da minha timidez, fui recuperando notas, mas não o suficiente para passar, assim ficando de recuperação. Fiz a recuperação e passei, graças a Deus, e fiquei super feliz em saber que continuaria com as minhas amigas.

Meu 9º ano está sendo um ano de descobertas, vamos falar assim. O bimestre começou com a expectativa grande para o IFRN, que infelizmente perdi a inscrição. Foi triste! Esse ano tirei notas boas, fiz novas “amizades”, melhorei algumas, fiz inimizades, quase surtei na sala (não é que as pessoas sejam chatas, elas só são muito falsas), dancei na Bamjota... Foi uma experiência boa e ruim/péssima, fiz seminários tantos ruins como bons...

Esse ano foi bastante corrido. Lembro como se fosse ontem do começo das aulas. Bom, eu digo que não, mas vou sentir muitas saudades dessa escola.

Autor: José de Josés

Texto 4

Minhas experiências no XXXXX

Na 6º série eu vivenciei uma experiência incrível, pois foi a minha primeira vez entrando no colégio, meio nervoso, mas não muito, porque estava acompanhado de vários amigos da rua onde eu moro. Assim que entrei na sala de aula, entrei confiante para ninguém saber que eu estava nervoso. Fiz vários amigos novos e reencontrei outros que já haviam estudado comigo. Conheci também novos professores que me ensinaram várias coisas que eu sei até hoje.

Na 7ª série conheci novos amigos que estavam repetindo a mesma série, novos professores como de Português, Ciências,

entre outros, e novos funcionários. Lá eu comecei a perceber que o estudo era mais avançado; os professores eram mais rígidos, as provas do que eu imaginava, os professores não toleravam bagunça na sala, como era na 6^o série.

Na 8^a série trocava muito de professores e de funcionários. No começo do ano só havia uma 8^a série, mas como tinha muitos alunos, foi dividida e abriram uma sala para ser o 8^o “B”. No começo, eu queria muito ficar no 8^o “A”, mas acabou que me mandaram para ao 8^o “B”. Lá eu só tirava notas altas em todas as matérias, principalmente nas matérias de História e Geografia. Também conheci vários colegas novos e participei de vários eventos na escola.

Já na 9^a série também conheci vários professores novos, como o de Matemática, Ciências, entre outros; conheci pessoas novas da 6^a série e presenciei várias confusões. Também brinquei muito nos intervalos e horários vagos. Aprendi novos assuntos de Matemática que eu nunca tinha estudado, de Português também, como que é um jornal mural, que eu não sabia, entre outras coisas.

Meu sonho é cursar uma boa faculdade e me formar em Eletromecânica ou Agropecuária. Minhas expectativas são que a escola mude para melhor e que eu passe de série super bem. Os fatos mais marcantes são os da 6^a série, que foi o meu primeiro sarau e minha primeira Feira de Ciências. Na 7^a série participei do meu 2^o sarau, de várias gincanas da escola e várias confusões de uma professora com duas alunas. É, fui para a diretoria 4 vezes, mas nunca cheguei a ser expulso ou suspenso.

Na 8^a série participei do meu 3^o sarau, apresentei vários seminários e muito mais. Na 9^a série foi meu 4^o e último sarau. Na escola apresentei vários seminários, trabalhos e jornais murais para outras turmas. Fiz também trabalho de pesquisa de Matemática sobre cesta básica, entre outros. Professores que eu vou levar para o resto da vida são XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX. Já a funcionária que eu mais gostei de todos esses anos no XXXXX foi XXXXX.

Autor: José de Josés

Texto 5

Uma grande experiência escolar

No meu 6º ano eu tive duas professoras favoritas foi XXXXX, que me ensinou Ciências; eu participei de várias coisas como a Feira de Ciências, entre outros.

Já no 7º ano passei a conhecer várias pessoas como XXXXX e XXXXX. Elas eram pessoas que sempre estiveram do meu lado nos bons momentos e nos ruins. Também participei do sarau com o tema sobre a autora Dona Militana.

No 8º eu tive experiências boas, aprendi muitas coisas importantes e legais, entres outros.

No 9º ano o que eu aprendi com os meus professores em Português foi orações subordinadas. Aprendi também o que é neologismo etc... E em Matemática aprendi o que é Teorema de Tales e outras coisas diferentes. Esses foram os únicos professores importantes que um dia eu vou falar a eles que eles me ensinaram muitas coisas.

Minhas expectativas é que eu venha passar de ano e que eu venha conseguir o que eu quero, que é fazer o curso de Informática e outras coisas.

Autora: Maria de Marias

Texto 6

Minha vida estudantil

A minha vida no 6º ano foi boa, pois aproveitei muito. Participei da banda, da qual participo até hoje, tive alguns desentendimentos, mas no final ficou tudo ótimo. Amava a diretora da Escola: ela era bonita, legal, brincalhona, entre outras qualidades.

Sobre minha amiga: desculpa ter derrubado seu celular. Eu a considero como se fosse minha irmã, conto os babados e sei que ela nem liga para o que eu falei, é só besteira mesmo.

O professor que mais gostei foi XXXXX; gostava muito dele! Era chato? Sim, às vezes, mas tínhamos que aturá-lo.

Já no 7º ano eu era muito abestalhada. Se eu tirava notas abaixo da média eu chorava; me afastei dos meus colegas... Não sei bem o porquê. Passei a estudar mais, fizemos um Sarau sobre “Dona Militana”; participei da peça que fizemos novamente, participei da banda, foi o melhor ano.

No 8º ano tive algumas brigas. Conheci XXXXX, a filha de XXXXX, ela é bonita, brincalhona, e me ajudou a caningar o pai dela.

O que tá acontecendo esse ano, no 9º ano: tirei notas boas, amei conhecer novas pessoas, passei a interagir mais com os meus colegas, mas sempre prestando atenção nas aulas. Ouvi, também, reclamação do professor XXXXX, que mandava eu parar de conversar.

As minhas expectativas para o meu futuro é ser professora de dança, e também tenho o desejo de ser advogada.

Autora: Maria de Marias

Texto 7

Os 4 anos que vivi no EMJT

No 6º ano eu não ligava muito para nada, só queria saber de conversar e brincar. Na aula, a minha comparsa era XXXXX, nós éramos muito próximas. Tinha gente que achava que éramos irmãs, mas na realidade não éramos nada além de melhores amigas, até nas piores horas. Depois XXXXX foi pegando intimidade com a gente, aí de dupla mudamos para o trio da alegria.

Nesse período do 6º ano era muito bom, pois éramos todos unidos, nunca fomos de ir para a diretoria, sempre resolvia as nossas coisas na sala com os professores. Sem lembrar da nossa

Feira de Ciências, que foi um lixo, lembro até hoje desta feira. Não lembro muito das coisas que aconteceu no 6º ano.

Já no 7º ano eu só lembro mais da professora que não gostava de mim, e ela sempre colocava a culpa em mim, mesmo eu sem fazer nada. Bom mesmo eram os dias que ela não ia para a escola. Toda a sala adorava quando isso acontecia.

Um certo dia, a direção da escola resolveu um tal sarau da nossa sala, em partes foi o pior sarau de todos os tempos, XXXXX e XXXXX de mal ter dormido à noite. A professora acordou as duas às 5h da manhã pedindo para elas ficarem no comando do sarau, no caso na função dela, né? Como a professora não se achou compromissada lá no sarau, deixou tudo de mãos abertas.

8º ano da turma boa, uma turma que eu não tenho nada a reclamar dos meus colegas maravilhosos e professores ótimos, tudo de bom. No 8º éramos uma turma muito grande. Acho que tinha no máximo uns 40 alunos em uma sala do tamanho de um ovo. Aí foi preciso dividir as turmas: ficaram 20 alunos no 8º “A” e 20 no espaço do 8º “B”. As pessoas mais engraçadas foram para o 8º “B”. Não gostamos disso, mas nem sempre é como queremos.

9º ano: somos uma turma boa, só às vezes temos desavenças, mas ninguém reclamou do 9º ano ainda não. Quero que continue esse 9º ano sempre. Temos nesse ano nossa formatura, nossas viagens para a praia e outros lugares com pessoas maravilhosas, como professores e coordenadores de nossa escola.

Bom, só tenho a agradecer a Deus por ter me proporcionado viver esses 4 anos da minha vida com todos os alunos, professores e todos da escola, pois essa escola vai ficar em meu coração. Nunca irei esquecer de nenhum momento que tive aqui.

Autora: Maria de Marias

Texto 8

Meus anos passados no xxxx

Meu primeiro ano letivo na escola XXXXX, ou seja, no 6º ano, foi um ano cheio de expectativas, novos projetos, novos anseios, desejos de que tudo ocorreria bem. Conheci novos colegas de classe, professores e funcionários. No final dessa série tivemos uma feira do conhecimento e junto com a ex-professora XXXXX conseguimos desenvolver esse projeto.

No 7º ano ainda estudei com pessoas novas, entraram professores novos e teve uma mudança na direção. Nesse ano, um dos pontos mais marcantes foi o nosso primeiro sarau que fizemos com a professora XXXXX que foi sobre “Dona Militana”. Tivemos algumas confusões com nossa professora XXXXX que não me disponho a dizer.

No 8º ano houve algumas mudanças em nossa sala por uma maior do colégio. Alguns permaneceram comigo na primeira sala e outras ficaram na segunda. As recordações que fiz para ir à Natal no museu de Câmera Cascudo para o nosso sarau, o teatro de fantoches, a gincana e os seminários.

O 9º ano foi uma das melhores séries em que estive. Continuei com os mesmos colegas, professores e funcionários. Os momentos mais marcantes para mim foi o sarau e a viagem para Ceará-Mirim, que eu e minha turma fizemos para conhecer o Aterro Sanitário e como ele se desenvolveu.

Dessa forma, termino meu texto falando das minhas expectativas para o futuro. Pretendo me formar em Nutrição, e que 2020 seja um ano de bons momentos.

Autora: Maria de Marias

Texto 9

Anos escolares

Olá! Estou aqui para falar um pouco dos anos em que estudei no XXXXX, em 2014 vim estudar na escola no 6º ano.

O 6º ano foi um ano bom. Fiz amigos e inimigos. Em relação aos professores, tinha ótimos professores. xxxxx, ele sim foi um ótimo professor, com ele aprendi coisas boas, com relação a amigos foi bom! As confusões foram muitas, mas não foi nada demais.

No meu 7º ano foi muito bom na vida escolar, sim foi um ano em que tinha ótimos professores! E... Sim passei no terceiro bimestre. Amigos? Os mesmos do 6º ano, bons e ruins, aconteceu várias coisas. Entretanto não lembro muito, pois faz quatro anos.

Mas no meu 8º ano, sinceramente, foi um ano péssimo. Eu não liguei para o estudo e acabou que eu repeti de ano, aconteceu coisas no ano que estudei no 8º, já em 2018. sim estudei para passar e passei tinha ótimos professores etc.

Bom, o 9º ano está mais ou menos, no começo tive brigas com alunos da sala etc. Vamos ver até dezembro! Será que passo? Comecei a estudar para valer agora! Espero coisas

boas para o futuro, infelizmente não consegui um dos meus sonhos que era passar no IFRN bom! Já estou pensando em fazer cursos e etc., para recuperar o tempo perdido! Sim, um pequeno texto dos anos na escola.

Autor: José de Josés

Texto 10

Lembranças inesquecíveis

Bom, poderia começar a falar do 6º ano, mas não estudei o 6º ano no XXXXX. Então só irei falar do 7º ano até o 9º ano.

Bom, no 7º ano foi um ano super divertido. Gostei de todos os professores, não de todos os alunos, mas conhecia várias pessoas

legais. Tinha uns alunos bagunceiros que nem me agradei muito. As minhas notas estavam ótimas nos primeiros bimestres, mas algumas começaram a ficar ruins. Cheguei até a ficar com medo de reprovar, daí comecei a me esforçar mais e consegui passar.

No 8º ano foi um ano super legal. Conheci três pessoas que quero até levar pra vida toda, pessoas que gosto muito. Teve até um dia do sarau que travei, mas deu tudo certo, que foi sobre Câmara Cascudo. Eu e XXXXX éramos as entrevistadoras e o XXXXX era o Câmara Cascudo. Também fiz vários seminários, e eu nervosa como sempre, e nas apresentações de trabalhos dava até uma crise de riso. Pela primeira vez fiquei em recuperação em Português e Matemática; fiquei até com muito medo de reprovar, mas consegui passar.

No 9º ano, já no primeiro dia de aula a professora de arte, no caso ex-professora, mandou a gente fazer uma roda, aí tinha que apertar a mão ou abraçar a pessoa que estava do seu lado. Não gostei muito da primeira aula e esse ano até que começou legal. Logo depois começamos a fazer mais seminários, e eu nervosa como sempre, mas a aula que gosto é a de Matemática. Já a turma não é daquelas pessoas unidas, mas tudo bem. Nesse ano pretendo aprender mais, já que está até acabando.

Bom, pretendo melhorar muito para que eu venha a realizar a profissão que eu quero. Os meus professores, assim, têm alguns super legais. Os fatos mais marcantes foi de XXXXX pendurado numa corda na escola e as minhas brincadeiras que a gente fazia, que fazia o nosso dia ficar mais divertido.

Autora: Maria de Marias

Texto 11

Minha vida escolar

O meu 6º ano foi muito top, pois aproveitei muito. Participei da Feira de Ciências com a professora XXXXX, que era a

professora que eu admirava, enfeitamos a sala com planetas e cartazes explicando qual era o significado de cada um deles.

Já no 7º ano passei a conhecer novas pessoas. Conheci XXXXX (ele é uma pessoa muito legal), conheci também uma pessoa muito importante, que porém não posso citar nomes. Participei do sarau poético, que veio por tema a autora Dona Militana.

No 8º ano tive experiências boas, aprendi muitas coisas importantes que levarei para a minha vida. Conheci XXXXX (na verdade XXXXX); conheci XXXXX; me reproximei de XXXXX, ele é legal (às vezes chato); me distanciei de várias pessoas; peguei mais intimidade com XXXXX, XXXXX e XXXXX; briguei por política com as professoras XXXXX e XXXXX. Foi um ano bom!

O 9º ano não tenho muita coisa pra falar, pois ainda estou na expectativa de aprender os assuntos que os professores têm para me ensinar. Os professores que eu mais admiro são XXXXX e XXXXX.

Minhas expectativas são que eu possa passar de ano e que no ano que vem eu esteja preparada para o Ensino Médio, com os ensinamentos que eu tive e estou tendo no 9º ano.

Autora: Maria de Marias

Texto 12

Minhas recordações

2016, quando iniciei verdadeiramente minha vida estudantil na EMIT. Tudo era completamente diferente do ano anterior: professores, amigos, funcionários, turma e disciplinas já não eram os mesmos. Mas ao passar os tempos todos passaram a se adaptar ao padrão escolar.

Ao chegar 2017, desenvolvemos grandes experiências. Uma delas foi nosso primeiro “sarau poético”, que tínhamos que desenvolver um trabalho sobre a cultura de Dona Militana.

Em 2018, na 8ª série, as disciplinas começaram a ficar um pouco mais complexas, isto é, dificultando o desempenho em compreender os enunciados propostos.

Chegando 2019, na 9ª série, o último ano letivo na XXXXX. Compartilhamos sorrisos, aprendemos diversos conteúdos e conhecemos novos professores.

Em todo esse período, percorremos dificuldades e conhecimentos. Mas sabíamos que chegaríamos a concluir essa trajetória. Minhas expectativas são que todos passemos, e que consigamos conquistar nossos sonhos.

Autora: Maria de Marias

Texto 13

Doces Lembranças de um período escolar

O ano de 2016. Estudei na XXXXX. Estava iniciando meu 6º ano e uma nova etapa, pois nunca estudei com pessoas diferentes. Demorou um tempo para me adaptar, devido eu ser muito tímida com pessoas que não conhecia. Tive que me acostumar ao horário e às novas regras.

Em 2017 continuei estudando na mesma escola, mas iniciando meu 7º ano. Não demorei muito, pois me mudei. Fui para uma nova escola, onde começou tudo novo: fazer novas amizade, me adaptar a conteúdo diferente. 2017, ano complicado. Passei com dependência e nessa escola não pagava, então voltei para o 6º ano, mas se eu passasse pularia um ano e iria para o 8º ano.

2018: entrei na XXXXX, conhecia algumas pessoas, mas não tinha intimidade. Me acostumei rápido ao conteúdo, aos professores e às regras diferentes no 8º ano.

Atualmente, em 2019, estou concluindo o 9º ano na XXXXX, onde se inicia um novo ciclo escolar. Ficará saudade e lembrança.

Expectativas: que possamos realizar nossos sonhos e nossas metas.

Autora: Maria de Marias

Texto 14

Minha Vida Estudantil

Estudo aqui no XXXXX desde 2016 (6° ano), passei 4 anos aqui, contando com esse ano! Não lembro de muita coisa, mas gostei muito do meu 6° ano, apesar de ter sido meu primeiro ano na escola. Fiz várias amizades, até hoje tenho elas. Só tive uma professora que marcou minha vida, que foi XXXXX.

Já no 7° ano conquistei mais amizades, tive mais conhecimentos, vários professores que me marcaram, alguns diferentes, mas gostei.

No 8° ano tive os mesmos professores, tive mais conhecimentos e comecei a fazer seminários, que são muito importantes.

Já no 9° ano não mudou muita coisa, só alguns professores e uns colegas, mas nos damos muito bem.

E terminando mais uma etapa da vida, concluindo o Ensino Fundamental II, só tenho a agradecer aos meus professores, por ter paciência com todos nós e por passarem seus conhecimentos. Para todos, um muito obrigado.

Autora: Maria de Marias

Jornal Mural 2: O Targino

Gênero textual/discursivo: Poema.

Contexto de produção: os alunos-autores produziram poemas acerca de temática escola, revelando-se como eu-líricos encantos com a vivência escolar.

Texto 1

Editorial

A poesia é uma realidade da vivência humana. Ela permeia todo o fazer do homem, que é sujeito da linguagem, desde o momento em que passou a marcar sua trajetória neste pequeno pedaço do Universo.

O texto poético aguça a alma!

O que seria do homem sem sua presença? Provavelmente, um sujeito mais triste.

Neste sentido, os alunos-autores ocupam a função de trovadores para dizer ao outro parte do seu projeto de “querer dizer” usando a linguagem conotativa e suas estratégias diversas, trazendo à tona o belo, o estético...

E, além disso, trazem à tona a temática da vivência escolar para produzir seus pequenos-grandes poemas.

Poemas são formas de dizer. Dizer o que se pensa, o que se sente, o que se espera...

Vamos à leitura dos poemas dos nossos novos poetas e poetizas.

Texto 2

A escola onde estudo

A escola onde estudo é bem bacana
Aprendemos muitas coisas em história sobre Vasco da Gama
Os professores são legais, mas se tem aluno chato
Lá vão já chamando os pais

A merenda é gostosa
Pra ir pra casa descansar
Mas quando o sinal toca já tá todo mundo na porta
Pra ir pra casa descansar

Pois nisso não tem aluno que fique sem pensar

E quando chega o dia da prova então?

Meu Deus! Que confusão!

Com aluno olhando pro chão

De tanta decepção

E é claro que escola que é escola tem que ter

Alunos que reclamam quando o professor passa dever

É tanta bagunça, bagunça pra lá, bagunça pra cá

Ai, ai, ai, onde isso vai parar?

Mas apesar de tudo eu amo essa escola

Porque nela tenho amigos pra contar a qualquer hora

Porque escola é assim

Uma fábrica de memórias

Que levamos para a vida inteira

Junto com as amizades verdadeiras.

Autoras: Marias de Marias

Texto 3

Onde estudo

O lugar onde estudo

É muito divertido

Tem vários professores

E também muitos amigos

O lugar onde estudo

É muito engraçado

Tem alunos bagunceiros

E outros estressados

O lugar onde estudo
É muito interessante
E tem algumas brigas
Que acabam num instante

O lugar onde estudo
Tem vários passeios
E antes disso tudo
Também vem o recreio

O Sarau da minha escola
É muito descontraído
E tem apresentações
Que são muito divertidas

Autores: José de Josés e Maria de Marias

Texto 4

Nossa Escola

A minha escola é grande
E também muito interessante
Minha escola tem poucas cores
Também poucas flores

Ao redor da minha escola
Tem muitas casas e outras escolas
A quadra é muito pequena
Mas não deixa de entrar em cena

Na minha sala há poucos ventiladores
Mas na escola há trabalhadores
Dentro da escola aprendemos a ler e a escrever
Para alguém na vida ser

A minha escola é muito importante
Pois além de grande, é o bastante
Na escola aprendo com várias pessoas

Não devemos deixar de estudar
Pois lá na frente pior vai ficar
Se deixar de estudar
Como você vai ficar?

Autores: Josés de Josés

Texto 5

A escola onde estudo

Minha escola, lugar de
Amor, onde aprendo
As letras, número
E cor

A escola é um bom
Lugar de se viver,
É onde aprendemos
Ler e escrever.

Com a professora
De matemática aprendemos
A multiplicar,
Subtrair e adicionar.

Com o professor de
Português, aprendemos
As classes gramaticais,
Substantivos, verbos e
Muito mais

Quando estiver perto
De tocar, ficamos logo
Ansiosos já! Para a
Comida pegar.

Autores: Josés de Josés

Texto 6

A escola

É nessa escola que conheci muita gente legal
Mas também reforcei as amizades que já tinha
Claro que teve briga! De amigos e inimigos
Porém aprendemos a tirar de cada "treta" um sorriso.

Se eu estava nessas brigas? Ha ha! Jamais! (Cof)
Brincadeira, briguei sim, várias vezes, mas já tô em paz
E prometi a mim mesma que não arranharia mais
Só que essa promessa quase sempre é quebrada.

Que tal mudarmos de assunto? Vamos às provas!
Acho que é o momento mais triste pra um aluno
Principalmente se tirar 0 na prova
Aí já pensa... AI, MINHAS COSTAS!

Outra coisa que não falta é bagunça e baderna
Coitados dos professores que têm que nos aguentar
Uma das turmas mais afrontosas com certeza é o 6º A
É claro que a gente não só bagunça, pois a gente também
Se foca em estudar.

Quer ver a gente gritar? Fala sobre os times
Se tu não for flamenguista, nós já vai te esculachando
Porque com certeza vai ser ele o dono do troféu esse ano

Enfim, acabei. Espero que tenham gostado, porque não
Vou fazer outro nem por um pedido de Jair Bolsonaro.

Autora: Maria de Maria

Texto 7

A escola onde estudo

É com muita alegria
Que venho Falar da
Minha escola
Sem saber da sua
Existência
Quanto mais da sua
História

Minha turma é legal
Porém, muito
Bagunceira
Se eu faço uma piada
É risada a tarde inteira

As provas são difíceis
Não dá nem pra
Explicar
Se eu errar alguma
Questão
Nota baixa vou tirar

A escola onde estudo
Tem cultura e poesia
Tem história pra contar
E também muita alegria

Autoras: Marias de Marias

Texto 8

Amizade verdadeira

Amizade sincera e verdadeira
Carregamos para a vida inteira.
Serei seu amigo até o fim
Pode confiar em mim.

Nossa amizade nunca terá fim
Eu corro por você e você por mim.
Igual a você não tem ninguém mais divertido
Você é legal e sempre brinca comigo.

Nossa amizade nunca terá um ponto final
Porque você é muito especial.
No recreio ficamos juntos
Ninguém separa a melhor dupla do mundo.

Curtir amizade é uma
Inteligente medida.
Pois a amizade nos mostra
Uma inteligente saída.

Amizade grande gosto de ter
E para sempre com meus amigos
Vou viver.

Autor: José de Josés

Texto 9

A escola onde eu estudo

A escola é um lugar onde você aprende tudo.
Tem diversos amigos para te acompanhar e ajudar.
Eu retribuo o auxílio dos meus amigos e quando precisam.

Eu os ajudo; e os professores também estão lá.
Para quando você precisar.

O recreio é um momento que parece que nunca vai acabar.
Até seus 15 minutos passar, também é um momento.
De descansar e brincar para poder voltar a estudar.
Tem o momento de lanche que você pode comer e
compartilhar.

Os professores são sensacionais, eles nos ajudam a saber mais
Uns são brincalhões e outros são sérios.
Mas por mim tudo bem, não há nenhum critério.

As amizades são importantes para mim.
São elas que me deixam feliz assim.
Eles me ajudam a fazer as atividades, e estão lá para me
apoiar
Esses são os amigos de verdade.

Autores: Josés de Josés

Texto 10

O Recreio da Minha Escola

O recreio da minha escola
Rola muita diversão,
Alguns gostam de conversar,
Outros gostam de brincar.

A merenda escolar
Tem muito o que falar,
Alguns preferem comprar,
Outros querem saborear.

A quadra da escola
Tem espaço para brincar,
Alguns sentam e olham,
Outros preferem praticar.

Os professores fazem
O máximo para nos ajudar.
Chamam a nossa atenção
Para a gente melhorar.

A escola em geral
Tem muito o que dizer,
Pois é a que estudamos e
Temos muito o que aprender.

Autoras: Marias de Marias

Texto 11

A escola onde eu estudo

A minha escola é muito linda
Assim como o mar
Os professores são muitos bons
E gostam de ensinar!

Na escola, aprendemos
A ler e escrever
Pois para sermos inteligentes
E para o nosso viver!

Minha escola é muito legal
Com professores inteligentes
E amigos interessantes
Que incentivam muito a gente!

As provas nos deixam
Apreensivos e nervosos
Mas superamos tudo isso
Com os professores amorosos!

Sinto muita saudade
Quando chega o fim do ano
Porque deixo meus colegas
E os professores que amo.

Autor: José de Josés

Texto 12

Amizade na escola

Os amigos dessa escola
É um presente de Deus
Amigos são como irmãos e
Todos eles estão no meu coração.

Quem abandona a escola perde tudo
Quem perde um amigo, perde mais
Quem perde a fé, perde tudo
E essa escola faz parte do nosso mundo.

Muitos alunos irão entrar
E sair na minha escola,
Mas somente verdadeiros amigos
Deixarão pegadas no meu coração.

Ir para a escola é
Caminhar para o futuro
A amizade dos alunos é
Coisa que vale tudo.

Os professores dessa escola
São amigos dos alunos
Uma escola como essa
Vale a pena ter no mundo.

Autores: Josés de Josés

Texto 13

A amizade da escola

No meio de tantos garotos
Encontrei um amigo,
Legal, especial e divertido
Que gosta de brincar comigo.

Foi através dessa amizade
Começou uma história de verdade
Com tantas idas e vindas
Criamos um laço de vida

Nossa amizade não vai acabar
E ninguém vai atrapalhar
Você vai ser o meu para sempre
E vamos fazer muitas amizades pela frente

As verdadeiras amizades
São como estrelas brilhantes
Não a vemos todo tempo
Mas sabemos de sua existência

Viver uma amizade
É viver na eternidade
Com bastante cumplicidade
Compartilhando toda amizade.

Autor: José de Josés

Texto 14

My Turma

Ah, eu não sei o que dizer!
Por onde eu posso começar?
Minha escola era um local onde muitos diziam ser:
Um local onde bagunça não rolava lá!

Alguns, mal abriam a boca para falar
Outros estavam em pequenas conversinhas
Outros ficavam a se olhar
E os professores contando piadinhas.

Essa ideia começou a mudar de verdade
O nosso jeito extrovertido começou a se mostrar.
Pois começamos a pegar intimidade
A partir daí, nenhum professor passou a nos aguentar.

Claro que as paixonites começaram a acontecer!
Eram shippes pra lá e pra cá
Eu estava no meio deles posso dizer
Mas, para segurança de meus amigos, nenhum deles eu vou
comentar!

A melhor parte é estupenda!
Talvez você teve ou tenha algo contra mim
Eu peço desculpas, espero que entenda
Mas sempre seremos amigos no fim.

Autora: Maria de Maria

Texto 15

O intervalo

Todo dia na escola
A gente espera a hora
De reunir a galera
Pra sentar na janela.

É menino pra todo lado
Brincando de montão
A ordem é clara!
Ninguém passa do portão.

Também é no intervalo
Que aparecem as delícias
Da cantina
O que não vale é furar a fila.

Autores: Josés de Josés

Texto 16

A escola

A escola que escolhi para estudar
Ela é perfeita, cheia de grandes elogios
É onde aprendemos a ler e a escrever sempre
Com o lápis na mão e a sabedoria no coração

Lá aprendemos a ter responsabilidades
E educação, aprendemos a fazer a lição
Quando chega o dia de prova é aquela
Preocupação, tirei nota vermelha, lá vem
A reclamação ou não! Vamos estudar para
Recuperar o tempo perdido.

Na hora do recreio é aquela alegria
Gritos, brincadeiras e diversão todo dia
Na hora da merenda é aquela confusão
Empurra-empurra, crianças caindo no chão

Tudo fica mais belo, quando temos amizades
A amizade é uma perfeição são todo mundo juntos
Crianças, professores e a direção
Juntos todos unidos, somos uma nação.

Autora: Maria de Maria

Texto 17

A hora do recreio

No recreio eu gosto de brincar
Com meus amigos vou pular
As brincadeiras são legais
Meus amigos são especiais.

Eu conto os minutos para ir
Pro recreio, vou brincar o
Tempo inteiro, vou chamar meus
Amigos para jogar bola. É legal, é da hora.

Na cantina é muito legal a
Comida todo dia diferente dá pra
Alimentar muita gente eu como
Tudo rapidinho para repetir o biscoitinho.

Meu recreio é bem animado
Jogo bola e agora como gato.
Saí para o recreio com
Muita animação enfrentando

Uma fila para comer
Um macarrão.

Autor: José de Josés

Texto 18

Lugar de onde vim e minha escola nova

Eu vim de uma cidade chamada Várzea
Onde morei por 8 anos e 2 meses
Fiz muitas amizades:
Todos os dias que eu não podia sair
Eles iam para a frente da minha casa para brincarmos.

Às vezes a gente aprontava com os nossos vizinhos
Jogávamos pedras e tocávamos a campainha.
E na escola, não frequentemente, quando terminava os
deveres
Saímos pra brincar na quadra da escola.
A gente brincava de bola, Handebol e Vôlei.

Me lembro de quando a bola caía do outro lado do muro
Sempre eu ia pegar, quando queria, às vezes forçado
Pelo meu professor.
Quando voltávamos pra aula, íamos liberados cedo.

Na saída, ficávamos na pracinha conversando
E depois íamos pra casa comer, depois nos reunirmos
Na quadra para jogar bola.

Um dia tivemos que nos mudar para Pedro Velho
Passei uma semana em casa antes de ir na escola
Com vergonha de ir pra escola e ser aluno novo
E ser zoado, mas eu vi que não foi assim
Ao contrário, fiz muitas amizades.

Mateus, foi logo chegando, colocando a cadeira
De lado dele, então fiquei seguro que seria uma cidade boa
No primeiro dia de aula, eu tive uma briga
Com um menino chamado Cleilson
E eu fiquei com medo de ir para a diretoria
Briguei com ele, porém não fui parar na diretoria.

Lembro que no primeiro dia de aula fiz 3 provas
Consegui tirar notas boas, mas depois eu fiz uma prova
Em outro dia, de português, e tirei 3,2.
Mas essa nota foi melhor que a do meu 3º bimestre.

E agora estamos no 4º bimestre, perto de acabar o ano
Espero que consiga passar e acompanhar meus amigos.
Porque será meio difícil, eu cheguei no meio do ano escolar
Mas estou tranquilo porque eu acho que a maioria seremos
amigos...

Autor: José de Josés

Jornal Mural 3: O Targino

Gênero textual/discursivo: Crônica literária

Contexto de produção: Os autores produziram crônicas literárias a partir do tema o lugar onde vivem.

Texto 1

Editorial

Os textos narrativos fazem parte das nossas interações humanas. Gostamos de contar para os outros eventos que acontecem de acordo com uma dada sequência de fatos: acontecimentos que nos marcam e que podem marcar os outros.

O mundo, na verdade, é uma grande narrativa. Estamos sempre inseridos em contextos comunicativos do ato de narrar. Portanto, a narração é uma tipologia textual central.

Nesta edição do nosso Jornal Escolar, os alunos-autores produziram crônicas literárias abordando o lugar onde vivem.

Assim, esses sujeitos da língua(gem) vão colocar no e sob o tempo elementos da comunidade local na qual estão inseridos.

Vamos conhecer parte da riqueza cultural que orbita o dia a dia desses alunos-autores.

Texto 2

A rua onde eu moro abre

O lugar onde eu vivo é parecido com tantos outros: agitado, silencioso, festeiro em alguns dias, as pessoas conversam bastante...

Os meninos pegam as sandálias e fazem de trave; rede de vôlei, linho para manjo etc. Os homens pegam uma mesa, 4 cadeiras e um dominó e começam a jogar. Não sei, o outro entra e, depois, eles vão assistir ao jogo de um time contra o outro. Eles gritam, conversam e vão o jogador que chutou errado. Um deles diz:

- Passa a bola!
- Chuta pro gol!
- Esse jogador é muito ruim!

Na minha rua os meninos me chamam para brincar de manjo. Eles falam:

- Renan...? Ô, Renan...? Vamos brincar de manjo?!

E eu respondo:

- Espera um pouco que eu já estou indo.

A gente começa a brincar. Um tem que ganhar o outro que perder. Um cai, o outro rala o joelho, mas continuamos a brincar até a tarde da noite. Vamos dormir, amanhã tudo começa novamente.

Autor: José de Josés

Texto 3

Minha história

Era uma vez um menino nascido em Natal, chamado XXXXX que veio para a cidade de Pedro Velho. A primeira casa onde morei foi na Avenida Professor Genar Bezerril, rua muito especial de se viver!

As minhas brincadeiras até os 8 anos eram tica-tica, esconde-esconde, tica-gelo e andar de bicicleta. Por volta dos meus 8 anos a 9 anos me mudei para o loteamento Novo bairro, na Rua Nova Jerusalém, e as brincadeiras aumentaram: jogar bola, queimada... Novas experiências!

Quase toda minha vida escolar foi no XXXXX, onde ocorreram várias histórias. Inclusive uma foi na Festa da Colheita. Quase no fim da festa eu e meus amigos e amigas fomos para trás da escola brincar de várias brincadeiras.

Hoje em dia não brinco mais como antigamente, mas ainda gosto de jogar bola.

Autor: José de Josés

Texto 4

Os encantos da minha terra

Vivo em uma cidade pequena e pacata, repleta de histórias para contar.

A minha cidade possui algumas relíquias como por exemplo as ruínas da antiga Igreja de Santa Rita, a grande e famosa por nome popular de “Pau Grande”, a antiga ponte ferroviária e a Igreja Matriz de São Francisco de Assis.

Hoje por nome de “Pedro Velho”, a pequena Vila de Cuitezeiras já foi abalada por uma grande enchente que se deu no resultado das ruínas da Igreja de Santa Rita. Acredita-se que essa

enchente trouxe a pequena semente que hoje originou “Pau Grande”.

A cidade de Pedro Velho fica a pouco menos de 90 quilômetros de Natal e a pouco mais de 8 quilômetros de Montanhas.

Aqui também temos o grandioso Rio Piquiri, que abastece cinco cidades e o distrito de Piquiri.

Pedro Velho, cidade boa de se viver, cheia de histórias, cultura e diversidade, cidade de poetas, artesãos e gente sonhadora.

A cada dia cresce a esperança no peito do pedrovelhense de ter uma cidade melhor, uma vida melhor, um futuro melhor.

Autora: Maria de Marias

Texto 5

Viagens de longo prazo

Minhas viagens não são tão longas assim como digo, mas, sim, proveitosas, com um pingo de diversão possível, no carro, no ônibus, em qualquer coisa tudo se transforma.

Nelas, vejo outros carros passando e fico pensando que a estrada vira uma pista de corrida, que estou sendo um piloto e meio que começo a disputar com eles até o meu destino.

Assim, nessas viagens, também fico escutando música para ajudar a passar o tempo e até mesmo consigo dormir com elas dependendo do ritmo que são.

Pensando bem, eu me divirto bastante e isso é muito bom.

Tudo isso marcou a minha infância! As viagens são especiais!

Autor: José de Josés

Texto 6

Minha cidade

Minha cidade poderia ser igual a todas as cidades do interior, mas não é considerada assim. Ela é especial, minhas origens vivem nela. Ela já foi chamada de Cuitezeiras e hoje é Pedro Velho.

Gosto do seu jeitinho de ser: badalada em alguns momentos, charmosa com suas peculiaridades, como a Samaumeira, a árvore local da cidade; as ruínas da Igreja de Santa Rita, destruída por uma enchente em 1901; entre outras coisas.

A vida nela é tranquila um pouco alarmante em alguns aspectos, mas no todo é boa.

Minha família mora lá faz um grande tempo, sempre viveram bem, gostavam da leveza que transmitia.

Acho que por isso a considero especial, foi onde nasci e me criei. Conheço sua história. Viver é fazer história, e nessa cidade, eu faço história.

Autor: José de Josés

Texto 7

Cheiro de infância!

A minha infância foi muito legal! Mas há uma coisa que me recordo muito bem e até sinto falta: um bolo que a minha bisavó fazia! Um bolo de ovos com casca de limão para dar o gosto diferente.

Eu amava sentir o amável cheiro desse bolo, pois por mais que a brincadeira estivesse boa, eu não me importava, não queria saber de qualquer outra coisa, pois o cheiro era muito bom!

Saía da brincadeira com meus colegas e eu ia direto para a cozinha ajudar a minha avó, mas na verdade eu queria mesmo era

pegar a massa do bolo na cozinha e provar. E também queria o primeiro pedaço do bolo.

Esse é o cheiro da minha infância: o bolo de ovos da minha bisavó.

Boas e grandes lembranças eu guardo!

Autora: Maria de Marias

Texto 8

Noites de jogos

A minha rua! O que falar da minha rua? Eu e meus amigos tivemos tantas lembranças, tantos apelidos, tantos sorrisos e brincadeiras, enfim, muitas outras coisas? Mas, entre todas as lembranças a minha favorita foi em um dia que choveu muito.

Nós estávamos no nosso ponto de encontro: a calçada de XXXXX, fica do outro lado da rua, bem perto da minha casa. Eu, XXXXX (que eu dei a ele o apelido de XXXXX), XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX.

Nos encontramos onde tinha sido combinado. Tínhamos feito muitos planos, porém começou a chover forte, e a gente correu para casa mais perto, no caso a casa de XXXXX.

Sentamos no sofá e ficamos xingando o tempo por não colaborar com a gente.

Lá estávamos nós, entediados e totalmente estressados, até que meu celular vibrou. Era um alarme! Vi que era ainda 18h30min. Eu superei. Aí cruzei os braços. foi ali que eu tive uma ideia brilhante! Rapidamente pesquisei um jogo no meu celular para jogar com os meus amigos. Baixei e joguei com eles! Pagamos micos e rimos.

E ficou assim! Jogamos muito. Quando deu umas 20h30min, por aí, parou de chover, e a gente foi jogar na calçada! Depois jogamos futebol até a hora de dormir.

Autor: José de Josés

Texto 9

A escola na beira da linha

Me lembro quando tinha 7, 8 anos de idade... Todo dia era pura diversão na minha escola chamada XXXXX.

Tica-esconde, biloca, etc. eram as brincadeiras da minha época. Na hora de ir para casa, só de lembrar dá saudade. Tinha uma estrada de terra depois da rua. Quando chovia era a maior bagunça; chegávamos em casa todo enlameado porque corríamos de bicicleta na estrada barrenta.

Quase todos os dias tínhamos trabalhos da escola para fazer em casa. Comprávamos cartolina, 30 e tudo mais para realizar um lindo trabalho. Também me recordo que jogávamos bola na quadra. Toda vez a bola ia para fora da escola porque o muro era baixo.

Um ambiente agradável, cheio de plantas, pneus pintados, tudo maravilhoso. Só quero deixar meu abraço e dizer que essa época era demais, assim guiando nossas lembranças desse lugar especial.

Autor: José de Josés

Texto 10

Meus bons momentos

O lugar onde eu moro, acho bem interessante. Moro na XXXXX. Muitos anos antes passava um trem, por isso o nome dela. Vivenciei várias coisas legais nessa rua, brincava muito com meus colegas e ainda brinco, como por exemplo, de amarelinha, pula corda, macaquinho e etc.

Nessa rua, há uma amiga muito querida para mim. Ela estuda comigo no sétimo ano a, no XXXXX. Ela é a XXXXX e a maioria do tempo fico com ela. Vivenciei muitos momentos com ela e outros amigos nessa rua.

A escola onde eu estudava era também nessa rua, XXXXX. Estudei lá até meus 10 anos, momentos bons tinham nessa escola. Sempre que passo pela escola me lembro das brincadeiras na quadra com meus amigos. Como foi legal! Experiências extraordinárias!

Bom, houve algumas mudanças nessa rua, de algumas casas, por exemplo.

Tudo está em seu devido lugar, e tenho guardado em minha mente meus bons momentos.

Autora: Maria de Marias

Texto 11

O Casaca

Na época eu tinha 6 anos. Minha prima, XXXXX, me chamou para um sítio meio estranho que eu nunca tinha visto e ido.

Chegando lá percebi que era bem animado; todos adoravam aquele lugar. Perto daquele pequeno "sítio casaca" há um riacho no meio da estrada. A vez que o riacho fica cheio é logo à noite, quando há pouco movimento de carro.

Quase todos os sítios têm uma lenda que os moradores antigos costumam dizer. Esta lenda ainda é real. Logo à noite, quando todos estão dormindo lá para as 23h, há várias raposas andando em círculos, no meio da estrada. Há alguns cachorros, mas infelizmente quando se soltam não voltam mais.

Minha tia perguntou:

- O que houve, XXXXX? O que aconteceu?

Ele ligou os faróis e nós vimos uma raposa lambendo água no riacho. Quando ela olhou o farol no rosto dela, correu para os matos logo ao lado. Aquilo me causou medo. Nós seguimos um pouco assustados, mas nada do que uma boa e esquisita lembrança do "casaca".

Autora: Maria de Marias

Texto 12

A minha rua: um breu!

A rua onde eu moro se chama XXXXX, mais conhecida como Rua XXXXX. Ela é uma rua com apenas uma saída, que leva para uma árvore histórica que se chama “pau grande”, ou samaumeira.

O lugar é muito animado de dia, várias pessoas conversam, escutam músicas nas calçadas e falam um pouco da vida alheia. Um dos lugares onde isso mais acontece é num salãozinho perto de casa onde as pessoas falam umas das outras.

Na boquinha da noite, já escurecendo, algumas pessoas ainda saem de casa para ir ao centro comprar pães ou outras coisas. Quando dá mais ou menos 20h30 e 21h todas as pessoas se trancam como se estivessem em uma favela do Rio de Janeiro.

A rua se transforma em um verdadeiro breu. Fica escuro por conta das árvores que empatam a luz dos postes, e por todas as pessoas que apagam as luzes da frente de suas casas, deixando a rua mais escura que chega a dar medo!

Mesmo que cortem todas as árvores e acendam todas as luzes das casas, a rua continuará um verdadeiro breu.

Autor: José de Josés

Texto 13

A viagem

O menino XXXXX nascido em Campina Grande, no dia 28/05/2007. Minha primeira casa foi em Mata Velha. Lá morei quatro anos da minha vida e sou muito conhecido pelos moradores de lá. Mas eu não moro mais lá. Hoje, estou morando no município de Pedro Velho e estou aqui faz 8 anos. Agora me lembrei de uma história.

Essa história começa em Pedro Velho, mas não vou contar a ida, pois a volta é mais interessante. Nessa história também terá integrantes. Três ao total: eu, meu pai e meu primo.

Voltando de Goianinha eu já estava de moto. Voltávamos pelas canas e meu pai na frente. Nessa viagem, vi tratores com tipo uma broca e meu pai disse que eles eram de colheita.

O fim da história? Não sei, pois ainda estou vivo.

Autor: José de Josés

Texto 14

A cidade em que vivo!

Em uma cidadezinha pequena chamada Pedro Velho, localizada no Rio Grande do Norte, é o lugar onde vivo. É uma cidade movimentada, muitas pessoas saindo de suas casas logo cedo para trabalhar; outras indo para a escola, ao médico; outras até mesmo levando o cachorro para passear. À noite, as praças ficam cheias de pessoas conversando, idosos, jovens, principalmente quando saem da Igreja Matriz, em frente à praça.

Posso dizer que é um lugar bom de morar: escolas com sinos bons, festas tradicionais muito boas, pontos turísticos ótimos, várias pessoas vêm visitar e tirar bastante fotos. Alguns desses pontos turísticos são: Balneário, Pau Grande, ponte etc. É uma cidade agradável, mas também tem um pouco de desorganização e violência, infelizmente, como muitas outras cidades, mas que dá para viver.

Tudo isso ocorre no lugar em que vivo! Lugar especial! Muito especial!

Autor: José de Josés

Texto 15

Pensando na saudade da minha cidade!

Mais uma vez fui lá no terraço antes de ir para o quarto deitar. Fui observar as brilhantes estrelas. Agora parece estranho... A vista bela com muitos vagalumes e zoadas de grilos se tornou

cena escura e sem zoadas nenhuma. Apesar dos gritos e sons de gargalhadas, acho que vou sentir falta desse lugar. Mas uma voz mais uma vez: visitas. Acho que devem ser colegas do meu pai. Mãe chamou, sempre chama, então desci para cumprimentar os jovens que foram lá em minha casa.

É... Parece que ninguém sabia que poderia ser nossas últimas semanas na Pena Várzea, onde vivi 8 anos. Quando chegamos, eu tinha medo da cidade, onde consegui amigos sem vontade, indo brincar na rua até tarde. Às vezes chegava machucada em casa, onde escutava as brigas e discussões: viver o normal.

Tentei esconder a vontade de ficar só e pensar mais um pouco. Entrei na brincadeira, fingi ser outra pessoa, e decidi animar a noite um pouco fazendo piadas. Chamei eles para andar na pequena cidade, onde quase todos se conhecem, onde em dia de semana parece ser deserta. Mas em final de semana era muito movimentada, com sons altos e carros ligados estávamos sentados onde quase todos se conhecem e onde quase todo mundo é primo. Ou seja, a cidade é constituída por família.

Depois de 8 anos sou obrigado a deixar essa cidade! Vou sentir saudades da bela paisagem que eu admirava todos os dias e que servia como Refúgio para mim e meus pensamentos.

Autora: Maria de Marias

Texto 16

Minhas brincadeiras da infância

Desde que eu sei, sempre morei na mesma rua: Rua XXXXX. Nessa rua surgiram ótimas lembranças para mim.

Uma das melhores lembranças que eu tenho dessa rua são as brincadeiras. Me lembro de quando eu e minhas amigas nos juntávamos para brincar de casinha. As casinhas eram as calçadas e nós tínhamos o maior prazer de pegar brinquedos, roupas, bonecas, bolsas etc. e arrumar tudo de um jeito bem fofinho. Muitas vezes acabávamos brigando, e quase sempre pelo mesmo

motivo: “eu sou a dona desse lugar e só vai entrar quem eu quiser”. Isso era muito chato, mas no final de tudo sempre fazíamos as pazes.

Outras brincadeiras bem comuns entre nós eram esconde-esconde, capitão pode, e dono da rua. Tinham outras, mas essas são as de lei e as mais frequentes também.

Elas marcaram a minha infância. São lembranças muito especiais!

Autor: José de Josés

Texto 17

As brincadeiras da minha infância

Lá no condomínio onde morava, tinha uma brincadeira chamada de espionagem, que era para seguir as pessoas que passavam sem elas saberem. Um dia, me chamaram para brincar de espionagem e, como eu adorava essa brincadeira, eu fui chegando na quadra de futebol lá do condomínio. A gente escolheu quem ia espionar. E começou a brincadeira.

Eu e meus amigos espionavam muita gente, mas quando foi a última pessoa a espionar eu me arrependi de ter brincado disso. Naquela noite, esse menino percebeu que a gente estava espionando ele. Ele não gostou muito disso, então ele disse:

- Se continuarem me espionando, eu vou bater em cada um de vocês.

Eu já fiquei com medo do que ele disse, mas meus amigos não pararam. Quando ele percebeu, mais uma vez ele começou a correr atrás da gente e como eu não era muito rápido, ele correu na minha direção. Eu percebi que ele estava correndo atrás de mim.

Comecei a entrar em desespero e corri para um beco bem escuro que eu tinha muito medo. Pensava que ele não ia para lá, mas ele foi. Já estava sem forças para correr e eu parei e comecei a chorar, mas logo após que ele me viu chorar ele disse que era brincadeira e começou a rir de mim.

Meus amigos quando souberam dessa história, eles riram de mim também e eu fiquei com muita vergonha.

Autor: José de Josés

Texto 18

A rua onde eu moro

A rua onde eu moro se chama Rua XXXXX, mas é conhecida por rua do XXXXX. É uma das ruas que mais gostei de morar. Ela é calma, tranquila, conheci várias pessoas lá, gosto muito daqui. Não moro muito perto do centro, mas onde eu moro tem vários mercadinhos.

Moro perto de alguns amigos. Não gosto muito de sair, porque acho um pouco esquisito, e meus pais também não deixam só quando é para fazer trabalho ou é para casa de uma amiga. Meus pais também gostam de lá, só acham um pouco distante da escola, mas eles gostam de morar lá. Enfim, meus pais só vieram morar aqui porque gostam muito daqui e têm familiares aqui.

Antigamente, eu morava ali na rua XXXXX. Gostava também de lá, mas me acostumei mais nessa rua que tô agora porque na outra que eu morava era mais esquisita, tinha muito assalto. Meus pais achavam perigoso me deixar sozinha em casa. Meus pais resolveram se mudar e encontraram essa casa na Rua XXXXX. Aí gostaram do lugar. Estamos até agora lá. Gosto muito de lá. Conheço bem dizer os povos todinhos.

Mas gosto mais de uma vizinha que eu tenho: ela é como uma mãe para mim, é muito especial!

Autor: José de Josés

Texto 19

A rua onde eu moro

A rua onde moro é alegre, as pessoas conversando, fofocando, as crianças correndo e brincando, as vizinhas escutando músicas altas. Já à noite é bem calma e silenciosa. Nossa rua é fantástica! Lugar especial!

Outra manhã nasce, homens e mulheres indo trabalhar, crianças indo estudar, idosos e idosas indo para seus roçados logo cedo.

Anoitece... As pessoas em suas casas, com suas famílias do lado de fora de suas casas. A rua é calma, é tranquila, as horas vão passando, mais uma manhã começa.

E nessa rua tudo também recomeça. Assim é a Rua XXXXX, que fica na cidade de Pedro Velho-RN.

Autor: José de Josés

Texto 20

A carroça da rua 12

Era um homem simples andando na rua que moro, puxando uma carroça bem arrumada e cheia de materiais antigos, mas bem interessante.

Chamei ele e perguntei se ele tinha algo especial. Logo o carroceiro me mostrou um livro em inglês que tinha sido escrito em Liverpool (1959). Fiquei encantado.

Pensei na deslumbrante história que aquele livro podia contar em suas belas páginas. Então conversei com o carroceiro, e ele me deu o livro. Depois disso, o humilde homem vai embora com sua carroça.

Esse fato ocorreu na Rua XXXXX, em Pedro Velho, que está localizada no estado do Rio Grande do Norte, estado que tem lindas dunas e também lindas praias.

Autor: Maria de Marias

Texto 21

A vida das árvores

Árvores são raras, incríveis e lindas. Certo dia, pude parar para ver uma árvore do quintal de casa. Era grande e suas folhas tinham uma cor verde bem forte. Depois desse dia, todo dia, quando eu chegava da escola, eu admirava aquela árvore. Era como um passatempo para mim.

Um dia, na escola teve um trabalho sobre o meio ambiente. Nós procuramos tirar fotos de plantas e árvores afetadas pela poluição e de plantas não afetadas pela poluição. Quando eu cheguei em casa, peguei meu celular e tirei um monte de fotos da árvore de casa. Até meu pai reclamou. Ele disse que era melhor tirar fotos de outras plantas.

Quando eu sai na rua para procurar árvores que precisavam de ajuda, eu achei o suficiente para montar um painel e eu me perguntei “por qual motivo as pessoas deixam essas árvores morrerem?”. Eu fiquei indignado.

Na outra semana, eu estava indo para a escola, olhei para o lado e vi que as flores do vizinho estavam murchas. Ele não tinha cuidado bem delas. Então desse dia em diante eu disse “vou cuidar das plantas e das árvores do meu quintal!”.

Hoje, todo dia de manhã, eu acordo cedo e vou regar as plantas e as árvores de casa.

Autor: José de Josés

Texto 22

A rua 7 de março e seus pontos turísticos

Dia de domingo passam uns turistas de ônibus, bicicletas, carros e outros meios de transportes, pela Rua XXXXX, para ir ao Pau Grande, a árvore linda, enorme e encantadora. Quando chegam lá, se emocionam com o tamanho da árvore e a alguns passos a mais fica um pequeno museu e a ruína de Santa Rita, que foi destruída pela enchente que aconteceu anos atrás, em 1901. Há também um açude, que fica a alguns quilômetros dessa rua.

Quando as pessoas passam para ir visitar e tirar fotos das maravilhas que têm nessa rua, pessoas que moram nela ficam sentados na frente de suas casas, falando da vida, rindo e fazendo outras coisas. Há turistas que não sabem direito onde é, assim, os moradores indicam o caminho e, logo depois, os turistas seguem seu destino de viagem.

Autor: José de Josés

Texto 23

A rua

Chegando em casa escuto uma zuada, gritos e correria. Vou ver o que é! Chegando na porta da casa, minhas vizinhas estão todas lá, olhando o que está acontecendo.

Uma delas chega até a mim e fala “é XXXXX e XXXXX que estão brigando”. Depois de um tempo a briga para, e a vizinhança toda fica comentando sobre o fato acontecido.

Ela me pergunta se eu sei o motivo da briga, eu digo que não, e ela mesma me fala sobre o que foi. Só que não entendi por que ela perguntou se eu sabia, já que ela mesmo já sabia o motivo. Nisso ela me contou tudo o que aconteceu e depois todos nós fomos dormir.

No outro dia, tudo volta ao normal novamente! A vida continua nesse vai e vem, como uma onda no mar!

Autor: José de Josés

Texto 24

Minha infância

Minha infância se passou na Rua XXXXX. Morei lá desde que nasci. Antes não tinha quase nenhuma casa, mas hoje em dia já tem várias. Era um lugar bem deserto, mas mesmo assim eu adorava e ainda adoro lá, pois é um lugar bem calmo e perfeito para ler um livro enquanto o vento bate em seu rosto.

Já que não tinha muitas casas, não tinha muitas pessoas. Logo, não tinha muitos amigos, mas em compensação minha escola era quase do lado da minha casa.

Todo dia meu tio me levava, bem cedinho, ao balneário. Eu amava, pois eu tinha a piscina quase toda para mim, e quase sempre tinha alguma criança para eu me divertir. Falando em se divertir, eu tinha uma vizinha muito legal. Ela tinha um coelho e nós sempre brincávamos com ele. Nós pegávamos comida, água etc. Uma vez até fizemos uma roupa para ele.

Uma vez minha mãe me deu um boneco todo articulado e eu tenho ele até hoje. Eu brincava muito com ele, ele era meu brinquedo favorito. Imaginava que ele tinha super poderes e que de noite ele criava vida própria, tipo Toy Story. Sei que isso pode ser assustador e isso até é usado em filmes de terror, mas para mim era muito legal, eu achava que ele protegia a casa.

Essa é uma parte da minha história.

Autor: José de Josés

Texto 25

Saudades

O lugar onde eu vivo é normal, calmo e tantas outras coisas.

Havia um senhor já de idade um pouco avançada. Eu ia e vinha e lá estava ele, sentado em sua cadeira, na porta de casa. Nele não havia expressão de tristeza em seu rosto, já que sua saúde estava em perfeito estado. Eu não o conhecia, mas já sentia um afeto que não poderia explicar! Senti muita segurança quando o via sentado em sua porta, como se fosse um Guardião daquela rua. Ele guarda memórias!

Hoje, sinto uma tristeza em mim, pois aquele Guardião da rua não estava mais entre nós! Ontem soube de sua morte, agora vou e volto e aquela pessoa tão querida (não apenas por mim) não vejo mais.

Autor: José de Josés

Texto 26

Os dias na minha rua

A rua onde moro é um pouco bagunçada e barulhenta. Mas isso é normal! De certa forma a maioria dos dias são iguais, como pessoas que vão e vem todos os dias, som de música no ar, pessoas conversando, carros passando...

A maioria dos dias são assim, mas nem sempre os dias são desse jeito. Outros dias têm festas ou brigas, por exemplo. Só sei que às vezes o lugar onde vivo não é o melhor lugar, mas com certeza é o meu lugar e os dias nele sempre serão legais.

Tudo isso acontece em dias comuns. A cidade onde eu moro é Pedro Velho-RN.

Essa rua é chamada Rua XXXXX, lugar muito especial.

Autora: Maria de Marias

Texto 27

Cotidiano

Vou até o mercadinho que fica a alguns quilômetros de casa. Ao ir andando observo os demais passando, pessoas caminhando e conversando.

Todos comentam sobre o ocorrido. Só voltar e escuto boatos de que teria acontecido uma tragédia com alguém muito querida e importante para a educação de Pedro Velho, cidade que está localizada no Rio Grande do Norte.

Após chegar em casa começo a refletir... Quem talvez poderia ter sido? E ouço meus pais comentando que uma professora teria falecido, triste fato.

Tudo isso ocorre na Rua XXXXX, que fica na pequena cidade de Pedro Velho.

Autor: José de Josés

Texto 2

O velho banco de madeira

Sentada em um velho banco de madeira, sendo protegido do sol pela grande árvore. Sentada em um velho banco de madeira, vendo os estudantes voltarem para suas casas. “Odeio aquela aula” era comum de se ouvir.

Sentada em um velho banco de madeira, ouvindo o barulho dos garis ao varrer o chão, enquanto melodias em formas de assobio são cantadas para afastar o cansaço de mais um dia de trabalho.

Sentada em um velho banco de madeira, ao lado de alguém que inúmeras histórias pode contar, sobre a cidade onde está o velho banco de madeira.

Autor: Maria de Marias

Texto 2

Minha rua e as brincadeiras

Quando eu era mais nova, a minha rua era bem mais divertida. Eu e minhas amigas brincávamos até tarde de várias brincadeiras, por exemplo: garrafão, dono da rua, tica-tica, polícia e ladrão. Minha preferida era esconde-esconde. Nos escondíamos por todas as ruas.

Enquanto eu e minhas amigas brincávamos de boneca à tarde, nossas mães comemoravam na calçada. Eram bons tempos!

Já hoje, não brincamos mais na rua de ninguém, só querem ficar no celular se puderem o dia todo. Se fosse como antigamente, quando nem existia celular, não seria assim.

As brincadeiras que brincamos atualmente são: queimada, handebol, vôlei, entre várias outras. Eu gosto dessas brincadeiras, mas se pedissem para eu escolher, eu escolheria as de antes. Na minha opinião eram mais divertidas.

Autor: José de Josés

Texto 30

Minha vida em Pedro Velho-RN

Uma vez eu vim aqui em Pedro Velho para visitar a minha avó. Quando eu cheguei lá, eu fui ver os lugares lindos que tinham em Pedro Velho, e de todos os lugares que eu fui, o que me chamou mais atenção foi a Samaumeira, que todos chamam de pau grande.

Eu me apaixonei com a beleza dele! Eu nunca vi um lugar tão natural, tão bonito! Ao redor dele há flores, outras árvores, matos, capim... Uma coisa muito bonita de se ver é quando chove, que cai a chuva no chão e o cheiro de terra molhada sobe. Uma coisa muito gostosa de se ver: a beleza dele. É muito maravilhoso!

Mas que pena que o povo de Pedro Velho não valoriza o que tem, acabam com tudo e ainda dizem que “Pedro Velho não

presta". Mas o que eles não sabem é que quem faz a cidade somos todos nós!

Autor: José de Josés

Jornal Mural 4: O Guarani

Gênero textual/discursivo: Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)

Contexto de produção: Os alunos-autores do 9º do Ensino Fundamental de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem relatam suas experiências do percurso escolar do 6º ao 9º ano.

Texto 1

Editorial

Chegamos ao final do ano! Que bom! Esta é a nossa última edição do nosso Jornal Escolar. E nela, vamos rememorar acontecimentos importantes!

Neste Jornal Escolar, os alunos do 9º ano escreveram um **Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA)**, apontando aspectos da sua trajetória escolar dos períodos em que foram alunos desta escola.

Assim, apropriando-se da língua escrita, agem discursivamente para ocupar o espaço de autor.

Vamos rememorar.

O ato de rememorar é uma realidade da convivência humana. Vivemos, mas gostamos de rememorar fatos e acontecimentos que nos marcam e/ou marcaram.

Assim, nossos alunos-autores ocupam a função-autor para dizer sobre suas experiências do Ensino Fundamental II.

Vale a pena ler!

Texto 2

Meu Relato de Experiência Educacional

Durante meus 5 anos na XXXXX fiz amizades que quero levar para vida inteira e outras que já não sei se irei ver com tanta frequência.

Aprendi coisas que nem sabia da existência, mas não foi assim o tempo todo. No início me senti meio deslocada, provavelmente foi pelo fato de não conhecer muitas pessoas.

Os conteúdos nem sempre pareciam fazer sentido, por isso não consegui me sair tão bem em algumas matérias: falha minha, não me esforcei o suficiente. Reprovei no 6º ano, mas me tornei determinada em não cometer o mesmo erro e até agora não cometi.

Já estou no 9º ano me despedindo dessa escola, levando comigo ensinamentos, conquistas, arrependimentos e alegrias.

Autora: Maria de Marias

Texto 2

Minhas vivências escolares

Sou XXXXX, comecei a frequentar a Escola XXXXX no ano de 2017, para mim foi uma satisfação grande estudar nessa escola apesar de que não conhecia ninguém por aqui, era como todos dizem ser “novata”.

Quando comecei estudar, achei estranho tudo meio que esquisito, porque não conhecia a escola, não conhecia os professores, enfim. Comecei em 2017, no 8º ano, para mim foi uma experiência extraordinária, eu sabia que eu tinha como objetivo subir mais e mais, o que mais me recordo é a dificuldade de fazer amigos, parece até engraçado, mas não é isso é só a realidade. Os professores para mim sempre foram ótimos, apesar de que alguns são mais afastados um pouco dos alunos. O que mais me marcou

até hoje nas minhas experiências estudantis no XXXXX é as realizações de eventos e comemorações que aqui existem.

Finalmente acabando o ano letivo, estou mais ou menos pronta para passar para outra fase e com isso, parabênizo a todos que me ensinaram e me educaram todo esse tempo e também me aguentaram esses dois anos.

Autor: José de Josés

Texto 3

Algumas recordações

Tenho muitas recordações da XXXX. Cheguei aqui em 2015, comecei no 6º ano e fui muito bem. Tive muitos professores e muitos colegas também, e aprendi muitas coisas com eles ao longo desses anos.

O que eu mais recordo é as brincadeiras com meus colegas de sala de aula com bolinhas de papel, e dos funcionários como o vigia, XXXXX, a gente brincava com ele, ria muito também, e participei de vários eventos da escola como gincana, festinhas tenho várias lembranças positivas e o que mais me marcou foi meio de vida que tive e que aprendi dentro da escola, todo preparo para o mercado de trabalho para seguir em frente e os conhecimentos de vida.

Autor: José de Josés

Texto 4

Meu percurso escolar

Quando cheguei na XXXXX foi muito bom, fiz novas amizades e aprendi muitas coisas novas. O que mais me recorda são os professores e colegas, o que mais me marcou foi um jogo que aconteceu na XXXXX no qual ganhei três vezes medalha, isso ficou marcado no meu coração, sempre vou lembrar dessa escola,

onde passei muitos momentos bons. Só tenho a agradecer a todos que fazem parte dessa Escola maravilhosa.

Essa escola para mim foi uma das melhores que eu estudei, e essa que marcou, apesar desses anos todos que passei na escola, só tenho a elogiar essa XXXXX, está de parabéns a XXXXX pelos seus funcionários, professores a todos que fazem parte da XXXXX.

Autor: José de Josés

Texto 5

Retomando meu caminho estudantil

Em se tratando da minha vida estudantil, passei a estudar na XXXX no ano de 2015, no 6º ano “A” matutino. Estava muito ansiosa para o primeiro dia de aula e fazer muitos amigos, fiz alguns amigos nesse dia, onde alguns continuaram estudando comigo e outros foram embora ou mudaram de turno. Me lembro que a direção levou os alunos ao campo do Ypiranga para jogarmos queimada, futebol etc.

No 7º ano tinha um professor de Educação Física que levou os alunos para fazer exercícios na praça em frente à escola. No 8º ano teve algumas desavenças entre alunos: um aluno que pegou uma prova escondida, porque não prestava atenção na aula de matemática. E foi no 8º ano que também teve o passeio dos melhores alunos, eu fui escolhida como um dos melhores alunos, representando o 8º ano. Os alunos escolhidos foram levados a visitar vários lugares como: o maior Cajueiro do mundo, o Forte dos Reis Magos, Barreira do Inferno, entre outros lugares.

Gostei também da gincana realizada pela escola durante a comemoração do dia do estudante. Gostei de todos os meus professores e colegas que tive e os que tenho no momento. Nesse espaço de tempo na escola venho adquirindo conhecimentos importantes para o meu desenvolvimento intelectual e social.

Autora: Maria de Marias

Texto 6

Relato de Experiência Educacional

Cheguei aqui na XXXXX no ano de 2014. Passei por inúmeras dificuldades, mas com o passar do tempo fui me adaptando. Era muitas vezes confundida como uma pessoa tímida, com poucos amigos.

Lembro de passar muitos recreios sozinha, essa é uma das piores lembranças que me recordo até hoje. O tempo foi passando e minha prima aqui chegou, foi uma alegria imensa de saber que uma garota com quem eu me dava super bem ia estudar comigo.

Os eventos, não participo de quase nenhum, porém o São João do ano passado foi bastante legal e divertido, comi muito e fui para casa feliz.

O que mais marcou minha trajetória aqui foi ter conhecido um garoto. Ele se chama XXXXXe era bem chato, porém estamos juntos até hoje.

Autora: Maria de Marias

Texto 7

Parte de uma história

Sou Roberto, minhas recordações do XXXXX: há 2 anos e cheguei, em 2017, achei ótimo estudar na Escola XXXXX é o que aprendi várias coisas legais que eu não sei dizer no momento.

O que mais recordo e que o que mais aprendi a ser mais educado. Com as outras, pelo Diretor chamado Marcone, e vários conselhos; a todos agradeço generosamente e os professores XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, etc.

Os eventos do folclore e o passeio que teve; foi à Natal, foi muito bom que não sei dizer mais só sei dizer que me animou muito que dormi o caminho todo na volta de casa.

E as lembranças negativas que só não quero voltar para o 9º Ano se não posso se atrasar meus estudos para ser professor de Educação Física.

Minhas lembranças positivas é que eu passei a 1ª série no XXXXX e ser feliz com tudo o que eu acreditar para este ano é isso que eu quero.

É o que mais marcou minha trajetória estudantil foi estudar com orgulho no 9º Ano de volta com mais dois professores.

Autor: José de Josés

Texto 8

Relato de Experiência Educacional no Fundamental II

Nesses últimos cinco anos da minha vida estudantil aqui na Escola XXXXX fiz novas amizades, reencontrei amizades antigas e me afastei de algumas.

Cheguei aqui com 11 anos, fiz o 6º ano com todos os meus amigos de infância, no total éramos oito amigos, fui conhecendo as outras pessoas durante o ano, reprovei nesse mesmo ano, não me esforcei o bastante.

Fiz 6º, 7º, 8º e agora o 9º ano aqui, já estou me despedindo desta escola e junto comigo levo as boas lembranças e os bons momentos que passei aqui.

Esses anos que passei aqui foram muito bons, vivi experiências muito boas, reencontrei pessoas que menos esperava e me afastei de pessoas que nem imaginava; todos esses anos que estudei nesta escola foram os melhores, em relação aos professores que passaram por aqui, me dei bem com a maioria, e com cada um deles fui ampliando mais meu conhecimento.

Autora: Maria de Marias

Texto 9

Relato de vivências estudantis

Minhas recordações sobre a XXXXX são muitas relações boas e ruins, uma delas refere-se as minhas novas amizades, que foi na XXXXX que encontrei meu melhor amigo entre outros acontecimentos marcantes em minha vida.

No ano de 2013, comecei estudar na XXXXX. A primeira impressão foi boa, mas depois não foi tão boa assim, pois na primeira aula de matemática fui expulso da sala.

Minhas recordações são as amizades que fiz com os colegas de turma e, dos professores, não me recordo muito, pois no momento não vem na memória.

Sobre meus colegas, gostei muito de conhecê-los, não vou citar o nome deles porque são muitos. Gostei dos funcionários da escola, eles são legais, principalmente XXXXX, a merendeira, trata-se de uma pessoa muito divertida.

Eu recordo do primeiro evento que foi com a Banda Beijo Meu. Foi muito e divertido, tinha muita comida.

Meu ponto positivo foi ter encontrado as melhores pessoas, e meu ponto negativo foi o diretor.

O que mais marcou minha vida estudantil foi repetir o 7º ano. Fiquei extremamente decepcionado, isso significou um momento muito ruim na minha vida estudantil.

Autor: José de Josés

Texto 10

Algumas lembranças do meu caminho escolar no Fundamental II

Tenho várias recordações da XXXXX, as principais são a aprendizagem, os professores, colegas, funcionários dentre outros que gosto de lembrar, são recordações especiais e muito boas.

Quando aqui cheguei, foi um pouco difícil porque estava nervosa, não conhecia bem dizer ninguém e também não sabia onde ficava a sala em que iria estudar, mas depois relaxei e tudo foi acontecendo naturalmente.

Do que mais gosto de recordar é dos colegas, funcionários, professores e vários eventos que tem todos os anos.

Dos professores gosto de falar que todos me ajudaram bastante nesses anos todos que estou aqui na XXXX. Alguns deles são: XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX. De outros professores prefiro não falar.

Dos colegas, gosto de falar sobre XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX são os que mais gostei em todos esses anos em que aqui estudo. De outros colegas, prefiro não falar.

Dos eventos que mais gostei de lembrar foi o dia das mães, que na minha opinião ficou lindo. As minhas lembranças positivas são a aprendizagem e as negativas são alguns dos colegas, dentre outros.

Dos funcionários, um que nunca vou esquecer é do antigo vigia, XXXXX, gostei muito dele, porque era muito legal com todos os alunos.

Na minha trajetória o que me marcou foi “A REPROVAÇÃO!”, nunca vou esquecer disso na minha vida. Mas é só mais uma barreira a ser enfrentada ou vencida, depende de como você vai levar!

Autora: Maria de Marias

Jornal Mural 5: O Guarani

Gênero textual/discursivo: Memórias, entrevista, dentre outros.

Contexto de produção: Os alunos-autores de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem produzem diversos textos acerca do lugar onde vivem.

Texto 1

Editorial

Rememorar é também uma prática discursiva, pois produzimos sentidos escrevendo um determinado texto.

Nesta edição do nosso Jornal Escolar, os alunos-autores cumprem essa tarefa.

Relembrem fatos, acontecimentos, episódios, dentre outros, que estão não só na memória coletiva da comunidade local, mas merecem um destaque especial.

Os elementos da paisagem cultural local nos envolvem, nos marcam e, assim, tornam-se pontos de identificação social e cultural.

Para tanto, os alunos-autores escrevem textos de diferentes gêneros para rememorar.

Vamos conhecer parte da história local de nossa comunidade escolar.

Texto 2

Memória da caixa d'água

A caixa D'água era grande, as pessoas iam buscar água as todos os dias e eles gostavam de levar baldes na cabeça para suas casas; eles voltavam para pegar mais todos iam pegar água e todos gostavam.

A caixa D'água era lugar que tinha mais água em Montanhas-RN, assim como a lagoa de Montanhas que também não era poluída neste tempo muitas pessoas iam para tomar banho e lavar roupas.

A caixa D'água não funcionava e ninguém hoje em dia ninguém vinha buscar água nele e todos vem tirar fotos dela e nós ficávamos olhando era muito bonito os mais velhos disseram que era bom carregar água para lavar roupas e tomar banho.

E nós adorávamos ir para lá na caixa D'água porque era muito bonito neste tempo é para nós um símbolo de nossa história e dos tempos atrás nos gostávamos de ficar brincando ao lado dela era muito divertido todo mundo brincava de pega-pega.

E ela fica perto da lotérica e todo mundo dá para ver ela porque fica quase no centro de Montanhas e algumas pessoas passavam de moto e carro e toda vez nós vamos para escola nós a vemos.

Autores: Josés de Josés

Texto 3

Nossa cidade

Assim como todas as cidades Montanhas tem também suas festas mais populares na cidade, como: a vaquejada, carnaval, o atletismo, a maioria das tradicionais festas de Montanhas são ligadas à religião católica.

A culinária de montanhas é a culinária típica do Nordeste, os pratos típicos da cidade atraem bastante os visitantes, os mais famosos são: a buchada, o picado, a favada, a feijoada, a panela ou cozido, o cuscuz e a pernada.

Já sobre as figuras lendárias, o município de Montanhas possui várias lendas.

Além disso é uma cidade muito religiosa, onde a maior parte da população é católica. A população montanhense tem como sua maior parte adolescentes e crianças e mais pessoas da zona urbana, segundo as fontes do IBGE de 2010.

Venha conhecer o Rio Grande do Norte e a cidade de Montanhas e sua beleza, as comidas, a cultura, a cidade, o povo etc. Todos são sempre bem-vindos!

Autora: Maria de Marias

Texto 4

Memória Literária

O lugar onde vivi era no campinal, paraíba, lá morava eu, minha mãe e meu padrasto.

A nossa casa era muito pequena e simples, lá era lugar muito estranho, não tínhamos muita intimidade com os vizinhos de lá, meu padrasto saía bem cedinho para trabalhar. Ele não tinha um emprego permanente: ele fazia bicos fora e, as vezes ajudava as pessoas. Eu e minha mãe íamos as sextas ou sábados pra casa da minha avó. Lá era um lugar tranquilo e bonito. Meu avô tinha um burro e uma carroça que com o burro e a carroça carregava água para casa e outras coisas para as pessoas.

Assim, é parte do lugar onde vivi!

Autores: José de Josés

Texto 5

Um recado: Nada de violência

A violência é ruim, na semana passada mataram um homem, lá na rua da linha em Montanhas e mataram uma professora inocente que morava em Pedro Velho; então, gente nada de bater, converse com essa pessoa e veja o que ela vai lhe dizer e nunca vá bate em ninguém.

Autora: Maria de Marias e José de Josés

Texto 6

Artigo de opinião: A cidade onde moro

Montanhas é uma cidade em constante crescimento localizada no Rio Grande do Norte é uma cidade aconchegante e receptiva, limita-se com Pedro Velho, Nova Cruz e Jacaraú, tem

um clima tropical e é banhada pelos rios Pirarí, Curimataú entre outros. Tem uma população mais ou menos de 10 mil habitantes.

O município de Montanhas é pequeno com índice de desenvolvimento baixo em termo de emprego pois sua principal fonte de renda vem de funcionários públicos e dos aposentados falta mais investimentos nas áreas de educação, saúde, lazer e segurança assim como gerar mais empregos para melhor seu desenvolvimento.

Só acho que os governantes devem fazer mais por nossa cidade investir melhor o dinheiro em obras e empregos assim aumentaria a seu desenvolvimento. Outra questão é o lazer não tem muito o que fazer aqui precisamos que o poder público faça sua parte.

Apesar de tudo é uma cidade cheia de cultura e tradições como festa de Santos Reis, São João e a emancipação política da cidade rica em cultura. Nos divertimos muito durante todas as festividades.

A nossa terra Montanhas. Antigamente era muito diferente em 1974. Mas hoje em 2019 mudou muita coisa.

Mas professora como era o nome dessa cidade, e por que tinha esse nome?

O nome era Lagoa das Queimadas chamada desse nome porque o padre José Vieira Afonso na Lagoa das queimadas a povoação da área.

Autoras: Maria de Marias

Texto 7

Minidiário

Numa quinta-feira, dia 15 de agosto: meu dia foi supernormal, como sempre, como assim? Ah, acordei, levantei, almocei e fui para escola, como todos os dias. Assim é o nosso lugar!

Na sexta-feira, dia 16: eu não acordei muito bem, sabe? Acordei com um pouco de dor cabeça e uma tontura. Nesse dia, eu quase não fui para escola.

Já no sábado, dia 17 eu passei o dia inteiro ansioso para brincar com meus amigos de “Queimada”. Quando deu 15:47 minutos, eu fui encontrar eles e passamos à tarde toda brincando. Foi algo muito especial.

Ontem dia 18 foi domingo: foi o melhor dia da minha vida, pois minha mãe veio me ver e passou o dia todo comigo. A gente se divertiu muito, brincamos. Outra experiência maravilhosa!

E, hoje dia 19, segunda-feira: eu acordei cedo; levantei, eu minha avó fomos lavar roupa no barreiro. Chegamos e a gente foi estender as roupas no varal, depois eu fiz o almoço e comecei a fazer esse minidiário. Tudo isso aconteceu no lugar onde vivo!

Autores: Maria de Maria e José de José

Texto 8

Depoimentos

Bem, eu nasci aqui, posso contar um pouquinho como é Montanhas, e também dizer o que acho dela: eu sempre queria conhecer essa cidade mais de perto, então quando vim para Montanhas achei essa cidade boa demais, e também tem muitas coisas boas.

O mais interessante, não é só isso sim a história dela que ainda hoje as pessoas mais velhas contam, e isso que é a história boa de se falar. Hoje é uma cidade rica de tudo, e tem inúmeros habitantes, é isso que eu vejo nela.

Parabéns para as pessoas que nunca desistiram de montanhas e hoje ela tem história para contar.

Autora: Maria de Marias

Texto 9

Minhas recordações

Montanhas para mim é tudo! Cidade boa de morar.

Vim para cá, eu era bastante jovem. Me casei ainda muito jovem, e vivi aqui muitos e muitos anos. Era muito diferente, não tinha luz.

Eu estudava à luz de candeeiro, e era a noite porque trabalhava de manhã e a tarde. E a cidade era diferente de hoje.

Tudo antes era difícil, as comidas, o acesso a água etc.

Só quem tinha condições comia bem, e hoje vejo montanhas é diferente em tudo, mudou completamente, hoje é bem melhor e mais fácil de se viver. (Francisca Henrique da Silva, 74 anos. Montanhas/RN).

Autora: Maria de Marias

Texto 10

Eu fui criada aqui em Montanhas desde recém-nascida.

Quando cresci me acostumei. E era muito boa essa cidade.

E é bom olhar pra os cantos e ver o que vivi de bom.

A cidade é pequena, mais tem coisas legais nela, é só você enxergar que ela teve e tem muita história para contar. (Pedro Henrique, 15 anos. Montanhas)

Autora: Maria de Marias

Texto 11

O sonho de uma jovem montanhense

Conta uma história de um antigo povoado chamado Montanhas ao lado de uma lagoa e uma estrada ferro, vivia uma jovem chamada Milena que tinha um sonho de estudar na capital, devido a situação financeira de seus pais que trabalhavam na

roça, via seu sonho ficar mais distante. Todos os dias Milena ia para a beira da lagoa ver o trem passar, Milena era muito bela e encantava a todos, em uma bela manhã Milena estava com seu vestido Azul, ao lado da estrada de ferro, quando escutou o barulho do trem, de longe o maquinista já notava sua beleza, com o rosto para fora da janela do trem, via aquela bela jovem, com vestido azul, cabelos ao vento, ele sinalizou pra ela com um beijo e um tchau, foi amor a primeira vista, Milena não conseguia dormir naquela noite devido o acontecido, mas sabia que seu pai não deixaria ela se envolver com um forasteiro, com tudo Milena pensou que esse amor poderia realizar também o sonho dela de estudar na capital, pensou em fugir com ele, passaram-se 6 meses e eles conversavam através de cartas trocadas enquanto o trem passava naquela estrada de ferro do povoado de Montanhas, em uma das cartas dizia.

- Minha bela Milena, não consigo mais viver sem você, já são muitos meses conversando com você por cartas, eu quero pegar na sua mão e leva-la para tomar um soverte, estava pensando e tive a ideia de fugir com você, te amo para sempre, assinado Aldo. E Milena responde com outra carta:

- Aldo, também não consigo mais viver assim, esse amor junto com meu sonho de estudar na capital, só me deram mais coragem de fugir com você, amanhã no raiar da aurora, estarei esperando você na estrada de ferro.

Milena só não contava que seu pai já estava desconfiado, um senhor matuto que andava com uma faca na cintura e tinha uma espingarda guardada atrás da porta, ele desconfiou e seguiu ela naquela manhã. E lá vinha o trem, o coração de Milena batia acelerado, Aldo não via a hora de pegar na mão de Milena e puxá-la para dentro do trem, seu pai estava escondido atrás da árvore e ele mirou com a espingarda em direção a Aldo, não conseguiu acertá-lo e eles conseguiram fugir, chegando na capital, Milena se encanta pela cidade e conseguiu dar início aos seus estudos no magistério, após 2 meses Milena começa a passar mal na escola,

sem entender o porquê, sua barriga começa a crescer, era fruto do amor.

Essa é a história de uma menina do interior que só queria estudar, e acabou conhecendo o que a realidade era totalmente diferente dos sonhos, teve que parar de estudar e se dedicar as crianças, porque o fruto do seu amor foi gêmeo.

Autoras: Marias de Marias

Texto 12

Lenda da Cobra Grande

A história mais comum por trás desse personagem ameaçadora é da índia de uma tribo que ficou grávida da cobra Boiona.

Ela deu à luz a duas crianças gêmeas que nasceram com aparência de cobra, o menino recebeu o nome de Narato e a menina Maria Canina.

Assustado com aparência da sua pele ele decidiu lançar seus filhos no rio.

E a diferença entre a personalidade dos irmãos era notória, ou seja, enquanto o Narato tinha coração bom e sempre visitava sua mãe, Maria por sua vez, guardava rancor e nunca foi vista-la.

Por conta de seu temperamento Maria sempre estava assustada com a população e os animais ou mesmo naufragado embarcações. Seu irmão que era ao contrário, não gostava nada de suas ações.

E também a Cobra Grande só pegava suas vítimas a noite.

Autora: Maria de Marias

Texto 13

Entrevista

Nosso entrevistado é o professor Luiz Felix Neto, que mora em Montanhas-RN e nos falou sobre o lugar onde vive! Ele é professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Professora Ocila Bezerril. Luiz Felix Neto é também mestre em Literatura Comparada pela UFRN. É um pesquisador da cultura local!

1. Como era Montanhas-RN quando você era criança?

Era uma cidade pacata, e boa de se viver a gente andava pelas ruas não tinha ninguém empenando motos as pessoas gostavam de andar de bicicletas, a lagoa era limpa e a gente tomava banho nela, assistia televisão na praça e não se tinha celular.

2. Quais são as características de Montanhas hoje em dia?

A cidade cresceu, a lagoa está suja e além de suja está cheia de deformações feita pela administração passada de Algacir, ao em vez das bicicletas temos motos e motoqueiros imprudentes, a linha do trem está desativada.

3. Quem fundou Montanhas?

Montanhas foi fundada pela família Pinheiro, Miguel Pinheiro.

4. Como é o clima e vegetação?

O clima de Montanhas gostoso, bem quente no verão e frio no período do inverno, a vegetação é a caatinga nesse período de inverno está bem verde e no verão perde essa cor.

5. Onde Montanhas está situada?

Está situada na região do litoral do Rio Grande do Norte, limite com o agreste.

6. Como é a cultura de Montanhas?

Montanhas tem cultura bem diversificada, de base erudita: Transmitida pelas escolas, popular: Originário do Povo.

7. Do que você mais gosta e menos gosta em Montanhas?

Eu gosto do povo que é acolhedor e afável com que visita à cidade. Eu não gosto dos gestores públicos que deveriam tratar a cidade como um bem para todos e não fazem.

Autores: José de Josés

Texto 14

Peça de Teatro

Narrador:

Júlia estava esperando sua tia voltar do Rio de Janeiro. Fazia 35 anos que ela havia saído daqui (Montanhas), sua cidade natal. Ela não se lembra de quase nada de como era, pois saiu daqui ainda criança. Em fim! Sua tia chegou.

Júlia:

- Oi tia, seja bem-vinda!

Tia de Júlia:

- Oi minha querida, que bom, finalmente te ver! Eu queria muito sair, faz tanto tempo que não venho aqui!

Júlia:

- Vamos sair sim!

Narrador:

Elas passaram por vários lugares.

Júlia:

- Essa é a lagoa de Montanhas, lembra que aqui tem uma lenda que tem um monstro?

Tia de Júlia:

- Sim é mesmo! E ali é uma linha de trem?

Júlia:

-É sim tia, minha mãe me contou que havia um ponto aqui e funcionava.

Narrador:

E assim, Júlia e sua tia passearam pela cidade, ela ficou encantada e o que mais lhe chamou atenção foi à igreja matriz belíssima.

Autoras: Marias de Marias

Texto 15

O lugar onde eu vivo: Montanhas-RN

Montanhas é uma cidade pequena do RN.

Um interior, um lugar onde a população tem um ótimo toque nordestino tanto no sotaque quanto na culinária.

Cercado por lagoas e monumentos históricos, como nossa igreja do centro, as praças, as lagoas e a nossa cultura única.

Autor: José de Josés

Jornal Mural 6: O Guarani

Gênero textual/discursivo: Contos, listagem, memórias, dentre outros.

Contexto de produção: Os alunos-autores de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem produzem diversos textos relatando fatos vivenciados durante a festa junina da sua comunidade.

Texto 1

Editorial

As festas populares marcam a identidade cultural de uma comunidade. Elas estão presentes em vários lugares e se manifestam de forma diferente em cada local.

Os festejos relacionados com os santos católicos do São João estão presentes na cultura do nordestino, tornando, na verdade, quase que um sinônimo do próprio nordestino.

Os alunos-autores da nossa escola retomam aspectos dessa festa cultural tão marcante e nos apresentam alguns textos tratando dessa temática.

Vemos mais uma vez que a escrita pode ser um poderoso meio de interação. Com ela, podemos dizer ao outro o que pretendíamos.

Texto 2

Conto: Arraiá de Alemizade

Em uma pequena cidade do interior chamada de Alemizade a festa junina era tradicional, onde todos os habitantes se reuniam para festejar com grande alegria. Era uma festa com muita comida, bebida e todos não cansavam de dançar, era diversão até o sol raiar.

Os visitantes que estavam lá não podiam acreditar ser a festa junina daquela região. Impressionados ficaram quando viram a festa tão linda que era decorada com balões, bandeirinhas e outros enfeites.

Os sorteios, as brincadeiras e as surpresas traziam animação. A maior atração da festa eram as comidas típicas, com pratos variados e saborosos feitos com amor e carinho.

Essa festa era realizada no tempo da colheita para comemorar sua grande fartura.

Autores: Josés de Josés

Texto 3

A história das festas juninas

A festa junina é uma tradicional festividade muito popular no Brasil, principalmente na região Nordeste. Essa festividade é comemorada no mês de junho e homenageia três santos católicos: Santo Antônio (homenageado no dia 13/06), São João (homenageado no dia 24/06) e São Pedro (homenageado no dia 29/06).

Historiadores apontam que as origens da festa junina estão relacionadas às festividades pagãs realizadas na Europa, na passagem da primavera para o verão. Esse momento é chamado de solstício de verão. O solstício de verão no hemisfério norte acontece no mês de junho e é por isso que as festividades ocorrem no mês de junho. As pessoas realizavam essas festas como forma de afastar os maus espíritos ou qualquer praga que pudesse acabar com as colheitas.

A partir do momento em que o Cristianismo se consolidou como a principal região do continente europeu, a festa, que era originalmente, pagã foi incorporada ao calendário festivo católico.

Para facilitar a conversão dos diferentes povos pagãos, adicionando-as ao calendário católico e acrescentando nelas elementos cristãos. Essa foi uma prática comum da igreja Católica.

A festa junina chegou ao Brasil no século XVI com os portugueses durante o período de colonização. Quando introduzida no Brasil, a festa era conhecida como festa joanina, em referência à São João, mas com o passar dos anos ela teve o nome mudado para festa junina, em referência ao mês em que ela é comemorada, o mês de junho.

Inicialmente, a festa junina possuía um forte tom religioso, mas com a evolução da festa junina no Brasil fez com que ela se associasse a símbolos típicos das zonas rurais.

A maior festa junina do país acontece na cidade de Campina Grande, localizada no Estado da Paraíba.

Durante as festas juninas no Brasil são realizadas danças típicas, como quadrilhas. Também há produção de inúmeras comidas à base de milho e amendoim, como canjica, pamonha, pé-de-moleque, além de bebidas como quentão.

Autores (as): Marias de Marias

Fonte:Brasilecola.com.br

Texto 4

Quadrinhas

Sou Joana faceira
Nascida lá no sertão
Danço quadrilha ligeira
Com minha saia balão.
No dia de Santo Antônio
Uma festa vamos dar
E você que é convidado não pode a ela faltar.
Oh! Meninas brasileiras,
Se vocês têm coração
Soltem fogos sem perigo,
Mas não soltem balão.
Vamos, vamos minha gente,
Toca a rir, toca dançar...
Que São João gosta da gente
Pra seu dia festejar.
Para uma grande festança,
No dia de São João,
Você está convidado
Por favor, não falte não.
(Música Sambalelé)

Pesquisadoras: Maria de Marias

Texto 5

Trava língua

1. A vaca malhada foi malhada por outra vaca malhada e malhada.
2. O rato roeu a roupa do rei de Roma.
3. Casa suja chão sujo.
4. Cheiro de cara suja

5. Quem paca cara compra paca cara pagará.

6. Sabia que a mãe de sabia que o sabiá sabia assoviar?

Aluna: Maria de Marias

Texto 6:

Festa junina

Em minha opinião, festa junina é tradição, um festival, uma quermesse igual o povo do sertão fala, tem danças de quadrilhas, brincadeiras, comidas típicas, entre outras.

Ela foi trazida para o Brasil por influência dos portugueses no século XVI.

Eu acho que é uma data muito especial e importante para nossa cultura, ela é realizada em homenagem aos três santos, entre os quais se destacam, Santo Antônio, homenageado dia 13 de junho, São João, no dia 24 de junho, e São Pedro no dia 29 de junho.

Em minha opinião, as comidas típicas são muito importantes, pois elas fazem parte da tradição dessa festa cultural popular brasileira.

As principais comida típicas são:

- Pamonha;
- Canjica;
- Bolo de milho;
- Pé de moleque;
- Milho cozido;
- Milho assado.

Autores (as): Marias de Marias

Texto 7

Lembranças do São João

No meu tempo de menino
Era tudo diferente
Se acendia a fogueira
Tudo perto era bem quente
Minha mãe fazia bolo
De milho pra dar a gente.

Não se tinha condição
Pra coisa sofisticada
Meu pai vinha pra rua
Fazer a feira e mais nada
Comprava às vezes uns traques
Pra nós que era farra.
Se acendia a fogueira
Depois se ia jantar
Pamonha, canjica e bolo,
Olhando a mesma queimar
Não se ia pra festa,
Pois não tinha o que gastar.

Meu pai fazia de tudo,
Pra nós ficar bem contente
Era eu e minha irmã,
Também uns primos da gente
Assim era nossa festa
O São João de antigamente.

Aí ficava acordado
A fogueira a contemplar
Olhando as brasas ardentes
Da catingueira a queimar

Ou madeira de angico
E a fumaça a reinar.

Oh! Como era bom aquilo
Hoje só fico a lembrar
Todo mundo reunido
Ficávamos a conversar
E quem tinha condição
Ia pro baile dançar.

Autores: Marias de Marias

Texto 8

Relato de uma Experiência Junina

O meu Relato de Experiência Junina fala sobre minhas participações em várias quadrilhas juninas. Eu gosto muito de São João, pois neste mês eu não vou participar de nenhuma quadrilha, e estou pensando em ir, apenas ver a dança, lá da Escola José Targino; que eu acho muito legal.

Eu gosto do São João, porque as comidas são bastantes gostosas, principalmente da canjica da minha avó. Só consigo comer a canjica feita por ela, porém, quando vou a casa dela no Cuité, vou para vê-la e o meu avô, porque gosto muito deles.

Outra coisa que gosto do São João, é que vejo meus primos e tios sempre que vou ao Cuité e brinco de várias coisas legais com eles.

Autora: Maria de Marias

Texto 9

Adivinhas

1. O que é, o que é? É feito de papel termina com ão, sobe para o céu na noite de São João: balão.

2. Nas noites de São João está acesa no quintal, sou de cores variadas, você vai me colar: bandeirinha.

3. Feito de palha, na cabeça fico, protejo do sol e da chuva deixo o caipira bonito: chapéu.

4. No fogo pula, pula até ficar branquinha! Salgadinha e quentinha e muito gostosinha: pipoca

5. Gostoso e cheiroso, moreninho eu sou, com amendoim e açúcar prontinho estou!: pé-de-moleque.

Autor: José de Josés

Jornal Mural 7: O Guarani

Gênero textual/discursivo: Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA).

Contexto de produção: Os alunos-autores de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem produzem diversos textos relatando suas experiências do Ensino Fundamental II.

Texto 1

Editorial

Este é o nosso último Jornal Escolar do ano de 2018. Neste ano, realizamos várias vezes essa experiência escolar.

Foram várias escritas, reescritas e até retextualizações. Já ocupamos o espaço via as diversas língua(gens).

Nesta edição, os alunos dos 9º anos A e B produziram Relatos Reflexivos de Pessoal de Aprendizagem (RRPA) acerca do

período em que foram alunos desta escola. Eles retomam parte da experiência vivenciada durante o Ensino Fundamental II.

Assim, os alunos-autores se apropriaram da escrita e discursivamente ocuparam seu espaço: escrever.

Boa Leitura!

Texto 2

Relato de experiência educacional pessoal

Eu irei falar um pouco sobre minha trajetória aqui na XXXXX. Começarei com a primeira vez que entrei aqui, no sexto ano, em 2015. Com certeza foi muito bom! Teve brincadeiras, festas, aprendizagens, professores muito legais e união, que é uma coisa que agora não tem mais.

O sétimo ano, em 2016, eu comecei estudando em Montanhas, mas no meio do ano eu vim estudar aqui de volta e conheci novos amigos. Foi bom, teve apresentações de dança e foi uma experiência incrível, e devo dizer que os professores foram excelentes. Foi um ano de muita experiência para mim.

Já o oitavo ano, em 2017, foi o melhor de todos, pois tive os melhores amigos. Não vou mentir que também foi um ano de bagunça. Participei da banda da escola, “Ban J”, e também foi o ano que eu mais me dediquei.

Agora estou terminando o nono ano, que comecei à tarde e vim para a manhã por motivos pessoais. Quando cheguei aqui só conhecia quatro pessoas. Conheci outras meninas e gosto bastante delas; já os outros, respeito, mas não são meus amigos.

Todos os professores são bons. Minhas notas começaram baixas, mas depois foi melhorando. Eu usava muito o celular, mas agora não uso tanto, pois atrapalha muito. Está sendo bom, mas graças a Deus está acabando.

Autora: Maria de Marias

Texto 2

Relato de experiência no fundamental II

Na Escola XXXXX, estou cursando todo meu Ensino Fundamental ao lado dos meus amigos.

Essa foi a melhor escola que estudei até o momento. Tive a experiência de conhecer professores bem qualificados. Jamais irei sair desta escola da mesma maneira que entrei.

Gostaria de passar mais anos aqui, infelizmente sabemos que não é mais possível pelo fato de estar terminando o 9º ano, último ano do Ensino Fundamental.

Estou certo que chegarei no meu Ensino Médio preparado para as dificuldades que irei encontrar. Caso veja alguma que não consiga resolver sozinho, sei que contarei com os atuais professores, mas irei lembrar de cada palavra dita pelos antigos que fizeram parte dos meus últimos anos.

Foram dias sofridos, algumas vezes doente, outras com dificuldades na família. Não é fácil ter que vencer o sono, a vontade de ficar na cama, tomar banho, tomar café e enfrentar mais um dia cansativo. Com muita força de vontade estou conseguindo até hoje. Os conselhos de vocês me fizeram chegar até aqui, com certeza irei chegar muito mais longe.

Tudo que sei até este momento, agradeço aos meus atuais professores: XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX. Gratidão eterna por cada ensinamento.

Autor: José de Josés

Texto 3

Vivências escolares

No ano de 2014 comecei a estudar aqui no XXXXX. No começo era bem estranho ter que me adaptar a outros professores, outros colegas etc.

Logo no começo tive que me adaptar aos horários, coisa que eu estava acostumada a ser um professor em todas as matérias. Algumas pessoas do 6º ano eu já conhecia; outras comecei a falar com o passar do tempo. Até hoje, o 8º ano, estudei com alguns amigos, entrou alguns novatos que com um certo tempo começamos a fazer amizades.

Certa vez, estudando no oitavo, fiquei em recuperação, e como já tinha uma viagem programada, resolvi ir pro passeio, daí tive duas opções, ou seria reprovada, ou ia pra dependência, e minha mãe achou melhor a reprovação.

Não achei um bicho de sete cabeças, muito pelo contrário, me incentivou bastante a estudar, a entender melhor todos os conteúdos. Além disso, como reprovei, os alunos do 7º passaram a estudar comigo, e isso foi bom, fiz novas amizades, cheguei a estudar com 3 vizinhos meus, que na verdade estamos estudando juntos até hoje.

Daí chegou o fim dos bimestres, fiquei novamente em recuperação em duas matérias, mas passei e isso foi ótimo. Hoje estou no nono ano, junto da minha turma passada, estamos já na reta final, e dali em diante todos irão se separar.

Vem junto a formatura, que nem todos vão fazer, vem IFRN, e assim vai chegando coisas para nós que já estamos próximos do Ensino Médio. Lá tudo será novamente diferente, outros professores, alunos, diretores, novas matérias... Até lá teremos que nos dedicar o máximo possível para terminar e procurar uma faculdade, trabalhar e ser alguém bem desempenhado lá na frente.

Hoje em dia só se tem as coisas estudando, mas tem gente mais novo que não acha isso. Eu mesma cheguei a pensar que era brincadeira ou algum puxão de orelha dos meus pais, só que não é. Com o tempo você vai vendo que se quiser algo mais lá na frente tem que estudar muito e para depois poder ficar sossegado, ter seu salário, se manter e ajudar quem sempre ajudou, que no caso foram os professores e os pais.

Autora: Maria de Marias

Texto 4

Relato de experiência educacional

No ano de 2015, entrei na Escola XXXXX pra cursar o 6º ano. Minha intuição era fazer amizades e ter um aprendizado. Sempre tive boas informações desta escola, por isso decidi estudar nela.

Tinham pessoas que eu não conhecia no primeiro momento que comecei a estudar, mas depois reencontrei uma amiga que já havia estudado comigo um tempo antes, e melhor, ficamos na mesma sala no XXXXX. Com o passar dos dias fui fazendo novas amizades. Uma delas foi com o XXXXX, coincidentemente uma das melhores. Saudades daquela época.

Em 2016, comecei o 7º ano. Ah, neste período aprendi muitas coisas. Lembro-me das bagunças e travessuras que a turma fazia, na verdade até hoje faz. Estudei com os mesmos alunos e professores, não houve mudanças neste período.

Na mesma escola, em 2017, foi a vez de cursar o 8º ano. Continuamos com os mesmos colegas, mas tivemos novidades. Novas pessoas vieram acrescentar conosco, e rapidamente fizemos amizades. Nossos momentos foram marcantes.

Chegamos em 2018, permanecemos na mesma escola e decidi terminar o meu Ensino Fundamental nela. Firme ficamos com os mesmos amigos e equipe de professores, mesmo com algumas mudanças na direção. Faço parte do 9º ano “B”, tenho orgulho dessa turma. Irei levar cada um em meu coração para toda a vida. Com certeza sentirei falta de todos no Ensino Médio. Levarei comigo cada conselho que recebi aos longos destes anos. Enfrentarei dificuldades, mas irei vencer com tudo isso que vocês me ensinaram e mais.

Aqui faço meus sinceros agradecimentos aos meus professores mais que especiais! XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX, meu muito obrigada a cada um de vocês por toda a paciência e principalmente pelos ensinamentos. Grata por tudo!

Texto 5

Retomando momentos inesquecíveis

Há exatamente 4 anos comecei a estudar na Escola XXXXX. Foi uma coisa muito boa, mas eu não sou bom aluno. Às vezes eu bagunçava muito na sala e os professores às vezes me botavam pra fora da sala. Já fui várias vezes pra diretoria, mas nunca levei suspensão.

Eu já repeti uma vez o 9º ano, às vezes vou pra escola com preguiça, com sono, mas esse ano eu estou me esforçando para passar de ano. Estou fazendo todos os deveres, minhas amigas estão me ajudando e às vezes pego algumas tarefas delas. Gosto muito dos meus amigos, dos professores. Somos muito unidos. Às vezes fazemos festa na sala, brincamos muito, gosto muito deles. Bom, isso vou levar para minha vida toda.

Autor: José de Josés

Texto 6

Relato de experiência educacional pessoal

Fiz parte da XXXXX desde o sexto ano. Com isso aprendi coisas novas e tive vários amigos.

No primeiro ano escolar, que foi no sexto ano, nem foi tão bom nem tão ruim, porque quando entrei, estudei na sala que eu não queria porque meus amigos estavam estudando em outras salas. Mas mesmo sem eles, continuei, fiz vários amigos novos e conheci vários professores legais. Também eu e uns dos meus amigos fomos considerados os mais inteligentes da sala.

Já o sétimo ano foi umas das melhores coisas que aconteceu na minha vida. Fiz coisas que me orgulho e me arrependo, mas não posso voltar o tempo para consertar os erros do passado, por

isso continuei. Já no oitavo foi um dos piores anos da minha vida, porque meus professores já não eram os mesmos e metade dos meus amigos tinham repetido. Isso foi muito ruim e triste, mas meus colegas não me deixaram de lado, e conheci professores novos e legais, por isso tive várias aventuras.

Já no nono ano tive várias experiências novas e aprendizagem, e por isso só tenho a agradecer a Deus e aos professores.

Autor: José de Josés

Texto 7

Relato de experiência educacional

Minha trajetória na escola XXXXX foi boa. No 6º ano, vários amigos iriam estudar em outras escolas e pensei que iria estar sozinha, mas continuei estudando com alguns deles e conheci pessoas novas. Meus professores eram muitos legais, engraçados e divertidos, mas nem todos continuam trabalhando na escola.

Não lembro muito bem das recordações. Durante o 6º e o 7º ano, a direção organizava para cada turma arrecadar alimentos para doar e a sala vencedora fazia uma viagem. Não tenho recordações negativas, pois esses 4 anos foram ótimos. Tive vários conhecimentos e muita convivência com meus colegas.

Foi bom ter vivido todos esses momentos, pena que alguns não estudam mais comigo. Nesse último ano sairei muito feliz com tudo que aprendi e com os ótimos professores que a escola tem.

Autora: Maria de Marias

Texto 8

Relato de experiência estudantil

Há exatamente 5 anos atrás entrei na XXXXX. Bom, eu vivi muitas coisas boas do 6º até o 9º ano. No 6º ano, conheci algumas

meninas que são minhas amigas até hoje, e outras que estão morando em outra cidade. Eu gostei muito dessa escola e vou sentir saudades. Todas coisas que eu aprendi aqui eu vou levar pra minha vida toda.

O que eu achava mais errado nessa escola era a falta de lanche. Muitas das vezes os alunos iam sem tomar café. Uma das melhores professoras era XXXXX. Eu vou sentir muita saudade dela.

A turma que eu estudo é uma das melhores da escola. Por ser uma turma pequena, todos somos unidos e todas as coisas que planejávamos dava muito certo. Tenho uma amiga desde o 6º ano na mesma turma. Eu gosto muito de todos da minha sala. Nossa! Eles são os melhores amigos que alguém poderia ter. A única coisa que gostei foi conhecer vocês. Vou levar pra minha vida toda e estarei sempre aqui para o que precisarem.

Eu aprendi muitas coisas... Quero terminar meus estudos, quero me formar em veterinária e conseguir realizar todos os meus sonhos. Eu repeti uma vez no 7º ano por falta de interesse nas aulas, eu só queria estar fora da sala e às vezes os professores brigavam comigo.

Autora: Maria de Marias

Texto 9

Relato de experiência educacional

Há 4 anos, quando entrei na XXXXX, foi diferente dos anos anteriores, pois eu estava iniciando o Fundamental 2, e ao longo do tempo fui criando amigos, conhecendo pessoas novas com o passar dos anos.

Alunos saíram, outros entraram, como todo ciclo. Amizades foram embora, ou até mesmo aquelas que fiz aqui e levo comigo até hoje.

Aqui eu tive a oportunidade de frequentar o programa “Mais Educação”, pude participar de gincanas e comemorações, como Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, entre outras. No ano passado,

pude participar da Banda da Escola (BAMJOTA), e foi mais uma aprendizagem para mim.

Em meio a esse percurso até aqui, houve vários empecilhos que de certa forma nos prejudicaram: greves que duraram semanas e falta de merenda escolar foram algumas das outras coisas que aconteceram. Mas olhando tudo que passamos nos últimos anos, podemos ver que tudo isso serviu de alguma maneira para nos ensinar algo.

Estamos terminando o ano letivo do Ensino Fundamental, prestes a ir para o Ensino Médio. Quando paramos para ver nosso trajeto nos últimos 4 anos, podemos dizer o quanto aprendemos aqui, e iremos levar todo nosso conhecimento para o futuro.

Autor: José de Josés

Texto 10

Relato de experiência educacional

Bom dia! Meu nome é XXXXX, hoje aqui para apresentar a experiência educacional que tive, e ainda estou tendo, de estudar no XXXXX.

Eu estou aqui desde o 6º ano, então já tenho muitas experiências nessa escola. Muitas coisas me marcaram desde o 6º ano: uma festa que fizemos, uma boa advertência, pois eu discuti com um professor, e uma ótima reprovação no fim do ano.

No 7º ano já foi mais diferente, porque conheci novas amigadas e ótimas professoras, que são XXXXX e minha querida XXXXX.

Já no 8º ano foi bem diferente, porque tinha um professor que não foi com a minha cara e até hoje se ele me ver em algum canto nem olha. Mas, mesmo assim eu o ele, mesmo com nossas discussões e a advertência que ele me fez assinar só porque ele me pegou bagunçando na sala. Mesmo assim meu 8º ano foi ótimo – tirando esse professor.

Já no 9º ano, que é o ano que estou, foi tudo diferente, pois quando começaram as aulas eu fiz umas novas amizades que amei conhecer e agradeço a Deus por ter conhecido. Também conheci um novo professor que logo no começo eu não gostava dele, mas mesmo assim eu acabei acostumando com ele e hoje até brinco, tiro dúvidas etc. Sem contar a volta do meu amado professor, XXXXX.

Claro que foi o melhor de todos os anos, porque esse ano teve nossa festinha do São João, que foi “mais que boa” viu? Prometeu e deu o que falar.

E a nossa festa que fizemos do dia dos professores? Escolhemos a minha amada XXXXX e o meu querido XXXXX para fazer a festinha. Até aqui esse ano está ótimo. Espero que continue assim...

Só tenho isso para falar sobre a minha experiência educacional.

Autora: Maria de Marias

Texto 11

Relato de experiência educacional

Meu período escolar no XXXXX foi ótimo. No começo, no 6º ano, eu fiquei com medo de ficar sozinha, pois não conhecia ninguém. Chegando no segundo mês de aula, eu já estava bastante empolgada. Meus professores de 2015 eram bastante legais e alguns ainda trabalhavam aqui, como XXXXX, XXXXX, XXXXX, XXXXX e XXXXX.

Não me recordo de algum acontecimento marcante, mas o que eu acho bastante importante são as viagens de conhecimento que nossa escola faz, os saraus que começaram a nos proporcionar desde o ano passado, com temas importantes sobre a nossa cultura e a descoberta das histórias de vida de poetas do nosso estado.

Autora: Maria de Marias

Texto 12

Relato de experiência educacional

Eu entrei aqui quase no finalzinho do ano, em outubro, logo quando eu cheguei na cidade. Achei que não fosse gostar de estudar no XXXXX, pois não sabia como era o ensino daqui, nem os professores, os alunos, e achava que aqui era uma escola ruim.

Mas logo essa dúvida foi embora: eu fui para minha primeira aula aqui e gostei. As pessoas são respeitosas e muito legais.

Aqui eu conheci várias pessoas simpáticas, fiz novas amizades, fiz um provão, e fiz algumas atividades. Eu gostei bastante de estudar aqui.

No final de dezembro a minha turma vai fazer um passeio, acho que nós vamos para um parque aquático ou uma praia. Eu estou muito ansiosa para esse passeio, acho que vai ser muito divertido.

Autora: Maria de Marias

Texto 13

Minha trajetória estudantil no XXXXX

Eu entrei no XXXXX no 6º ano, já conhecia algumas pessoas com quem eu já havia estudado em outras escolas.

No 7º ano, chegaram pessoas diferentes, também chegaram outros professores. Nossa turma era muito unida, a gente criou até uma banda pra homenagear os professores. Também teve arrecadação de alimentos, que a nossa turma ganhou.

No 8º ano, mudou várias coisas. Me afastei de várias pessoas, pois a sala não era mais unida como antes: cada um tinha seu grupinho. Lá também entraram vários professores diferentes: XXXXX (professor de português), XXXXX (professor de matemática) e XXXXX (que era professor de história). No mesmo

ano, a escola começou um projeto chamado “sarau”. O sarau foi muito bom para aprofundar nossos conhecimentos.

No 9º ano, várias pessoas saíram da escola, tirando isso, nada mudou. As “briguinhas” ainda continuam e inúmeras outras coisas também.

Texto 14

Relato de experiência educacional

Eu cheguei na Escola XXXXX e fui bem recebida tanto pelos professores e quanto pelos alunos. Eu fiz alguns colegas, mas não gosto desta escola não, infelizmente. Eu gosto muito da aula de XXXXX, ótima professora, e também um pouco de português, de religião e de produção de texto.

Na minha sala eu consegui dois amigos(as): foi Vitor e Flaviana. Também o que vai ficar marcado no 9º ano é a festa da XXXXX, no São João. Eu não gostei do XXXXX, eu achei uma escola bem organizada, mas tem muita gente que não sabe respeitar as opiniões ou decisões dos outros.

Até agora fui bem respeitada, e assim eu espero que seja até acabar o ano. Foi bom fazer novos amigos(as) e também conhecer novos professores. Não gostei de todos, mas gostei de alguns.

Eu espero fazer mais amigos(as)!

Autora: Maria de Marias

Texto 15

Relato de experiência educacional

A minha experiência educacional na XXXXX iniciou-se em 2015, na sexta série, daí não sai mais da escola!

Na sexta série fiz muitos amigos e aprendi muitas coisas. No começo sempre arrumava confusão comigo, mas na verdade isso nunca mudou, por isso eu ia muito à diretoria. Então resolvi

mudar minhas atitudes e deixei de lado algumas amizades desnecessárias. Olha que isso valeu muito a pena! Minhas notas aumentaram e eu já não estava indo mais à diretoria por causa de confusões. Então chegou o fim das aulas e eu passei por média desde o terceiro bimestre. Isso me marcou muito, pois aprendi que nem todas amizades te levam para frente.

Passaram-se as férias e eu fui para a sétima série. As amizades eram quase todas as mesmas, apenas alguns novatos. Os professores também eram os mesmos e o ambiente nunca mudou.

A sétima série não teve muitas coisas interessantes. Eu ainda tirava notas boas e o meu comportamento também era o mesmo, porém me distanciei de alguns amigos, fiquei com apenas 5 amigos. Eu também passei por média no sétimo ano.

Final de férias me preparando para ir à escola aconteceram muitas coisas em casa, então eu já não era a mesma menina doce e amigável e considerada uma boa aluna pelos professores.

Em 2017, na oitava série, eu tive depressão, então isso prejudicou muito minhas aulas. Eu me afastei do restante dos meus amigos, eu ficava isolada, por isso tirei muitas notas baixas. Já no meio do ano voltei a falar com alguns dos meus amigos, mas eu já era aquela menina alegre. Isso atrapalhou, mas eu consegui recuperar minhas notas. Então passei, não por média igual aos outros anos, mas passei sem ter que fazer recuperação.

Enfim meu último ano na XXXXX, eu estava indo para o nono ano, uns dos concluintes de 2018.

A cada dia aprendo algo novo na escola e espero aprender muito mais na próxima escola que eu irei. Esse ano foi muito marcante: refiz minhas amizades, as minhas notas estão melhorando e a depressão já não está tomando de conta de mim como antes. Este final das aulas está sendo muito bom e tenho quase certeza que irei passar sem ter que fazer recuperação.

Autora: Maria de Marias

Texto 16

Minha experiência educacional

Na minha vida estudantil, passei por várias coisas e aprendizados que irão fazer parte da minha vida para sempre. Entre eles tem uns marcantes, como pessoas que conheci no meu ambiente escolar.

Me lembro como se fosse hoje quando comecei a estudar na Escola XXXXX. As pessoas me perguntando como se falava italiano e me mandando falar palavras de lá, e como de surpresa, não tinha sossego na escola só por esse fato.

Vivi várias correrias e preocupações no meu ambiente escolar. Uma dessas coisas, nesses anos na escola, que mais marcou foi a preparação para o IFRN, e a preparação e a atenção dos professores foi o maior incentivo e a maior ajuda para os alunos.

Tenho muitas recordações desses quatro anos de escola no XXXXX. Uma de muitas foram os Saraus, pois eles me fizeram entender que, independentemente do quanto de conhecimento que temos sobre as coisas, sempre haverá mais para descobrimos. Essa que acabei de dizer pode ser considerada uma recordação boa. Já uma recordação ruim poderia ser por exemplo quando faltava merenda, quando soltava cedo demais ou simplesmente quando descobrimos que um dos professores chatos da escola era um dos nossos professores.

Bom, independentemente dos momentos marcantes, das recordações felizes ou tristes, das experiências vividas na escola, da minha trajetória nela estou feliz dos anos que vivi e as experiências que tive nos meus anos escolares, e sendo assim fico muito feliz da marca que a Escola XXXXX deixou em minha vida!

Autora: Maria de Marias

Texto 17

Relato de experiência educacional

Meu nome é XXXXX, mais conhecido como “Brito”. Estudo na Escola Municipal do Fundamental José Targino há quatro anos.

Quando entrei em 2014, no 6º ano, conheci várias pessoas, algumas estão comigo desde o 1º ano do Ensino Fundamental. A escola XXXXX no início tinha o “Mais Educação”. eu fazia todas as semanas com meus colegas, era bastante divertido.

Pois nos meus primeiros anos, nessa escola, eu levava as coisas na brincadeira. Quando cheguei no 8º as coisas ficaram mais sérias, pois habilitou uma nova forma de avaliação, o “provão”.

Muito assunto ao mesmo tempo para estudar. Confesso que fiquei confusa no começo. Em questão de comportamento eu nem baguncei tanto, só levei uma advertência que foi no 8º ano, nunca briguei esse tempo todinho. Esse ano foi o que eu mais fiquei focado.

Estudei bastante no caminho, que XXXXX se esforça muito para fazer essa super aula de reforço. Várias pessoas de escolas diferentes vão para o cursinho, me ajudou bastante para a prova do IFRN.

Não tenho o que falar de pontos negativos da escola, pois ela só me ajudou e me fez crescer com mais experiência e conhecimento.

Autora: Maria de Marias

Texto 18

Os 4 anos

Nesses meus 4 nos vividos na XXXXX, muitas coisas aconteceram: no 6º foi bem estranho, conhecia quase ninguém da sala, mas com o tempo isso foi mudando e estamos até hoje sendo

amigos e tenho certeza que vai continuar (mesmo que alguns nesse próximo ano vão para caminhos diferentes).

Nesses anos me marcaram muitas coisas, principalmente as pessoas que estavam ali todas as manhãs: os professores, os colegas, os diretores, enfim, todas as pessoas que tiveram junto a mim nesses 4 anos no XXXXX.

É claro que teve ótimos momentos na escola, várias competições de sala, como a de 2016, que teve arrecadações de alimentos e nossa sala ganhou, teve as viagens, os saraus, entre outras coisas.

Não teve muitas coisas “negativas”, no máximo algum professor que não era tão legal ou uma apresentação que passei vergonha etc.

Mas tirando isso foi um bom tempo passado nessa escola e espero não esquecer de tudo que passei nela.

Autor: José de Josés

Texto 19

Meu relato estudantil

Minha trajetória na XXXXX começou no ano de 2015. O primeiro ano foi bem conturbado, pois foi um de novos assuntos, novos amigos, novos professores e com essas novidades tive que me acostumar, mas deu para conseguir a aprovação. Nos demais anos deu para levar, pois já estava acostumado.

O que marcou muito foram os amigos. Criamos um laço de amizade muito forte e companheirismo que existe até os dias de hoje. Outra coisa que marcou também foram os títulos no Jerns, em várias modalidades futebolísticas. Nesse período de 4 anos conquistamos em Nova Cruz, etapa regional: 3 medalhas de ouro; e em Natal, etapa estadual: 1 de prata, 1 de ouro e 1 de bronze. Ao todo foram 9 medalhas, e isso me marcou muito mesmo.

As recordações positivas foram os títulos, os amigos e os professores que deram um bom ensino. O ponto negativo foi a

mudança do estilo de prova para o provão, mas no final de tudo nos ajudou.

Com tudo isso citado acima, eu defino esse tempo na XXXXX como 4 anos de aprendizagem, aventuras, coisas novas e amizades. Isso foi ótimo para meu período estudantil e foi muito importante na minha vida.

Autor: José de Josés

Jornal Mural 8: O Targino

Gênero textual/discursivo: Notícias jornalísticas.

Contexto de produção: Os alunos-autores de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem produzem notícias jornalísticas.

Texto 1

Editorial

O texto jornalístico está sempre presente no contexto escolar, geralmente, constitui um objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa.

Além de permitir a análise dos contextos de produção, de recepção e de circulação, pode auxiliar no desenvolvimento de habilidade e de competências de leitura e de escrita.

Nesta edição, os alunos-autores produziram notícias jornalísticas envolvendo fatos da comunidade local.

Assim, assumindo a função-autor ocupam o espaço via a linguagem escrita para produzir pequenas notícias jornalísticas.

Texto 2

A enchente de Pedro Velho-RN

Em Pedro Velho-RN, grande enchente toma conta de parte da Vila de Cuitezeiras. Moradores são obrigados a mudar de lugar. Surge uma Vila Nova.

Pedro Velho, interior do RN, cidade pequena, mas grandiosa nas suas histórias intrigantes. Um fato muito interessante é que esse interior foi varrido há uns duzentos anos por uma grande enchente, o que fez a cidade recuar alguns quilômetros de sua área original. A herança viva dessa época são as ruínas de uma igreja chamada Capela de Santa Rita, datada do tempo em que Dom João, rei de Portugal, esteve em terras tupiniquins.

Um senhor conhecido como “seu” Jajáu se elegeu guardião dessa história e levantou residência ao lado das ruínas históricas, onde, se valendo de sua criatividade, reuniu peças antigas e montou uma espécie de museu local. São deslumbrantes as peças encontradas, desde utensílios até fósseis de baleia e tubarão. E como se não bastasse, o dito cujo guardião ainda ergueu seu túmulo por trás das ruínas da igreja para garantir ali sua permanência após a sua morte.

Um detalhe interessante é que para chegar a essas ruínas é necessário seguir em uma estrada de barro batido, onde no meio dela encontra-se um ponto turístico bem conhecido, o “Pau Grande”. Na verdade, trata-se de uma árvore da família dos Baobás, árvore de origem africana com dimensões monstruosas que de cara desperta a curiosidade de qualquer visitante. A árvore resistiu à travessia do tempo e se tornou testemunha histórica dos acontecimentos de Pedro Velho.

Autoras: Marias de Marias

Texto 3

O desfile cívico de Pedro Velho encanta o público com sua criatividade

O desfile cívico escolar do dia 7 de setembro aconteceu na Avenida Professor Genar Bezerril, na parte da tarde, na cidade de Pedro Velho-RN, pelas escolas do município. Elas participaram desse momento em comemoração à independência do Brasil.

Estiveram presentes a prefeita da cidade, os vereadores. Os organizadores fizeram o que puderam para deixar o evento mais organizado.

As escolas apresentaram diversos temas relacionados ao nosso dia a dia e também à nossa cultura. Eles apresentaram coisas sobre a cidade e neste desfile teve apresentação das bandas escolares do município de Pedro Velho e de uma cidade vizinha.

O desfile da cidade já é tradição de muitos anos. Este evento reúne pessoas de todo município para ver as escolas, as bandas e os homenageados no desfile cívico. Os professores se empenharam na organização das suas escolas, também a Secretaria de Saúde desfila. Depois que todas as escolas desfilam, começam os desfiles da banda de Pedro Velho, Canguaretama, Piquiri, Montanhas e das escolas do município.

Autor: José de Josés

Texto 4

Feira da lua

Uma nova feira. Não é aquela que você está acostumado a frequentar. Há muitas novidades nela. Vamos todos conferir. Em novos tempos, também se organizam novas formas de produzir economia local.

Após algumas reuniões, empreendedores do nosso município se uniram para promover, feiras mensais na Praça Claudino Martins, em parceria com a Prefeitura. Teve artesanato, gastronomia e cultura.

O evento já aconteceu no dia 08 de setembro: Feira da Lua. Sucesso em várias cidades, a feira também contou com exibição de carros antigos e música ao vivo.

A feira tem por objetivo promover o crescimento para ajudar a cidade. Tem coisas boas para comprar: artesanatos para as pessoas, comidas e muito forró. Também vem muitas pessoas de outras cidades para olhar a festa e elas curtem muito a Feira da Lua, porque é uma coisa que quase todo mundo gosta.

Autores: Marias de Marias

Texto 5

A história de Pedro Velho

Como surgiu a nossa cidade? Sim, ela tem História. É uma linda cidade do litoral sul do Estado. Ela já foi chamada de Vila de Cuitezeiras e até de Vila Nova. Por que será?

Vamos conhecer parte da nossa História local.

Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, mais conhecido simplesmente como Pedro Velho, proclamou a república no Rio Grande do Norte, sendo seu primeiro governador.

A história de Pedro Velho tem muitos altos e baixos. Ele foi aclamado presidente em 17 de novembro de 1889, governando até 6 de dezembro de 1889.

Natural de Natal, nascido a 27 de novembro de 1856, faleceu em Recife-PE no dia 5 de dezembro de 1907. É filho de Amaro Borreto Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva Pedroza, esta filha de Fabricio Gomes Pedroza. Casou-se em 1º de abril de 1881 com Petrolina Erolinda Pedroza.

Médico, professor de Atheneu Norte-Rio-Grandense, evolucionista, fundou, em 27 de janeiro de 1889, o Partido Republicano do Rio Grande do Norte e em primeiro de julho de 1889 circula o primeiro número do jornal “A república”, órgão do PR. Foi deputado federal (1890 a 1893 e em 1896), governador em três períodos (17/11/1889 a 06/12/1889; 19/09/1889 a 08/11/1890; e 28/02/1892 a 31/10/1895) e senador da república (1897 a 1906 e de 1906 a 1907), sendo o chefe político mais poderoso de sua época. Criou o tribunal da justiça do Rio Grande do Norte, através da lei de Nº 12, de 9 de Junho de 1892 e instalando em 1º de Julho de 1892. É patrono da cadeira 15, da academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Autores: José de José

Texto 6

Feira da Lua- O Evento Cultural de Pedro Velho-RN

A cidade de Pedro Velho vive uma nova experiência não só econômica, mas sobretudo, cultural.

Venha conhecer a Feira da Lua. Será uma nova edição.

Artesanatos, comidas típicas, forró, dentre outras.

Ela já teve três edições e a quarta edição está prevista para novembro.

A Feira da Lua é um evento cultural, local familiar e de empreendedorismo, que foi realizado por Karol Azevedo, Sandra Souto e Raphael Fernandes. A primeira edição aconteceu no dia 12 de maio de 2018, na praça Claudino Martins, com exposição de carros antigos, apresentações artísticas e culturais, e a participação de 22 expositores locais, que venderam produtos artesanais e gastronômicos.

A Feira da Lua, na sua primeira edição, movimentou 6 mil reais. Já ocorreu mais duas edições (a 2ª ocorreu no dia 7 de julho e a 3ª no dia 8 de setembro), e a quarta edição está prevista para

novembro. Ela tem como objetivo principal a exposição, a divulgação e a venda de produtos artesanais. Ela ocorre a cada dois meses e tem apoio da prefeitura do município. Para participar da Feira da Lua é preciso pagar uma taxa de R\$10,00 e trabalhar nas áreas de artesanatos e gastronomia.

Autores: Marias de Marias

Texto 7

Acontecimentos da Vila Cuitezeiras

O rio Curimataú destruiu a vila no ano de 1991, e assim surgiu uma nova cidade: vila nova, atual cidade de Pedro Velho-RN

O território do município de Pedro Velho/RN, anteriormente denominado Vila de Cuitezeiras (coités ou cuités- cresentia cujete) e, depois, Vila Nova Cuitezeiras, antes de caminhar rumo à sua formação como cidade, se destacava como área pertencente ao Engenho Cunhaú, tendo como atividade dominante o cultivo da cana-de-açúcar. Durante quase três séculos a área do Cunhaú, localizada às margens do Curimataú, pertenceu aos Albuquerque Maranhão.

Na noite de 13/14 de maio de 1991, o Rio Curimataú destruiu a vila, as casas, os gados, os plantios e os depósitos. Hoje ainda se encontra de pé em ruínas apenas a Capela de Santa Rita de Cássia.

Pau Grande, da mesma família dos Baobás e de origem africana, a Samaumeira, conhecida como Pau Grande, é mais um dos pontos turísticos da cidade de Pedro Velho-RN. Suas dimensões imponentes embelezam, impressionam e chamam atenção de todos que a visitam.

Autores: Josés de Josés

Texto 7

O Pau Grande

Uma árvore tem se tornado sinônimo de nossa cidade. Em sua volta, há várias lendas.

É de uma espécie única da nossa região.

Vamos conhecer a Samaumeira.

Entende-se que o pau grande tem 107 anos e aproximadamente 35 metros. Há quem fale em 13 de altura e 46 entre 47 metros de largura, era mais conhecida como Samaumeira.

Ela é uma árvore de origem amazônica, está localizada nas proximidades da igreja de santa Rita que foi destruída há anos pela enchente.

Segundo a senhora Elvira Fidelix da Silva: alguns dizem que a árvore mais conhecida por pau grande veio de uma semente no meio da enchente e outros dizem que foi uma muda que plantaram.

Autores: Marias de Marias

Texto 8

A dança do boi-bumbá do folclore brasileiro

O Boi de Reis ou o Boi-Bumbá é um elemento cultural do nordeste brasileiro. Ele está presente na nossa comunidade. No distrito de Cuité há um grupo que preserva e divulga essa arte popular.

Bumba ou boi-bumbá é uma dança popular do folclore brasileiro. Ela existe em diversas cidades do Brasil, especialmente no Norte e Nordeste do país.

O boi-bumbá é uma dança muito famosa, composta por personagens humanos e por animais. Essa dança gira em torno de uma lenda sobre a morte e a ressurreição de um boi.

A festa do boi-bumbá tem ligação com diversas tradições, como as africanas, as indígenas, as europeias e as religiosas, especialmente a católica, sendo fortemente associada à festa junina.

O boi-bumbá do Cuité, no Rio Grande do Norte, é considerado atualmente, pelos estudiosos do assunto, como um dos mais autênticos que ainda existe no Brasil. O boi-bumbá teve início aproximadamente no final do século XIX e início do século XX.

A dança boi-bumbá pode ser vista no período de festas juninas e os participantes estão sempre se apresentando em várias cidades da região.

O boi-bumbá de Pedro Velho é um show de cultura popular, com danças, músicas e principalmente a lenda da morte e da ressurreição de um boi.

Os personagens da dança do boi-bumbá são: o capitão, o amo, o pai, o boi, a mãe, os vaqueiros, as índias, os caboclos, o burrinho, o cazumbá (dizem que é um ser que nem é homem e nem animal, ele é a fusão dos espíritos dos homens com os espíritos dos animais).

Autores: Josés de Josés

Jornal Mural 9: O Targino

Gênero textual/discursivo: Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA).

Contexto de produção: Os alunos-autores de uma das escolas participantes deste experimento de ensino-aprendizagem produzem relatos de suas experiências estudantis no Ensino Fundamental II.

Texto 1

Editorial

A escrita é uma prática social e interacionista, na qual os alunos-sujeitos ocupam o espaço via a língua(gem) para produzir

determinados efeitos de sentidos a partir das produções linguísticas.

Nesta edição do nosso Jornal Escolar, os alunos-autores produzem um Relato Reflexivo Pessoal de Aprendizagem (RRPA) abordando aspectos do percurso escolar vivenciado durante o Ensino Fundamental II.

A atividade textual é necessariamente, em nosso entender, uma prática interacionista. Neste sentido, a produção de um RRPA permite não só relatar, mas assumir a função-autor que todo texto demanda, mas colocar-se como sujeitos da ação de língua(gem).

Vamos conferir as produções textuais dos nossos autores e autoras!

Boa leitura para todos!

Texto 2

Minha jornada no XXXXX

Tudo se iniciou no 6º ano. Logo quando eu cheguei na XXXXX, eu pensei que seria muito difícil passar de série (pois me falaram que era muito difícil fechar o Ensino Fundamental II). Mas os dias foram se passando, fui me adaptando à escola e me conectando às pessoas e ao âmbito escolar, que era muito diferente para mim.

No sexto ano eu comecei a jogar e a representar a escola que eu estudo, pela primeira vez, e graças a Deus eu e meus colegas de time conseguimos representar a nossa escola. Ninguém acreditava na gente, e nós só viemos saber disso quando a gente ficou em segundo lugar, lá em Natal, depois de termos ganhado em primeiro em Nova Cruz. A professora de Educação Física falou para a gente que tinha inscrito o nosso time só para a gente brincar, mas a gente conseguiu mostrar que não entramos em competição para brincar. O sexto ano para mim foi um ano incrível e o ano que eu tirei mais notas altas em Inglês.

Em relação ao 7º ano, foi o ano que eu mais estudei para conseguir as notas mais altas da classe e graças a Deus eu consegui. Foi um ano de vitórias para mim, tanto na classe quanto na parte esportiva, pois eu creio que no terceiro bimestre eu já estava passado em todas as matérias. Também foi o ano em que o time do XXXXX ganhou títulos e competições. O sétimo ano foi um ano bem marcante na minha vida, pois amadureci muito e também aprendi muito.

Sobre o 8º ano, eu não tenho muito o que falar, pois foi o ano que a vontade de estudar estava sumindo. Eu chegava na sala, baixava a cabeça e não fazia quase nada na escola. Mas graças a Deus eu passei de série. E na parte esportiva, eu meus colegas de time conseguimos ganhar competições e trazer medalhas para casa.

O 9º ano está sendo, sem sombra de dúvidas, a série que eu menos me interessei e a série que eu tirei abaixo da média, mas tudo isso é porque eu não estou me interessando. Eu estou estudando com as pessoas que eu conheço de alguns tempos atrás e mantenho a mesma relação com todos eles, pois não mudou nada e para mim. Creio que até nessa atualidade o meu respeito continua igual com todos eles e creio que eles têm o mesmo por mim.

Sobre os meus sonhos eu não vou falar. Expectativas que eu tenho é que quero ser um homem sábio e ter o respeito de cada pessoa que me conhece e que vai me conhecer.

Um fato bem marcante na minha vida aqui na XXXXX, sem generalizar, foi quando o time da nossa escola ganhou o campeonato lá em Macaíba pela primeira vez, quando nosso time tinha carro de som e outros veículos e a gente saiu comemorando e fazendo zuada na rua.

Eu fui ensinado por vários professores: XXXXX, XXXXX... E alguns deles ainda continuam sendo meus professores.

Autor: José de Josés

Texto 3

O meu relato estudantil

Bom, a escola XXXXX é para mim muito importante, pois vivenciei nela os momentos principais da minha vida estudantil.

No 7º ano, que foi o meu primeiro ano na XXXXX, quando eu entrei na sala e vi aquela quantidade de meninos e meninas onde eu era só um deles, naquele momento eu só pensava em ficar quieto na minha, pois eram poucas as pessoas que eu conhecia na sala. Mas ao longo do tempo conheci novos colegas e professores.

Entre os meus colegas, alguns da sala bagunçavam e outros prestavam atenção no professor, e eu ficava na média, entre um e outro. Na sala, a minha aprendizagem era mais ou menos, pois de vez em quando eu conversava na hora da aula e acabava não prestando total atenção no professor. Mas com tudo isso ainda eu consegui aprender muito cálculos diferentes, e regras linguísticas, o que para mim era tudo novo.

Então chegou o fim do ano. Passei em todas as matérias, exceto Português, que foi o meu maior desafio no ano inteiro. Mas acabou que eu só precisava de 3 décimos e passei com orgulho de mim mesmo por saber que viria um novo ano onde seria tudo novo de novo.

Agora cheguei ao 8º ano com novas expectativas, novos aprendizados. Assim como no ano anterior quero passar de ano e mergulhar em mim novamente. Falando melhor do 8º ano, minha aprendizagem foi a seguinte: em Matemática eu aprendi produtos notáveis e equação do primeiro grau, que foi para mim a principal atividade que me destaquei no 8º ano; já em Português, por exemplo, eu aprendi metonímia e pronomes reflexivos. Assim como nas outras matérias, teve atividades que me destaquei.

Bom, saindo um pouco desse lado de aprendizado, vou falar sobre o sarau. O sarau que nós apresentamos, com o tema “Câmara Cascudo”, foi para mim outro destaque, pois ele reuniu

pessoas que fizeram parte da história de Câmara Cascudo, além de toda a escola estar presente naquele momento. Isso gerou um grande ciclo de aprendizado e, assim sendo, a nossa apresentação foi ótima.

Então chegou o terceiro bimestre, e percebi que no meu boletim tinha duas notas baixas: no primeiro bimestre, 4,5 em Português, e no segundo bimestre, 5,0 em Matemática, notas que eu precisava recuperar.

E já vem o final do quarto bimestre. Só fiquei em recuperação em Português e em Matemática. Assim como no ano anterior, esse ano fiquei logo em duas matérias. Não tô bem lembrado, mas parece que eu precisava de 5,0 em Português e 2,0 em Matemática para recuperar. Bom, assim foi o oitavo ano na XXXXX, E graças ao meu esforço cheguei ao 9º ano.

No 9º ano, percebi que esse ele seria o meu último ano na XXXXX, então percebi o nível de aprendizado que eu estava, pois ia ter IFRN e logo após esse ano eu iria para o Ensino Médio. Bom, nesse ano de 2019, no 9º ano, comecei o 1º bimestre já com dificuldade, pois tirei notas baixíssimas, principalmente na matéria de Português.

Pronto, chegou o 2º bimestre. Estudei, fiz a prova de Português para tentar recuperar a nota e novamente tirei uma nota baixa na média. A partir desse momento, percebi que tinha algo de errado comigo. Pelo fato de a matéria de Português ser a mais complicada para mim, e também por dar atenção aos meus colegas que conversavam, eu acabava não dando atenção ao professor. Assim sendo, chegou o 4º bimestre e não sei como vai ser daqui para frente.

O 9º ano para mim, junto com o 8º e o 7º ano, foi um grande círculo de aprendizado e conhecimento na escola municipal XXXXX por ter tido vários saraus, seminários e jornais murais.

Bom, só agradeço a todos os meus professores, por terem me acompanhado nessa jornada, aos meus colegas que fizeram trabalhos comigo, e também a toda direção da escola por ter proporcionado a melhor educação possível. Tenho muitos sonhos

e um dos principais sé me formar, mas agora no presente quero passar para o Ensino Médio, fazer cursos profissionalizantes, fazer a prova do ENEM, entre outros concursos públicos.

Autor: José de Josés

Texto 4

Meus anos marcantes no XXXXX

Cheguei na escola XXXXX no ano de 2016. Para mim, foi uma grande mudança: 45 minutos cada aula, professores para cada matéria. Com o passar do tempo, me acostumei, e ali no 6º ano começariam grandes amizades. Muitos colegas que já estudaram junto a mim estavam lá e também tinha várias pessoas novas.

Por sermos do 6º ano, ainda éramos crianças. A gente gostava sempre de brincar. Era muito divertido, mas com o tempo começaram a cair assuntos que eu nunca vi na minha vida. Posso dizer que o 6º ano foi um ótimo começo de Ensino Fundamental.

2017: ano em que a escola XXXXX recebeu um novo diretor. Ele tem uma careca que brilha no sol, sempre anda elegantemente... Estou falando de XXXXX. Com a chegada do diretor, eu já estava no sétimo ano.

O 7º ano posso dizer que foi o melhor ano estudantil, pois estudamos juntos até hoje (no 9º ano) com o novo diretor XXXXX. Ele abriu um novo projeto que a cada bimestre uma sala apresentava sobre alguém popular por fazer alguma arte, improvisação etc. Nossa turma ficou com o sarau sobre Dona Militana. Foi um ótimo sarau! Com esses novos colegas, eu e eles aprontamos bastante, tanto que no 7º ano tomei minha primeira suspensão e também minha primeira nota abaixo da média.

2018, 8º ano: muitos dos colegas foram para outra sala, outros foram para outras escolas... No 8º ano vieram assuntos extraordinários, como porcentagem (matemática), várias regras que tinha para poder fazer um texto (português)... No 8º ano também teve sarau, e nós ficamos com o tema “Câmara Cascudo”.

Visitamos a casa onde ele morava para podermos fazer a nossa apresentação, mas a pena não ter conhecido a Vila Olímpica em Nova Cruz.

Com minha grande chegada ao 9º ano, fiz um objetivo para mim mesmo: que não iria tomar mais nota baixa. Mas esse objetivo deu meio errado, porque rolou um 4,0 em inglês, mas uma nota baixa não faz mal, eu melhoro.

Meus colegas são os mesmos e fico muito feliz em concluir o ensino fundamental aqui no XXXXX, pois a escola está perfeita. Neste ano de 2019 tem ótimos professores, como XXXXX (Português) e XXXXX (Matemática). Teve a prova seletiva do IFRN. Não consegui passar. Eu até tive um bom desempenho na prova e agradeço muito aos professores do cursinho (XXXXX, XXXXX e XXXXX).

Autor: José de Josés

Considerações Finais

Há contextos que favoreceram mudanças significativas nas práticas de leitura e de escrita no âmbito escolar, saindo de uma prática reducionista de ensino-aprendizagem para novas abordagens, especialmente quando se passa a compreender a língua(gem) como uma prática interacionista. Essa nova visão foi discutida nos dois primeiros capítulos.

Essa abordagem encontra respaldo tanto nos estudos linguísticos e/ou aplicados quanto em documentos oficiais do governo, especificamente desde os PCNs (Brasil 1997a, 1998) até a publicação da BNCC (Brasil, 2018).

A língua(gem) é ao mesmo tempo um fenômeno complexo e multifacetado, seja na modalidade falada ou na escrita. Ainda é um desafio enxergar as relações existentes entre texto-gênero-discurso para muitos dos professores que atuam na Educação Básica. Se a língua se concretiza em textos, nada mais essencial do que estudar textos e suas participações em gêneros textuais/discursivos e em seus tipos, assim como discutimos nos capítulos três e quatro desta obra.

A ação pedagógica é sempre dinâmica e requer o emprego de formas que favoreçam eficientemente o processo de ensino-aprendizagem, e com relação ao trabalho com a leitura e a escrita e seus aspectos afins não poderia ser diferente. Há diferentes formas de realizar essa tarefa no ambiente escolar. No quinto capítulo apresentei e no sexto illustrei um experimento de ensino-aprendizagem que pode favorecer o desenvolvimento de competências e de habilidades de leitura e de escrita, também como resposta às transformações sociais e linguísticas que vivenciamos.

As mudanças começaram desde a criação da disciplina Linguística nos cursos de Letras ainda nos idos de 1960 e foram impulsionadas com a publicação da LDB N° 56692/71, passando pelo clássico livro organizado por Geraldi (1984), “O texto na sala de aula”; pela promulgação da Constituição Federal do Brasil, em 1988; pela criação da LDB N° 9394/96; pelos PCNs de Língua Portuguesa, em 1998; pelo Manifesto do Grupo de Londres, em 2000; pela publicação da BNCC, ou ainda pela criação de linhas diversas de pesquisas nos programas de pós-graduação de vários institutos federais, como também, pelas noções de letramento, letramentos (digital, acadêmico, entre outros), multiletramentos; e, também, pela abordagem crítica de ensino e aprendizagem adotada por Paulo Freire, como em o “Ato de Ler” (1989), dentre outros.

Todo esse conjunto de leis e publicações nos aponta para o que deve ser o ponto nevrálgico das aulas de Língua Portuguesa: práticas de leitura e de escrita, associadas com atividades de oralidade e de interpretação de textos variados, por exemplo. Com isso, busca-se reduzir o emprego de práticas reducionistas que envolvem apenas o texto escrito ou com foco apenas na literatura ou na gramática tradicional.

Mesmo admitindo que a realidade das escolas públicas e as condições de trabalho dos professores de língua(gem) nem sempre são favoráveis ao desenvolvimento de habilidades eficazes de leitura e de escrita, é possível centrar esforços no letramento escrito como uma alternativa de ensino-aprendizagem com vistas à efetivação de alunos-autores eficientemente comunicativos. Neste contexto, a realização de Jornal Escolar como um meio de favorecimento de ensino-aprendizagem no ambiente pedagógico é possível.

Referências

ALVES FILHO, F. **Gêneros Jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, M. de F. Leitura, compreensão de textos e formação docente. *In*: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Prática de Leitura e Escrita na Escola**: construindo textos e reconstruindo sentidos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. p. 71-114.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]. p. 3077-337.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]. p. 260-281.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BORTONE, M. E.; MARTINS, C., Regina B. **A construção da leitura e da escrita**: do 6º ao 9º do Ensino Fundamental. 3º ed. São Paulo: Parábola Editorial: 2008.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http:// portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf). Acesso em: 13 jun. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 7 novembro. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>: Acesso em: 13 jun. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 8.112, de 18 de abril de 1991**. Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Brasília, abril, 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112compilado.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/1996. BRASIL. Disponível em: <http://www.mec.gov.br.cne>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BRONCKART, J.-P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAFIEIRO, D. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor** - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; DUARTE, M. da C. **Artigo de Opinião: Sequência didática funcionalista**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.
- COULMAS, F. **Escrita e Sociedade**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. (Coleção Tópicos em Linguagem). Rio de Janeiro, 2007.
- DEVITT, A. Generalizing about Genre: New conceptions of an old concept. **College Composition and Communication**, v. 44, n. 4, p.573-586, 1993.
- DOLZ, J. (Live-Entrevista com o professor Joaquim Dolz). Disponível em: <https://youtu.be/GDtPit1zUf0>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo "gramática"?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FREIRE, J. B. **Questões de Leitura e de Escrita**: Aspectos Introdutórios. João Pessoa: Ideia, 2019.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. (Coleção polemicas do nosso tempo, 4). 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e Ensino**: Exercícios de militância e divulgação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Discurso e prática social. In: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. B. T.; MELO, I. F. de. **Análise de discurso Crítica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 78-103.
- GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para conhecer Aquisição da Linguagem**. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p. 15-61.
- KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? São Paulo: REVER – Produção Editorial, 2005.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I. G. V. **O Texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2016.
- LEONTE'EV, A. A. **Sprache – Sprechen - Sprechätigkeit**. Struttgart: Kohlhammer, 1971.
- LIRA, L. C. E.; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. B. Ta.; MELO, I. F. de. **Análise de discurso Crítica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 104-123.
- MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita**: atividades de retextualização. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARFANY, J.-L. **Sociolinguistics and Some of its Concepts**. *International Journal of the Sociology of Language* 206, 2010. p. 1-20.
- MARTINS, M. H. **O que é Leitura?** Editora Brasiliense. São Paulo: 1982.
- MELO, I. F. de. Histórico da análise de discurso crítica. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. B. T.; MELO, I. F. de. **Análise de discurso Crítica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 20-35.
- MILLER, C. R. **Genre as social action**. *Quarterly Journal of Speech*, n. 70, 1984.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. (Coleção passando a limpo). – São Paulo: Editora da Unicamp, 1988.

- RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Trad.: Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- SASSURE. F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blisksteim. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SCHNEUWLY, B. *et al.* (Org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- SOARES, I. O papel do tutor no desenvolvimento da lecto-escrita em ensino-aprendizagem. *In*: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Nas Trilhas do ISD: práticas de ensino-aprendizagem da escrita**. Campinas: Pontes, 2012. p. 259-298.
- SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.
- VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na Universidade: Fundamentos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA Jr., J. R. L.; SATO, D. B. T.; MELO, I. F. de. **Análise de discurso Crítica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 48-77.
- XAVIER, M. L.; ZEN, M. I. H. D. (Org). **Ensino da língua materna: para além da tradição**. Porto Alegre: Meditação, 1998.

Sobre o autor

Josenildo Barbosa Freire é graduado em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Guarabira/PB), em 2004. Especialista em Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) desde 2006. Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2011. Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2016. Professor de Língua Portuguesa da rede pública municipal e estadual de Educação (Pedro Velho e RN) de ensino na Educação Básica. Sua pesquisa acadêmica centra na perspectiva do uso da língua em contextos sociais, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1963, 1966,1972). Além de autor de obras coletivas, publicou vários artigos e capítulos de livros que versam sobre leitura e escrita. Também publicou em 2019, pela Ideia, “Questões de leitura e de Escrita: Aspectos Introdutórios” e, em 2023, pela Viseu saiu “Variação Linguística: o que dizem os textos escolares?”.
E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com

Paralelo à ressignificação do ensino de leitura, de produção e de reescrita de textos, outra postura que deve guiar o processo pedagógico, nas aulas de Língua Portuguesa, é assumir que o texto é, ao mesmo tempo, objeto e objetivo de ensino. Essa possibilidade está presente no fazer docente desde o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil, 1997a), por exemplo; e atualmente, orbita na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2028). Esses princípios podem auxiliar nas práticas de leitura e de escrita na esfera escolar.

Pedro & João Editores



ISBN 978-65-263-0905-0



9 786526 309050 >